

*ALICE GRAÇA SAMUEL SENGO*

**PROCESSOS DE ENRIQUECIMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS DE  
MOÇAMBIQUE**

**Maputo / Porto  
Universidade do Porto**

**2010**

*ALICE GRAÇA SAMUEL SENGO*

**PROCESSOS DE ENRIQUECIMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS DE  
MOÇAMBIQUE**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade  
de Letras da Universidade do Porto para obtenção  
do grau de Mestre em Linguística

**Maputo / Porto**  
**Universidade do Porto**

**2010**

ÍNDICE.....	2
AGRADECIMENTOS.....	4
<b>Dedicatória</b> .....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
1. ENQUADRAMENTO E COLOCAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA .....	8
2. HIPÓTESE DE PESQUISA.....	10
3. OBJECTIVOS DO ESTUDO .....	10
4. MOTIVAÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	11
5. DELIMITAÇÃO E METODOLOGIA DE PESQUISA.....	12
6. QUADRO TEÓRICO.....	13
7. ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO.....	14
CAPÍTULO I.....	15
A LEXICOLOGIA E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO/ ENRIQUECIMENTO .....	15
LEXICAL .....	15
1.1. CONCEITO DE LÉXICO .....	16
1.2. TEORIA DOS CAMPOS LEXICAIS .....	18
1.3. MOVIMENTOS NO LÉXICO .....	22
1.3.1. A neologia.....	23
1.3.2. Neologismos .....	24
1.3.2. Os empréstimos como neologismos .....	26
1.3.2.1.Causas dos Empréstimos .....	26
1.3.2.2 Tipologia de empréstimos .....	29
1.3.3.2.1. Empréstimos quanto à sua origem: empréstimos internos e empréstimos externos .....	29
1.3.3.2.2. Empréstimos quanto à sua função: necessários e de luxo.....	31
1.3.3.2.3. Empréstimos quanto à sua integração na “nova língua”.....	32
1.3.3. Aceitação / rejeição dos neologismos e/ou empréstimos lexicais .....	34
1.4.PROCESSOS LINGÜÍSTICOS PARA AMPLIAÇÃO DO LÉXICO .....	35
1.4.1. Composição.....	35
1.4.2. Derivação .....	38
1.4.3. Outros processos de formação de palavras .....	40
1.4.3.1. Siglação.....	41
1.4.3.2. Acrónimia.....	41
1.4.3.3. Amálgamas.....	41
1.4.3.4. Truncação ou abreviação vocabular .....	42
1.4.3.5. Reduplicação.....	42
CAPÍTULO II .....	43
ESTUDOS SOBRE O LÉXICO DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE.....	43
2.1. SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA DE MOÇAMBIQUE .....	43
2.2.O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA OFICIAL .....	45
2.3. PROCESSO DE MOÇAMBICANIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA .....	48
2.3.1. Noção de moçambicanização .....	48
2.3.3. Alguns aspectos sobre a norma linguística .....	53
2.3.3.1. Variedade pidginizada .....	54
2.3.3.2. Variedade misturada .....	55
2.3.3.3. Variedade normatizada .....	55
CAPÍTULO III.....	59
OS PROCESSOS DE ENRIQUECIMENTO E FOR DE PALAVRAS NO LÉXICO DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE .....	59
3.1. TIPO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	59
3.2. BREVES NOTAS SOBRE AS FONTES.....	59

3.2.1. Pequeno Dicionário de Moçambique – Moçambicanismos e termos.....	60
nativos mais correntes .....	60
3.2.2. Moçambicanismos – Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano .....	60
3.2.3. Minidicionário de Moçambicanismos .....	61
<b>3.3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>62</b>
<b>3.4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS .....</b>	<b>63</b>
3.4.1. Área das Cerimónias ou Feitos Tradicionais .....	63
3.4.1.1.1. Origem dos neologismos .....	63
3.4.1.1.2. Classificação dos neologismos .....	68
3.4.1.1.3. Processo de formação dos neologismos .....	71
<b>3.4.1.2. Campo lexical da PROTECÇÃO .....</b>	<b>72</b>
3.4.1.2.1. Origem dos neologismos .....	72
3.4.1.2.2. Classificação dos neologismos .....	73
3.4.1.2.3. Processo de formação dos neologismos .....	74
<b>3.4.1.3. Campo lexical da MORTE .....</b>	<b>74</b>
3.4.1.3.1. Origem dos neologismos .....	74
3.4.1.3.2. Classificação dos neologismos .....	76
3.4.1.3.3. Processo de formação dos neologismos .....	77
3.4.2. Área das PROFISSÕES / TRABALHO .....	77
3.4.2.1.1. Origem dos neologismos .....	77
3.4.2.1.2. Classificação dos neologismos .....	78
3.4.2.1.3. Processo de formação dos neologismos .....	79
3.4.2.2.1. Origem dos neologismos .....	79
3.4.2.2.2. Classificação dos neologismos .....	81
3.4.2.2.3. Processo de formação dos neologismos .....	81
3.4.2.3.1. Origem dos neologismos .....	82
3.4.2.3.2. Classificação dos neologismos .....	84
3.4.2.3.3. Processo de formação dos neologismos .....	84
3.4.2.4.1. Origem dos neologismos .....	85
3.4.2.4.2. Classificação dos neologismos .....	87
3.4.2.4.3. Processo de formação dos neologismos .....	88
3.4.2.5.1. Origem dos neologismos .....	88
3.4.2.5.2. Classificação dos neologismos .....	90
3.4.2.5.3. Processo de formação dos neologismos .....	91
3.4.2.6.1. Origem dos neologismos .....	91
3.4.2.6.2. Classificação dos neologismos .....	92
3.4.2.6.3. Processo de formação dos neologismos .....	93
3.4.2.7.1. Origem dos neologismos .....	93
3.4.2.7.2. Classificação dos neologismos .....	94
3.4.2.7.3. Processo de formação dos neologismos .....	94
3.4.2.8.1. Origem dos neologismos .....	95
3.4.2.8.2. Classificação dos neologismos .....	95
3.4.2.8.3. Processo de formação dos neologismos .....	96
3.4.2.9.1. Origem dos neologismos .....	96
3.4.2.9.2. Classificação dos neologismos .....	97
3.4.2.9.3. Processo de formação dos neologismos .....	98
<b>3.5. SÍNTESE DOS PROCESSOS DE ENRIQUECIMENTO DO LÉXICO NO PORTUGUÊS DE</b>	<b>98</b>
<b>MOÇAMBIQUE .....</b>	<b>98</b>
3.5.1. Origem dos neologismos .....	98
3.5.2. Classificação dos neologismos .....	100
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>106</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE - I .....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE - II .....</b>	<b>115</b>

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não dependeu apenas do meu empenho, por isso gostaria de manifestar o meu agradecimento a todos que de diferentes formas contribuíram para que esta pesquisa se efectivasse.

À Universidade Pedagógica e à Universidade do Porto, que tornaram possível a concretização do Curso de Mestrado em Linguística Portuguesa.

Ao Magnífico Reitor da Universidade Pedagógica, Prof. Doutor Rogério Utui, pelo encorajamento para a conclusão do trabalho na última fase da sua elaboração.

Ao Prof. Doutor Mário Vilela, meu orientador na primeira fase do trabalho, pelas valiosas contribuições dadas durante a realização desta dissertação.

Aos Professores Doutores Mário Vilela, Ana Maria Brito, Fátima Oliveira, Gregório Firmino e Rui Vieira de Castro, Professores do Curso de Mestrado, pelos valiosos ensinamentos transmitidos durante a formação.

À Professora Doutora Ana Maria Brito vai um agradecimento especial pela forma simpática e carinhosa com que me acolheu, o que fez com que a minha estadia no Porto fosse tranquila e proveitosa; pela sua constante preocupação, atenção e encorajamento para a conclusão da dissertação. Agradeço-lhe também pelos valiosos comentários, observações e sugestões que me deu sobre o trabalho. Por tudo isto, Muito Obrigada.

À Prof. Doutora Fátima Silva, pelas ricas sugestões e recomendações dadas para o melhoramento do trabalho na sua fase final.

À Prof. Doutora Hildizina Dias agradeço as ricas contribuições dadas durante a elaboração da presente pesquisa; agradeço também pela amizade demonstrada nesse momento.

Aos colegas do Curso de Mestrado e aos colegas do Departamento de Português da UP Maputo, especialmente a Orlanda Gomane, a Elda Santos, a Paula Cruz, a Cecília Mavale, o Paulino Fumo e o António Marques pela amizade e solidariedade, vão os meus sinceros agradecimentos; estes agradecimentos estendem-se à Lúcia Ribeiro, Samima Patel, Teresa Manjate, Ilda Neves pela amizade.

De forma muito especial, o meu obrigado aos meus irmãos, à minha mãe e ao meu filho Adilson, por todo o carinho dispensado.

À memória do meu pai

*Samuel Sengo,*

que sempre me incentivou a seguir a carreira de docência.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objecto de estudo o léxico do Português de Moçambique. O objectivo é estudar os processos de expansão do léxico do Português de Moçambique, com base em três dicionários de moçambicanismos de Cabral (1972), Lopes *et al.* (2002) e Dias (2002). Optámos pela pesquisa bibliográfica como metodologia e como principal ponto de partida para a investigação. A hipótese de pesquisa que norteou o nosso estudo é a de que a derivação e o empréstimo das línguas moçambicanas de origem Bantu constituem os processos mais produtivos na formação de palavras no Português de Moçambique.

O quadro teórico de referência para o estudo do léxico baseou-se nos estudos de Vilela (1979) e Genouvrier e Peytard (1973) para a Lexicologia; Cunha & Cintra (1984) e Bechara (1999) sobre os Processos de Formação de Palavras; Vilela (1994) sobre os Empréstimos e Carvalho (1983) sobre os Neologismos.

Os resultados do estudo possibilitaram concluir que: a) os neologismos predominantes constituem empréstimos das línguas moçambicanas de origem bantu; b) o processo de formação mais produtivo é a derivação; c) no que concerne à grafia dos neologismos, notam-se algumas oscilações no registo de algumas palavras; d) quanto à vitalidade destas palavras, é provável que algumas permaneçam em definitivo e outras desapareçam no Português de Moçambique.

### **Abstract**

The present research has as its main goal the study of the lexicon in Mozambique Portuguese. The objective is to study the processes of development of the lexicon in Mozambique Portuguese starting from three dictionaries of “mozambicanisms” by Cabral (1972), Lopes *et al.* (2002) and Dias (2002). The research hypothesis is that the derivation and the borrowing from Bantu languages are the most productive processes of word formation in Mozambique Portuguese.

The theoretical framework is based on the studies by Vilela (1979) and Genouvrier & Peytard (1973) for Lexicology; Cunha & Cintra (1984) and Bechara (1999) for Word Formation; Vilela (1994) for Borrowing and Carvalho (1983) for Neologisms.

The results of the study allowed to conclude that: a) the main neologisms are borrowings from Mozambique Bantu languages; b) the most productive process is derivation; c) in what the ortografy is concerned there are hesitations; d) as for the future, it is probable that some words remain in this variety of Portuguese; others will disappear.



## INTRODUÇÃO

### 1. Enquadramento e colocação do problema de pesquisa

A língua é uma entidade viva, não estática e como tal transforma-se continuamente, não deixando, contudo, de desempenhar a sua função principal, a de ser um instrumento de comunicação. Portanto, as mudanças que se verificam na língua resultam do seu carácter aberto e dinâmico.

O léxico, parafraseando Vilela (1994), constitui o subsistema mais dinâmico da língua, visto ser o elemento mais directamente chamado a configurar linguisticamente a realidade, ou seja, o que há de novo, e por isso, é nele que se reflectem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, económicas, sociais, culturais ou científicas. Afinal o desenvolvimento da sociedade é sempre paralelo ao desenvolvimento da língua utilizada por cada comunidade linguística.

Consequentemente, surgem novas palavras a partir de outras, ou atribuem-se novos significados a palavras já existentes na língua, ou ainda, tomam-se emprestadas palavras de outras línguas.

Este processo de desenvolvimento a que as línguas estão sujeitas permite a expansão e enriquecimento do léxico. Esta constatação é válida para todas as línguas humanas, incluindo a língua portuguesa falada em Moçambique.

Em Moçambique, este processo é bastante dinâmico se considerarmos a situação política, linguística e sócio-económica que caracteriza o país. Depois da proclamação da Independência, em Junho de 1975, Moçambique adoptou uma política linguística exoglóssica, tal como grande parte dos países africanos ex-colonizados, ao seleccionar uma língua não nativa, a língua portuguesa, como língua oficial, apesar de esta constituir uma língua minoritária, pois num universo de 12 milhões de habitantes apenas 1,2% da população moçambicana tinha o Português como língua materna e a maior parte desses utentes vivia em centros urbanos. A língua portuguesa era língua segunda para a maioria dos seus falantes que tinham uma língua materna do ramo bantu.

Portanto, é neste meio plurilingue e multicultural, caracterizado por sucessivas transformações políticas, económicas, sócio-culturais e tecnológicas, que os moçambicanos se encontram empenhados num processo de luta por uma estabilidade social e construindo uma identidade linguístico-cultural moçambicana. Esta situação favorece a formação de novas

formas de estar e de simbolizar o real, podendo-se afirmar que em Moçambique o convívio da língua portuguesa com outros idiomas e as sucessivas transformações criam condições para o surgimento de alterações e acréscimos lexicais à língua portuguesa e disso resulta a ampliação lexical por meio de vocábulos e de expressões.

No sentido de dar conta deste fenómeno, vários estudos vêm sendo realizados no país, os quais procuram reportar as mudanças que vem ocorrendo na língua portuguesa a vários níveis, a saber, sintáctico, semântico, fonológico e lexical.

Ao nível do estudo do léxico, pode-se falar da existência de algumas pesquisas, destacando-se os trabalhos de Cabral (1972), Carvalho (1991), Dias (1991) Firmino (1987), Gonçalves & Siteo (1999), Mendes (2000), Lopes *et al* (2002), Dias (2002b) e alguns estudos parcelares apresentados como dissertações de licenciatura na Universidade Eduardo Mondlane e na Universidade Pedagógica.

No entanto, verifica-se que tais estudos, na sua maioria, centram a atenção no levantamento dos neologismos, dos empréstimos, assim como na explicação das causas do seu surgimento. Em contrapartida, pouca investigação se tem desenvolvido, a nosso ver, sobre os processos linguísticos que norteiam a formação dessas palavras, ou seja, não se têm feito descrições desses processos, como também não se tem feito reflexão teórica que, por um lado, fundamente essas descrições e, por outro, permita uma melhor compreensão dos fenómenos de inovação.

Considerando o exposto acima, é pertinente formular as seguintes questões:

- Como se dá a expansão do léxico no Português de Moçambique?
- Que processos de formação de palavras são mais produtivos no Português de Moçambique?
- Quais as tendências do Português de Moçambique: bantuiização, anglicização ou inovação do léxico da língua portuguesa?

Associado a estas questões encontra-se um problema de investigação que pode subsumir-se na seguinte interrogação:

Será que a derivação e o empréstimo são os processos linguísticos que predominam na formação do novo léxico do Português de Moçambique?

## 2. Hipótese de pesquisa

Como hipótese de partida, e reflectindo a nossa preocupação pela forma como se dá o processo de expansão do léxico em Moçambique, assumimos, neste trabalho, o seguinte postulado: *A derivação e o empréstimo das línguas moçambicanas de origem bantu constituem os processos mais produtivos na formação de palavras no Português de Moçambique.*

## 3. Objectivos do estudo

A língua portuguesa foi escolhida como língua oficial após a Independência Nacional em 1975. Ao longo destes trinta e cinco anos, ela vem sofrendo mudanças, isto é, vai incorporando palavras novas, registando novos significados, mas também constata-se que outras palavras vão deixando de ser usadas e são esquecidas pelos falantes.

Sendo assim, parece-nos oportuno que os estudiosos se empenhem no sentido de registar, sistematizar e analisar as mudanças que se verificam na língua. Esta situação irá favorecer, por um lado, a conservação da língua portuguesa como património nacional com as suas especificidades identitárias; por outro lado, permitirá o conhecimento da evolução da sociedade moçambicana, já que as mudanças linguísticas acompanham as mutações que ocorrem na sociedade.

Outro aspecto importante tem a ver com a possibilidade de a partir daqui se definir o Português fundamental e as regras desse Português. Isso irá favorecer o acesso à informação pelo uso de uma norma que está próxima dos utentes do Português em Moçambique em vários domínios importantes (ensino, comunicação, justiça etc.).

Tomando como ponto de partida as questões levantadas e a hipótese de trabalho definida, estabelecemos como objectivo geral deste trabalho:

*- Estudar os processos de expansão do léxico no Português de Moçambique.*

À concretização deste objectivo subjaz o cumprimento dos objectivos específicos a seguir enunciados:

- (i) apresentar e explicar a origem dos neologismos e dos empréstimos do Português de Moçambique;
- (ii) classificar os neologismos e os empréstimos do Português de Moçambique;
- (iii) descrever os processos linguísticos de formação de palavras patentes no *corpus* em estudo;

- (iv) analisar e indicar os processos mais produtivos na formação de palavras do Português de Moçambique.

#### **4. Motivação e justificativa**

A escolha do léxico como objecto de estudo no presente trabalho deveu-se ao facto de, como afirmámos anteriormente, ser o léxico o núcleo, a base da denominação das coisas, melhor dizendo, é o léxico que configura imediatamente a realidade extralinguística.

Outra razão que reforçou esta escolha tem a ver com o facto de ser a nível lexical da língua que melhor se regista uma possível co-variação sistemática entre a estrutura sócio-cultural e a estrutura linguística. Basta recordarmo-nos de que mesmo as palavras consideradas equivalentes entre diferentes línguas não são usadas sempre nas mesmas situações nem se situam nos mesmos grupos semânticos, podendo dizer-se que cada língua organiza à sua maneira os dados da sua experiência.

Considerando que a língua é um sistema sócio-cultural, interessou-nos verificar como os moçambicanos se apropriam da língua portuguesa na tentativa de melhor representar o contexto sócio-cultural, sócio-económico e sócio-político de Moçambique, isto é, a procura de uma adaptação à sociedade moçambicana; ou ainda, como e com que palavras simbolizam, categorizam a realidade que os circunda.

O que faz com que o estudo do léxico seja interessante, necessário e actual é que além de testemunhar a criatividade lexical dos usuários da língua, tem profunda ligação com as modificações do mundo exterior e com as disciplinas extralinguísticas que precisam de nomear linguisticamente as novidades ao nível das práticas sociais, avanços tecnológicos e outras.

Numa outra perspectiva, o estudo do léxico em Moçambique mostra-se particularmente relevante porque sendo a língua portuguesa uma conquista, um bem adquirido de extrema importância, tal como foi a Independência Nacional de Moçambique em 1975, para que esta conquista seja efectiva, torna-se necessário que a língua portuguesa seja assumida como um instrumento de comunicação e parte integrante do património cultural moçambicano. Assim sendo, é importante que reflita as particularidades do espaço onde ele é usado, pois só assim se tornará mais expressivo e mais aceite como algo que pertence àqueles que o adoptaram.

Por outro lado, há necessidade/urgência de registar o léxico do Português de Moçambique, pois podemos verificar que, pelo menos ao nível lexical, existem diferenças

entre o Português de Moçambique (PM) e o Português Europeu (PE), dado o facto de a língua portuguesa em Moçambique estar em contacto permanente com outras línguas (principalmente, as línguas do ramo bantu e a língua inglesa)<sup>1</sup>.

Neste contexto, acreditamos que a realização de estudos sobre as mudanças lexicais do Português de Moçambique vai possibilitar, no futuro, a descrição e a padronização da variante do Português Moçambicano.

Com base nesses princípios, este trabalho procura contribuir para o conhecimento, ainda que parcial, do Português falado em Moçambique e, mais concretamente, para o estudo da variedade do Português moçambicano no plano lexical.

## 5. Delimitação e metodologia de pesquisa

O estudo do léxico de uma língua como um todo só é possível definindo parâmetros ou linhas que perspectivem as dimensões que se pretendem abranger na análise. Isto é motivado pela multiplicidade de aspectos que envolvem o léxico e pela diversidade de perspectivas em que pode ser abordado.

Acontece também que para que se estude uma questão com um mínimo de profundidade, é necessário que se faça uma delimitação muito clara dos aspectos a analisar. Obviamente que essa delimitação tem de ser claramente explicada por forma a permitir um melhor enquadramento do leitor dentro da linha de abordagem que se pretende seguir.

No presente estudo, a delimitação consistiu na selecção de três fontes (três dicionários de moçambicanismos) para a obtenção de dados, de modo a restringir e melhor caracterizar o *corpus* a estudar. Dentro dos dicionários de moçambicanismos, foram seleccionadas algumas palavras e agrupadas em campos lexicais. Estas palavras pertencem a domínios diferentes, isto é, umas pertencem ao domínio familiar e formal (oral e/ou escrito).

No que diz respeito ao objecto de estudo, isto é, à delimitação do tipo de abordagem a realizar, consideramos pertinente a descrição e análise dos processos de formação de palavras (moçambicanismos), considerando apenas os mais tradicionais (composição e derivação) mesmo com a consciência de que existem outros processos que poderiam ser analisados.

No concernente à metodologia de trabalho, a nossa investigação será bibliográfica, já que assenta basicamente sobre dados recolhidos de fontes escritas, isto é, trabalhos de pesquisa realizados por pesquisadores moçambicanos nesta área, nomeadamente Cabral (1972), Lopes *et al.* (2002) e Dias (2002b).

---

<sup>1</sup> Mais adiante, no capítulo II, explicitaremos melhor este aspecto.

A recolha tinha em vista palavras do quotidiano moçambicano, ou seja, palavras da área social, económica, cultural, pois estas parecem ser as áreas mais produtivas no que diz respeito às entradas de novas palavras no léxico do PM. Esta opção surge pelo facto de considerarmos interessante o novo léxico que surge acompanhando as diferentes ou novas formas de vida adoptadas pelos moçambicanos, na procura de fazer face à nova realidade sócio-económica e sócio-cultural do País.

## 6. Quadro teórico

O quadro teórico de referência para o estudo dos processos de formação do léxico no presente estudo é a Linguística, mais concretamente, a Lexicologia Descritiva. A Lexicologia Descritiva, de acordo com Genouvrier & Peytard (1973), procura situar-se em relação à gramática e à semântica e reflecte sobre os instrumentos que permitem um levantamento exaustivo e uma exploração rápida do léxico; procede à análise do léxico em campos lexicais; procura, na prática lexicográfica, matéria de reflexão sobre si própria; enuncia os problemas do processamento estatístico das palavras; analisa as estruturas do vocabulário literário, etc<sup>2</sup>.

Dentro da Linguística e da Lexicologia, apoiar-nos-emos em Vilela (1979) e Genouvrier e Peytard (1973), com a teoria dos Campos Lexicais; as Gramáticas de Cunha & Cintra (1984), Bechara (1999) e Mateus *et al.* (2003) serão importantes no capítulo que versa sobre os Processos de Formação de Palavras. Tomaremos ainda como ponto de referência Vilela (1994) e Carvalho (1983) sobre para a questão dos Empréstimos e Correia (2003) e outros para os Neologismos.

A explicação de alguns fenómenos do Português de Moçambique serão fundamentados, basicamente, pelas obras de Ferreira (1988), Gonçalves (1992), Lopes (1997), Firmino (2002) e Dias (2003), no que se refere às Origens Históricas da Moçambicanização do Português.

Serão ainda evocados outros autores nos pontos em que considerarmos relevante atender às propostas por eles defendidas.

---

<sup>2</sup> Para uma reflexão mais extensiva sobre o objecto e objectivos da Lexicologia enquanto disciplina linguística, bem como as suas relações com outras disciplinas, ver Olano (2004: 1-24).

## 7. Organização do estudo

No sentido de proceder à consecução dos objectivos propostos para o objecto de trabalho estabelecido, estruturamos este trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, *A Lexicologia e os Processos de Formação/Enriquecimento Lexical*, fazemos a revisão da literatura relativa ao conceito de léxico e às teorias linguísticas relacionadas com o processo de formação de palavras na língua; esta revisão tem como objectivo fornecer subsídios para uma melhor compreensão e interpretação dos resultados a serem apresentados no decorrer do trabalho, permitindo-nos ainda fundamentar as escolhas em termos de princípios teóricos.

O segundo capítulo, *Estudos sobre o Léxico do Português de Moçambique*, procura caracterizar e sintetizar estudos feitos no país sobre o léxico do Português de Moçambique ao mesmo tempo que faz um enquadramento da situação linguística de Moçambique tendo em vista uma melhor percepção do contexto em que as novas palavras emergem.

O terceiro capítulo, *Os Processos de Formação de Palavras no Léxico do Português de Moçambique*, inicia com uma breve abordagem sobre os procedimentos metodológicos adoptados, ou seja, mostra como e com que instrumentos realizamos a pesquisa, que técnicas foram usadas na recolha de dados e como os mesmos serão analisados. De seguida, discutem-se aspectos ligados aos processos linguísticos de formação/enriquecimento lexical, focalizando o léxico específico de Moçambique.

Finalmente, na parte do trabalho referente à *Conclusão*, aferimos do grau de validade da hipótese de trabalho colocada, avaliamos os resultados obtidos na análise de um corpus e apresentamos um sumário relativo às principais contribuições do trabalho para o estudo do novo léxico do Português de Moçambique.

O trabalho encerra com a *Bibliografia* e os *Apêndices*.

## CAPÍTULO I

### A LEXICOLOGIA E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO/ ENRIQUECIMENTO LEXICAL

A Lexicologia, de acordo com Vilela (1994:10), consiste no estudo científico do léxico de uma língua, tendo como objecto o seu relacionamento com os restantes subsistemas da língua, incidindo sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações. Portanto, a Lexicologia tem por função fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico duma língua.

Crystal (1988:158) chama a atenção para não se confundir a Lexicologia com a Lexicografia, pois esta pode ser considerada um ramo da Lexicologia Aplicada. A Lexicologia refere-se ao estudo global do léxico de uma língua (a formação de palavras, a morfologia, a sintaxe, incluindo a história das palavras, ou seja, a etimologia). Entende-se por Lexicografia a arte e a ciência da confecção de dicionários, ou a reflexão sobre os mesmos<sup>3</sup>.

Importa também referir que a Lexicologia, de acordo com Vilela (1994:10), não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico. A sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no seu aspecto interno, como no aspecto da forma.

A Lexicologia inter-relaciona-se com a Gramática e com a Semântica: um elemento do léxico pressupõe sempre a inclusão numa classe de palavras, as quais têm um certo valor semântico que estabelece a sua compatibilidade com determinadas categorias e funções.

Mas afinal, o que é o léxico?

---

<sup>3</sup> Mas, como afirma Genouvrier & Peytard (1973:342) é evidente que o lexicógrafo não pode tratar do léxico, fazer listas do mesmo e definir-lhe termos sem ter, mesmo que de maneira pouco consciente, uma concepção teórica do conjunto lexical sobre o qual trabalha; em compensação, o lexicólogo não pode passar sem os dicionários.



### 1.1. Conceito de léxico

O léxico de uma língua natural pode ser visto, segundo Vilela (1979:9), sob duas acepções: como dicionário de uma língua e como competência lexical.

#### O léxico como *dicionário*

consiste num conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras e locuções) duma língua, listadas em ordem alfabética num dicionário e subordinadas, no caso das palavras flexionadas, à unidade linguística que metalinguisticamente as representa (palavras semânticas ou lexemas), e que incluem informações fonéticas ou fonológicas (transições), morfológicas (flexões) e sintáctico-semântico (os exemplos). O léxico como dicionário é um conjunto essencialmente irregular de entradas lexicais – Vilela (1979:10).

#### Como competência lexical,

compreende um sistema de possibilidades, no locutor/ouvinte ideal, que abrange as palavras reais (o carácter aberto do léxico não permite um envolvimento exaustivo das palavras reais) pautadas pela norma (documentadas) e ainda as palavras possíveis (com base nas regras de formação) aceites pela norma – (Vilela 1979:10).

Deste modo, sintetizando as definições acima, o léxico é a totalidade das palavras de uma língua, de uma actividade humana (dicionário); ou ainda, o saber interiorizado (competência lexical), por parte dos falantes pertencentes a um grupo sociolinguístico-cultural de uma comunidade linguística, acerca das propriedades lexicais das palavras (propriedades fonético-fonológico-gráficas, propriedades sintácticas e semânticas).

Genouvrier & Peytard (1973:279) definem o léxico como o conjunto de palavras que num dado momento estão à disposição do locutor. São as palavras que ele pode, oportunamente, empregar e compreender; constituem o seu léxico individual. No tratamento do léxico, estes autores diferenciam o *léxico* do *vocabulário*. Segundo eles, o vocabulário é o conjunto das palavras efectivamente usadas pelo locutor num acto preciso de comunicação. O vocabulário é a actualização de certo número de palavras pertencentes ao léxico individual do locutor<sup>4</sup>.

Assim, estes autores afirmam que o vocabulário e o léxico acham-se em relação de inclusão: o vocabulário é sempre uma parte de dimensões variáveis conforme as solicitações de momento do léxico individual que, por sua vez, faz parte do léxico global.

---

<sup>4</sup> Para Vilela (1994:15), o vocabulário é uma subdivisão do léxico.

Contudo, Dubois (1993) ao distinguir o léxico (unidades da língua) de vocabulário (unidades da fala) sugere que o termo vocabulário fica plenamente motivado nos estudos sobre *corpus* especializados: vocabulário da aviação, vocabulário político, etc.

Esta distinção é também formulada por Correia (2003), que define o léxico como

conjunto virtual de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua. Caracterizam o conceito vocabulário como conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registo linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorreram de facto nesse discurso.

Na abordagem do léxico é necessário também distinguir as noções de *léxico total* de uma língua, do *léxico comum* de um determinado estado da língua. O *léxico total*, que é a reunião de idioletos, compreende todas as palavras empregues por todos os usuários. O *léxico comum* é formado pelas palavras comuns a todos os usuários: é a intersecção de idioletos.

O léxico de uma língua visto numa perspectiva funcional conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade, uma vez que regista as diferentes mutações ocorridas na sociedade, enfim, as diversas formas de conhecimento que nela se instauram. Quer isto dizer que o léxico usado por uma comunidade reflecte a história dessa comunidade. A esta concepção de léxico é possível associar uma dupla posição teórica. Assim, de acordo com Vilela (1979:33), o léxico, em algumas correntes, tem sido apresentado como algo caótico devido à sua heterogeneidade e complexidade, já que, por um lado, constitui reflexo do real que é complexo e heterogéneo e, por outro, o seu carácter dinâmico e aberto remete-nos para algo não finito, não previsível, irregular, daí a dúvida a respeito da sua cientificidade.

A esta posição de dúvida quanto à possibilidade de estudar o léxico de forma científica opõem-se algumas teorias que procuram mostrar a sua cientificidade, definindo alguns modelos de análise lexical, sob diferentes perspectivas, como adiante poderemos observar<sup>5</sup>. Isto mostra que o léxico de qualquer língua não é constituído por unidades isoladas, apresenta estruturas lexicais e determinadas relações que lhe conferem uma certa sistematicidade.

No contexto do presente estudo, há três vectores fundamentais que se interligam, embora remetam para níveis de análise diferente, e devem ser equacionados no tratamento dos processos de enriquecimento do léxico do português de Moçambique. O primeiro relaciona-se

---

<sup>5</sup> Apresentamos apenas algumas teorias que consideramos relevantes para este estudo.

com o modo como o léxico se organiza no sentido da criação de valores de similitude e oposição dentro de campos lexicais. O segundo diz respeito à forma como se processam movimentos no léxico, sobretudo ao nível da adição, permitindo explicar o fenómeno da neologia e dos empréstimos, neste trabalho considerados como formas de neologia em frequentes situações. Finalmente, o terceiro explicita sumariamente os principais processos regulares e irregulares de formação de palavras em Português, dando conta da forma como é possível operar a adição de novas unidades no léxico de uma língua. Esta será a sequência seguida nas secções subsequentes deste capítulo, não constituindo uma ordenação aleatória, mas antes uma forma consciente de partir da consideração da organização do léxico em campos, na medida em que a partir dela será possível explicitar de forma mais clara a entrada de novas palavras em certos domínios da experiência do povo moçambicano e, em análise ulterior, descrever os processos ocorrentes na formação desses neologismos.

## **1.2. Teoria dos campos lexicais**

Quando se desenvolveu a linguística estrutural, cujo apogeu se deu na década de cinquenta, a Semântica foi posta de lado devido ao número ilimitado de unidades léxicas e à organização bastante livre dessas unidades tratadas pela Semântica. Isto levou a que os linguistas considerassem praticamente impossível aplicar para a ciência do significado os mesmos métodos estruturais empregues na Fonologia, na Morfologia e, em menor grau, na Sintaxe.

As hesitações dos linguistas em se dedicarem às pesquisas sobre a significação têm a ver, por um lado, com o retardamento histórico dos estudos semânticos; por outro lado, com as dificuldades relativas à definição de seu objecto, considerado como “substância psíquica”; e ainda, com a indeterminação do formalismo que, não lhe sabendo precisar o objecto, emprestou-lhe um carácter behaviorista e considerou-a desprovida de sentido.

A teoria dos campos lexicais, de acordo com Vilela (1979:43), aparece originariamente com Jost Trier (1934b / 1973:146), como resultado de teorias ou práticas anteriormente desenvolvidas (análise distribucional, Lexemática).

Para Trier, citado por Vilela (1979:46),

o léxico dum língua não é um Thesaurus de palavras em que sejam acumulados os conhecimentos e as experiências dum povo, mas sim a de um

todo, uma globalidade articulada, uma estrutura composta de domínios parciais (campos) que se subordinam ao todo.

As noções de sistema e de articulação são noções básicas na teoria de Trier, que considera que os campos articulam o léxico total e constituem o intermediário entre a palavra individual e o todo do léxico.

Tanto a palavra assim como o campo lexical pertencem ao domínio da língua (*langue*) e a sua análise e funcionamento situam-se na sincronia.

Dando continuidade à teoria dos campos lexicais de Trier<sup>6</sup>, Leo Weisgerber, citado por Vilela (1979:46), introduz inovações à teoria, ao elaborar uma tipologia dos campos lexicais e um método de análise, ao inserir a teoria dos campos num conjunto de princípios determinantes do conteúdo da língua. Significa que Weisgerber tornou a teoria de campos lexicais de Trier numa teoria linguística mais completa, com mais precisão de doutrina e método e com uma terminologia muito clara.

Portanto, é a partir daqui, da teoria lexical dos campos lexicais e com um tratamento estrutural, que se constroi uma teoria apropriada para a análise paradigmática do léxico.

O campo lexical é, segundo a perspectiva estrutural,

um paradigma lexical formado pela articulação e distribuição de um contínuo de conteúdo lexical por diversas unidades existentes na língua (palavras) e que se opõem entre si por meio de simples traços de conteúdo (*semas*); isto é, o campo lexical compreende um conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposições imediatas - Vilela (1979: 26).

Os termos *arquilexema*, *lexema*, *sema* e *dimensão* constituem conceitos importantes na análise do léxico em campos lexicais. Assim, Vilela (1994: 33) equaciona as coisas de modo seguinte:

O campo lexical é o paradigma constituído pela repartição de um contínuo de conteúdo (lexical) por diferentes unidades da língua – os *lexemas* -, unidades que se opõem entre si por traços mínimos de conteúdo - os *semas*. Os traços comuns a todos os *lexemas* do campo constituem o *arquilexema*, que pode ser ou não ter correspondência *lexemática* na língua, o *arquilexema*.

O *arquilexema* constitui a unidade que corresponde ao conteúdo total de um campo lexical, unidade que pode existir como *lexema*, mas não necessariamente. Por exemplo, *coisa*,

---

<sup>6</sup> Aponta-se como mérito de Trier o facto de ter elaborado uma teoria e de ter aplicado essa teoria ao campo lexical de “aviação escolar” e ao domínio parcial do “campo intelectual”.

*ser*, *animal* são lexemas arquilexemáticos enquanto os adjectivos de idade (novo/jovem/velho) são campos sem lexema arquilexemático. O lexema é a unidade de conteúdo do campo lexical. O lexema exige a existência de uma palavra correspondente na língua. Os semas são as unidades menores constituídas por traços distintivos de conteúdo e constitutivas dos lexemas.

A *dimensão*, na esteira de Vilela (1979), é o critério implicado por uma oposição, o critério que estabelece o ponto de vista duma determinada oposição, isto é, é o que constitui sempre suporte implícito duma distinção funcional, como por exemplo, nos adjectivos relativos à temperatura (*frio/fresco/morno/quente*) em que existe a dimensão do grau relativo de temperatura constatada pelo sentido térmico.

No concernente à tipologia, os campos são classificados segundo a sua configuração, o seu significado objectivo e a sua expressão.<sup>7</sup> A configuração dos campos lexicais depende do número e disposição das dimensões semânticas e dos tipos formais de oposição.

Ainda de acordo com Vilela (1994), os campos lexicais são classes relativamente abertas e implicam uma delimitação interior e exterior. O campo lexical é identificado, interiormente, pela existência de oposições. A delimitação externa do campo dá-se quando o traço distintivo que funciona é o do próprio campo e não outro sema qualquer.

A *classe lexical* é, por sua vez, o conjunto constituído pelos lexemas que, independentemente da estrutura do campo lexical, se encontra organizado por um traço comum de conteúdo. A classe lexical manifesta-se pela distribuição gramatical ou lexical: «os lexemas pertencentes a uma mesma classe lexical comportam-se gramatical e lexicalmente de um modo análogo» (Vilela 1994:33, citando Coseriu, 1967:294).

O clasema é o traço de conteúdo definidor de classe, classe lexemática e classe gramatical. Por exemplo, *ser vivo / ser não vivo / ser não-humano / coisa* correspondem a classes de natureza lexemática enquanto *masculino / feminino/ neutro* a classes gramaticais que se combinam com as classes lexemáticas.

Em termos práticos, podemos ilustrar o que temos vindo a dizer, recorrendo ao *campo lexical de assento* de B. Pottier (1963), e ao *campo lexical de habitação* de G. Mounin (1965), apud Vilela (1979:80).

O *campo lexical de assento*, isto é, o arquilexema *assento* pode ter como lexemas (classe lexical) *cadeira, poltrona, sofá, banco, canapé, senhorinha* que se diferenciam pelos

---

<sup>7</sup> Ver Vilela (1979: 65-69) para mais informações.

semas seguintes: objecto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, com pés, feito de material rijo, etc.

*O campo lexical de habitação* de G. Mounin (1965)<sup>8</sup>, engloba lexemas pertencentes a variedades diatópicas, diastráticas e um grande número de elementos sémicos (semas e dimensões) o que torna muito complexo o seu tratamento.

Assim, é possível efectuar-se a sua análise através de dimensões que caracterizam o léxico da habitação no seu conjunto e estabelecer uma série de sub-campos tratados separadamente. Por exemplo, definem-se como dimensões “para homens/ para animais; finalidade da habitação (destino primário/ destino secundário), duração da utilização do material de construção.

Trata-se de uma proposta mais genérica de abordagem do que de uma análise em traços distintivos específicos de cada lexema.

O conteúdo arquilexemático pode apresentar-se como lugar construído para habitação. Deste conteúdo, realizado pela palavra casa, constroem-se diferentes dimensões. A primeira dimensão seria a que distingue habitação humana da habitação dos animais (*canil, estábulo, ninho, curral...*). A segunda dimensão distingue entre habitação dos vivos/habitação dos mortos (*mausoléu, sepultura, supulcro, túmulo, jazigo, campa...*). a terceira dimensão pode ser estabelecida em habitação dos vivos / entre lugar construído / lugar não construído: lugar construído para habitação humana / lugar construído para as ocupações humanas (*consulado, embaixada, quiosque, loja, armazém, oficina...*).

Lugar construído para habitação humana: lugar construído propriamente para habitação; lugar secundariamente para habitação. Habitação dos vivos construído primariamente para habitação humana, poder-se-ão acrescentar as articulações dimensionais seguintes:

- a) habitação habitual / habitação não habitual;
- b) no centro / não no campo;
- c) de pouco valor / de muito custo;
- d) pequena / não pequena;
- e) modo de construção habitual / não habitual.

A partir daqui poder-se-á fazer a análise sémica específica de cada lexema dentro de cada dimensão em que estiver incluído o material de construção, modo de construção, etc.

---

<sup>8</sup> G. Mounin (1965), citado por Vilela (1979).

Esta maneira de olhar, de estudar o léxico permite-nos perceber as relações internas e externas que as palavras estabelecem e, nesse sentido, apreender as motivações inerentes à contínua produção de movimentos no léxico.

### **1.3. Movimentos no léxico**

A língua constitui uma entidade que evolui com o tempo, transforma-se e vai adquirindo formas próprias em função do seu uso por comunidades de falantes específicos; ou melhor, adquire novos valores sociolinguísticos, ligados às novas perspectivas da sociedade, que também muda.

A mudança linguística afecta todas as componentes da língua (fonológica, morfológica, sintáctica, semântica e pragmática), sendo a área do léxico onde a mudança é mais notória. Esta situação decorre fundamentalmente do facto de, segundo Correia (s/d:60), não sendo a componente lexical uma componente tão estruturada como, por exemplo, as componentes fonológica ou sintáctica, e sendo o conhecimento lexical mais consciente, porque constituído não só por regras, mas sobretudo por itens, a mudança pode ocorrer de modo mais “livre” e rápido, afectando unidades e não tanto a estrutura do léxico. Por outro lado, sendo através de unidades lexicais que melhor configuramos linguisticamente a realidade que nos circunda, assim como o conhecimento que possuímos sobre essa realidade, é de esperar que o léxico reflecta mais clara e directamente todas as alterações, todas as mudanças ou inovações, toda a evolução (política, económica, social, cultural, científica) que a sociedade vai sofrendo.

Deste modo, o léxico apresenta-se como sendo a componente mais afectada pela mudança devido ao seu carácter dinâmico e aberto. Tal situação, por um lado, acarreta como consequências a entrada em desuso de certas palavras da língua; por outro lado, novas unidades lexicais entram para a língua.

Portanto, podemos afirmar que em virtude de toda a língua estar numa perpétua evolução, nela concorrem duas forças opostas: uma que determina a conservação de termos clássicos do idioma e outra que motiva, no nível lexical, a criação de novos termos, os *neologismos*.

### 1.3.1. A neologia

O termo *neologia*, de acordo com o *Dicionário de Termos Linguísticos* (1992), tradicionalmente, apresenta duas acepções distintas. A primeira acepção traduz a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos. Essa incorporação pode ser realizada de forma consciente ou inconsciente, pelo recurso aos mecanismos de formação de palavras da língua. A segunda, entende a neologia como o estudo (observação, registo e datação, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua.

Segundo Boulanger (1988), *apud* Mendes (2000:57), o termo neologia, que também se enquadra nas acepções apresentadas anteriormente, designa “*sempre o processo de criação de unidades lexicais novas ou terminológicas, pelo recurso consciente ou inconsciente ao arsenal de mecanismos de criatividade linguística habituais de uma língua*”.

Para Bastuji (1974) a neologia postula um sistema, um conjunto de regras e condições que constroem a criação, a marca e o emprego destas unidades novas.

Na esteira de Marcellesi (1974:95)

a neologia também pode ser definida como produção de unidades lexicais novas, seja por aparição de uma forma nova, seja por aparição de um som novo a partir de um mesmo significante.

Guilbert (1975:31) define a neologia lexical pela possibilidade de criação de novas unidades lexicais com base nas regras existentes no sistema lexical. Tal criatividade lexical pode ser de quatro tipos:

- i) *Denominativa*, que resulta da necessidade de nomear objectos, conceitos, experiências novas, ou melhor, de configurar novas realidades antes inexistentes.
- ii) *Criação neológica estilística*, que diz respeito à procura de uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias não originais de uma forma nova, ou para exprimir de modo inédito certa visão do mundo. Estes neologismos que existem primeiramente apenas ao nível do discurso, são geralmente formações efémeras, entrando raramente no sistema da língua, pois tendem a desaparecer rapidamente. São muito frequentes no discurso humorístico, jornalístico (sobretudo ao nível dos títulos pelos caracteres original e apelativo que estes devem apresentar), bem como na crónica política.



- iii) *Neologia da língua*, que considera que as unidades lexicais do discurso que, por não se distinguirem das restantes unidades lexicais da língua (correspondem a actualização da competência derivacional dos falantes), não despertam qualquer sentimento de novidade. São processadas, na comunicação, quer ao nível da percepção, como sintagmas, levando em conta as suas partes constituintes, bem como a sua posição relativa, o que faz destas unidades neologismos registados nos dicionários representativos da língua em questão.
- iv) *Poder gerador de certos elementos constituintes*: em certas épocas, por factores extralinguísticos, determinados formantes de palavras (já existentes ou novos) “ficam em moda”, dando origem a inúmeras unidades lexicais novas.

Portanto, as várias definições apresentadas parecem todas convergir no facto de ser a neologia um ramo da Lexicologia que se ocupa do surgimento de novas unidades lexicais na língua para designar novas realidades.

A neologia manifesta-se na língua corrente (neologismos de língua), que é usada na comunicação do dia a dia pelos falantes de uma mesma comunidade linguística ou na língua de especialidade (neologismos terminológicos), que constitui um subsistema linguístico que visa responder às necessidades precisas de um domínio particular da ciência, da técnica, da profissão por especialistas.

### **1.3.2. Neologismos**

Historicamente toda a palavra foi um dia nova, isto é, a partir de certo momento é que passou a fazer parte de uma comunidade.

O conhecimento do estado de uma língua implica o reconhecimento intuitivo do carácter de novidade de certas palavras. Algumas pertencem à fala, mas ainda não à língua, porque têm condição provisória.

A renovação do estoque lexical é uma evidência. Cada época inova no domínio lexical ao mesmo tempo que vê desaparecer palavras tomadas como inúteis, uma vez que liga as unidades da língua às unidades das coisas, às modalidades de pensamento, a todo o movimento do mundo e da sociedade.

O valor da criação de uma palavra numa sociedade não é apenas o valor de uma nova forma que se impõe, fónica ou gráfica, mas um signo, com um sentido, um referente e pressuposição; a partir daí, um novo conceito é introduzido na sociedade.

Criar uma palavra é, por isso, impor um conceito pelo intermediário de sua representação, fazendo-se isto, afirma-se que ele existe, e é uma realidade. E muito mais que um acto linguístico é um acto social.

Regra geral, os utentes de uma língua reconhecem com facilidade as unidades lexicais da sua língua consideradas novas para eles. Mas a designação dessas unidades, ou seja, o conceito de *neologismo* é questionado por alguns linguistas.

Rey (1976), por exemplo, no tratamento dos neologismos, questiona se se trata de um conceito ou apenas de um pseudo-conceito. Esta dúvida advém do facto de uma dada unidade lexical apenas poder ser considerada em relação à época em que surge, ao significado que é actualizado num dado contexto e ao registo linguístico em que ocorre em relação a um momento anterior. Portanto, para este autor, o neologismo constitui uma unidade do léxico (palavra, lexia ou sintagma), cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efectivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior ao código da língua.

A ideia avançada por Rey (1976) sobre neologismo sintetizando outros estudiosos, pode-se dizer que uma unidade será considerada neológica se cumulativamente apresentar sinais de instabilidade de natureza morfológica, fonética ou ortográfica.

Os neologismos, regra geral, são de três tipos:<sup>9</sup>

- (i) **Neologismos formais:** os neologismos ao nível da forma consistem em formas (significantes) novas não atestadas no estágio anterior do registo da língua. Essas formas podem ser empréstimos de outras línguas ou palavras resultantes dos processos existentes na língua para a formação de palavras.
  - (2) (a) *Marketing, ranking, software, out-door*
  - (b) *Desconseguir, empoderamento*
- (ii) **Neologismos semânticos:** quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado-significante, i.é, atribui-se ao significante um conteúdo que não tinha anteriormente, quer esse conteúdo seja conceptualmente novo, quer tenha sido até então expresso por um outro significante.

---

<sup>9</sup> Existem, no entanto, outras formas de classificação de neologismos. Por exemplo, o facto de o conceito de neologismo ser relativo, pode ser analisado do ponto de vista diacrónico, diatópico, diastrático e diafásico.

- (3) (a) *celular* = telefone, telemóvel  
 (b) *caril* = molho

(iii) **Neologismos pragmáticos:** quando a neologia resulta da passagem de uma palavra previamente usada num dado registo para outro registo da mesma língua. A novidade pragmática implica, normalmente, novidade semântica.

Correia (1998:63) considera que em Portugal houve unidades lexicais que passaram da gíria dos marginais dos bairros lisboetas para registos menos marcados socialmente, como a linguagem dos jovens e até o registo familiar. São os casos dos exemplos que abaixo se seguem, que apresentam novidade estritamente pragmática.

- (4) (a) *chavalo*  
 (b) *garina*  
 (c) *bófia*

Os neologismos, em muitos casos, têm a ver com o contacto entre línguas, ou ainda, pode-se dizer que advêm dos empréstimos feitos às outras línguas, pois o empréstimo constitui um meio usado frequentemente na expansão do léxico de uma língua “particularmente nas esferas científica e tecnológica”. Como bem afirma Apell (2000:14), *é difícil imaginar uma língua que não tenha tomado emprestadas palavras de outras línguas...*

### 1.3.2. Os empréstimos como neologismos

O termo empréstimo linguístico tem sido definido de diversas formas. Neste trabalho, limitar-nos-emos à definição do dicionário de Dubois (1993), que considera a existência de empréstimo linguístico quando um sistema A utiliza e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia num sistema linguístico B e que A não possuía. A unidade ou o traço tomados como empréstimo são eles próprios chamados empréstimos.

#### 1.3.2.1. Causas dos Empréstimos

Considerando que todas as línguas possuem mecanismos internos diversos de enriquecimento lexical, será o empréstimo de palavras de outras línguas necessário?

Ao atendermos a esta questão, colocada desta forma, a resposta imediata poderia ser, aparentemente, negativa, pois é possível ampliar e modificar o uso das unidades lexicais existentes na língua para fazer face às novas necessidades de comunicação, sem recorrer às

outras línguas. No entanto, a velocidade com que evoluem na actualidade a ciência, a técnica, os hábitos e os costumes das sociedades que estão em permanente contacto umas com as outras, impede, em muitas situações, que os países não produtores, apenas importadores/consumidores dessas tecnologias usem uma nomenclatura vernácula para designar os frutos dessa modernidade.

Dias (1991), falando das causas dos empréstimos lexicais no Português de Moçambique, considera dois motivos fundamentais: empréstimos lexicais como estratégias de comunicação e empréstimos lexicais como estratégias de identificação.

- *Empréstimos lexicais como estratégias de comunicação*: ocorrem quando os falantes recorrem aos termos da língua materna para preencherem lacunas na língua portuguesa de certas realidades, tipicamente moçambicanas, como por exemplo, nomes de frutos, flores, animais, comidas e certas cerimónias. De acordo com a autora, parece não haver muita preocupação por parte do falante, em procurar uma expressão equivalente em Português; nem sequer se preocupa em criar uma nova palavra que se ajuste ao sistema morfofonológico Português.

Ainda na esteira de Dias, estes empréstimos ocorrem para preencherem lacunas no conhecimento da língua portuguesa, motivadas pelo fraco domínio da língua. Essa situação faz com que o falante não encontrando o item sintáctico-semântico pretendido e tendo acesso ao léxico da língua materna, então, recorra ao empréstimo. Ainda de acordo com a autora que temos vindo a citar, *a outra estratégia alternativa usada nestes momentos de dificuldade é abortar a estrutura usando uma estratégia de evitação* - Dias (1991).

Este tipo de empréstimo é característico de qualquer aprendente de uma segunda língua ou língua estrangeira, podendo ocorrer tanto em crianças como em adultos (uma vez que tais empréstimos, regra geral, pertencem à interlinguagem, e são susceptíveis de substituição à medida que o aprendente progride na aprendizagem da nova língua.

- (5) (a) *ndjinguritane* (pássaro pequeno de cor amarela)  
 (b) *cafurro* (casca de coco); *macubarre* (folha de coqueiro)

- *Empréstimos lexicais como estratégias de identificação*: os falantes bilingues (Português / Línguas Moçambicanas) no uso da língua portuguesa utilizam empréstimos das línguas maternas. Esta situação, citando Dias (1991), tem a ver

com o facto de a língua portuguesa ser oficial e ser a mais prestigiada na sociedade relativamente às línguas moçambicanas. Esta situação, no entender da autora, parece provocar no falante bilingue uma vontade subconsciente de unir os dois códigos. Ele não se sente bem na situação de prestigiar uma língua em detrimento da outra.

(6) *Khanimambo* pela vossa presença. (Obrigada pela vossa presença)

Apell (1996:247) apresenta são seis os determinantes sociais e culturais que originam os empréstimos:

- Influência cultural, isto é, empréstimos culturais que surgem não do contacto de línguas distintas num mesmo espaço, mas sim de intercâmbios culturais.
- Existência de palavras nativas raras que se perdem.
- Existência de duas palavras nativas que se pronunciam ou soam de forma tão similar que a substituição de uma delas por uma palavra estrangeira resolveria possíveis ambiguidades.
- Necessidade constante de sinónimos de palavras afectivas que perderam a sua força expressiva.
- Necessidade de estabelecer novas distinções semânticas por meio de empréstimos, como por exemplo, a possibilidade de tomar uma palavra de uma língua de estatuto baixo e usá-la pejorativamente.
- Introdução de palavras emprestadas de forma quase inconsciente por causa de um bilinguismo intenso, que faz com que, nalguns casos, seja usado na escrita sem a marca de estrangeirismo.

Vilela (1994), relativamente às causas que originam empréstimos, refere-se a três situações que se manifestam no uso da língua e que implicam, quase forçosamente, o uso de empréstimos:

- a urgência em serem satisfeitas as necessidades de comunicação e expressão dos falantes;
- a exigência em configurar o que de novo surge na comunidade;
- a necessidade em manter a sistematicidade da língua.

Às razões apontadas por estes dois autores (Vilela, 1994; Apell, 1996), podemos ainda acrescentar duas motivações:

- A primeira, tem a ver com o prestígio de que goza a língua A em relação à língua nativa do falante. Motivada pelo prestígio, uma palavra será utilizada, como empréstimo, da língua A pela língua B, não porque a palavra emprestada tenha falta de equivalente na língua B, mas porque os falantes de B consideram A como tendo maior estatuto e prestígio.
- A segunda, prende-se com a necessidade de manifestar a solidariedade social entre pessoas de classes sociais diferentes como forma de identidade entre ambas as classes.

Face a esta diversidade de funções, os empréstimos são designados de formas diferentes tendo em conta a sua origem, função assim como a forma como se integram na nova língua.

### **1.3.2.2 Tipologia de empréstimos**

Vários autores definem/classificam os empréstimos de formas diversificadas. Apresentamos de seguida algumas classificações feitas com base na origem, função e formas de integração, respectivamente.

#### **1.3.3.2.1. Empréstimos quanto à sua origem: empréstimos internos e empréstimos externos**

O termo empréstimo, geralmente, indica as formas linguísticas (palavras, sons e estruturas gramaticais) tomadas de uma outra língua, como por exemplo, os anglicismos, os galicismos, os africanismos.... No sentido lato, designa qualquer passagem de uma unidade lexical de um registo linguístico para outro registo. É deste modo que se considera a existência de empréstimos de dentro do sistema e de fora do sistema (estrangeirismos).

Considera-se interno o empréstimo feito no interior de uma mesma língua, entre falares locais e/ou regionais, (resultado das variações dialectais, sociolectais, tecnolectais e outros), podendo a nova unidade lexical ganhar um novo significado.

Assim, os *empréstimos internos* compreendem o uso de uma palavra de um registo de língua num outro registo completamente diferente.<sup>10</sup> Estes empréstimos, segundo Correia

---

<sup>10</sup> “ Quando essa situação é nova, isto é, quando essa transferência de registo linguístico não ocorria no estágio imediatamente anterior do léxico da língua, estamos perante situações de novidade pragmática” – cf. Correia (1998).

(1998), são muito frequentes na constituição das linguagens científicas e/ou técnicas, onde se recorre frequentemente à utilização de palavras da chamada língua corrente (com base em processos metafóricos ou metonímicos). Pode-se ilustrar esta situação olhando para o exemplo que apresentamos de seguida.

- (7) (a) A minha *bolsa* está tão cheia que já não cabe mais nada nela.  
 (b) Muitos empresários perderam suas acções na *bolsa* de valores.

No primeiro caso, podemos ler *bolsa* como saco para guardar objectos, dinheiro; ou ainda, *bolsa* na Economia, isto é, instituição onde se transaccionam títulos, acções.

Contudo, o empréstimo interno, ainda na esteira de Correia (1998), pode ocorrer também num sentido inverso, isto é, de uma linguagem de especialidade para a língua corrente, como acontece nos casos em que há uma vulgarização de termos devido à popularização dos seus referentes:

- (8) (a) *micro-ondas* (*em forno de micro-ondas*)  
 (b) *computador*  
 (c) *monitor*

Em contrapartida, os *empréstimos externos* são feitos de uma língua para outra, podendo ser empréstimos externos directos ou empréstimos externos indirectos (com transformações).

Os empréstimos de fora do sistema, isto é, a importação de palavras estrangeiras, tem sido um processo dinâmico na língua portuguesa, sobretudo a partir da expansão portuguesa no século XVI, como argumenta Paul Teyssier (1993:73):

O vocabulário da língua portuguesa enriqueceu-se, como o de todas as línguas europeias, com um número considerável de termos que designam conceitos e objectos relativos à civilização científica e técnica. Foi-se por vezes buscar no léxico existente a palavra própria para denotar o objecto novo (comboio) mas, na maior parte dos casos, recorreu-se como nas outras línguas românicas – e sobre o seu modelo – às raízes greco-latinas.

Carvalho (1989: 118) considera que o empréstimo pode ser cultural ou íntimo. O íntimo, proveniente de um contacto diário e directo de populações aloglóticas, pode ser resultante de um substrato, de um adstrato ou de um superstrato.

---

O empréstimo íntimo, refere a autora, não vem ocorrendo no Brasil e Portugal, pois as populações não são mais submetidas a contacto com povos invasores e a minoria linguística dominada, no caso do Brasil, o índio, não tem expressão na vida nacional. Talvez, segundo a autora, nas novas repúblicas africanas de língua oficial portuguesa, estes empréstimos continuem a acontecer.

Em nossa opinião, tais empréstimos também não ocorrem nesses países, ou melhor, em África, uma vez desaparecidas as condições que propiciariam tais situações. De recordar que todos os países africanos cuja língua oficial é Português são hoje países independentes.

### 1.3.3.2. Empréstimos quanto à sua função: necessários e de luxo

De acordo com Vilela (1994), os *empréstimos necessários* configuram conceitos a que não corresponde qualquer palavra existente na língua e designam objectos desconhecidos na língua, ou melhor, são palavras que designam realidades não nomeadas num estado anterior da língua.

As comunidades necessitam constantemente de receber empréstimos externos, pois elas não se bastam a si próprias, não dão conta das necessidades comunicativas da comunidade, uma vez que estão constantemente em intercâmbio/contacto com outras comunidades.

- (9) (a) *jazz*  
 (b) *swing*  
 (c) *hamburguer*

Ainda de acordo com Vilela (1994), os *empréstimos de luxo* recobrem conteúdos para os quais a língua importadora possui termos para referir tais realidades. Mas, apesar de existirem na língua unidades lexicais para referir tais conceitos, os falantes optam, normalmente, por termos estrangeiros pelo prestígio que a língua importadora possui. Nota-se também que os falantes, na sua maioria, recorrem muitas vezes aos empréstimos do inglês pelo prestígio que esta língua goza – a língua inglesa funciona como língua franca em quase todo o mundo.

- (10) (a) *file* / ficheiro  
 (b) *marketing* / comercialização  
 (c) *speaker* / locutor



### 1.3.3.2.3. Empréstimos quanto à sua integração na “nova língua”

A integração dos empréstimos na nova língua pode ser feita por três vias ou processos: decalque, adaptação, incorporação.

**a) Decalques ou empréstimos semânticos** – trata-se de um empréstimo meramente conceptual que consiste na mudança semântica de uma palavra de uma dada língua por influência de uma palavra estrangeira cujo significado adquire. Estes surgem quando a uma palavra existente se acrescenta um sentido novo, embora esta conserve o sentido anterior. Por exemplo, a palavra *investir* no Português europeu significa “dar investidura”, “empossar”. Depois do século XVI, por influência do francês, recebe o sentido de *atacar*; mas hoje, por influência do inglês, ganha o sentido de *aplicar capitais*. O sentido dos empréstimos semânticos, cujo conteúdo importado é expresso por meios próprios da língua importadora, ou traduz o conteúdo e a forma tradutora, não apresenta qualquer afinidade com a forma da língua que forneceu a designação, como acontece em *week end* /fim de semana e *iron curtain*/cortina de ferro, por um lado; nota-se, por outro lado, uma afinidade sequencial e informal entre as duas formas como acontece em:

- (11)
- (a) *paper money* / papel moeda
  - (b) *birth control* / controle de nascimento
  - (c) *haute couture* / alta costura
  - (d) *credit card* / cartão de crédito
  - (e) *convenience store* / loja de conveniência
  - (f) *hot dog* / cachorro quente

**b) Adaptações ou empréstimos adaptados** – os empréstimos adaptam-se à língua receptora que quase não percebemos que vieram de uma outra língua. Aqui o elemento lexical é traduzido literalmente, produzindo um novo sintagma que, de início, causa estranheza porque possivelmente não se formasse assim na língua, não fosse a imitação do empréstimo. São os casos de:

- (12)
- (a) teste / *test*
  - (b) sanduíche / *sandwich*
  - (c) futebol / *football*

A forma como estes termos se comportam na língua portuguesa, por exemplo, também varia muito. Muitos termos como estes introduzem um novo significado e utilizam

fonemas do Português para aproximar-se foneticamente à língua original. Posteriormente, ganham foros de naturalidade e acabam incorporados ao léxico do Português, sendo representados com grafemas da língua receptora. Os empréstimos quando se incorporam por este processo trazem, geralmente, para a língua receptora uma designação especializada.

Por exemplo, no campo desportivo, o substantivo *basket* que no inglês denota “cesto”, só penetrou na língua portuguesa com o significado especial da modalidade desportiva. O sentido geral do termo inglês não afectou o seu correspondente em Português – “cesto”.

- c) **Incorporações ou empréstimos incorporados** – para além do uso dos dois processos atrás referidos (decalque e adaptação), os termos lexicais emprestados poderão ser incorporados. Significa que os empréstimos ao serem integrados na nova língua poderão ser incorporados com a sua grafia e fonética originais, embora sejam casos difíceis de se adoptar, pois seria uma descaracterização completa, além da grande distância entre a grafia e a pronúncia que provavelmente poderia existir entre as duas línguas (veja-se, por exemplo, o caso da língua portuguesa e da língua russa). O empréstimo, ao ser incorporado, sofre um processo de categorização morfossintáctica da sua língua de adopção<sup>11</sup>. A maior parte dos itens lexicais importados são substantivos ou verbos, embora surjam alguns adjetivos:

- (13) (a) *diet*  
(b) *light*

Em jeito de resumo, podemos dizer que no processo de importação e sedimentação das formas na língua que as adopta, mecanismos diferenciados se registam no momento da assimilação:

- i) A palavra importada ao entrar numa nova língua pode passar a ser reproduzida de maneira quase idêntica à da língua de origem, isto é, conserva as características ortográficas e fonológicas da sua língua de origem, como acontece, por exemplo, com as palavras seguintes:

- (14) (a) *performance*

---

<sup>11</sup> Ou seja, na sua maioria, os substantivos, por exemplo, submetem-se às regras morfossintácticas do género e número da língua de chegada. Parece ser comum quase todo o empréstimo adoptar o género masculino, que não tem terminação específica.

(b) *suspense*

ii) O empréstimo pode sofrer adaptação da sua estrutura fónica e/ou ortográfica à língua na qual se insere:

(15) (a) *chofer* (do francês, *chauffer*)

(b) *esnob* (no Português do Brasil, que vem do inglês, *snob*)

(c) *sanduíche* (do inglês *sandwiche*)

iii) Casos de formação de novas palavras a partir de uma integração com o sistema morfológico da língua que os recebe:

(16) (a) *surfista*

(b) *pizzaria*

### 1.3.3. Aceitação / rejeição dos neologismos e/ou empréstimos lexicais

De acordo com Carvalho (1989), criar palavras novas supõe um conhecimento do código suficiente para poder enriquecer as estruturas existentes. Considera também que todo o neologismo é um processo em dois tempos: criação individual, que requer actividade enunciativa de um sujeito identificado ou não; e depois, difusão social onde a unidade é retomada em novos discursos, ou onde ela aparece como citação e depois se dilui no uso de um grupo ou da massa falante.

Coseriu (1970), igualmente, afirma que todas as criações linguísticas são individuais, mas, quando adoptadas e difundidas, correspondem à necessidade da comunidade. Apesar de não sabermos frequentemente quem iniciou o uso de determinado termo, quem lhe mudou o sentido ou mesmo quem cunhou uma nova expressão, não significa que esta criação foi impessoal e colectiva.

Este autor considera ainda que só conseguimos comprovar uma mudança quando adoptada por vários falantes, salvo raros casos. Explica que é quase sempre impossível descobrir quem e quando iniciou uma inovação, pois toda a inovação começa por um acto criativo e individual, embora através dele sejam expressos o pensamento e o espírito da colectividade.

Mas é preciso notar também que nem todas as inovações são consideradas neologismos, ou melhor, são aceites. Isso acontece porque a adopção é uma selecção e normalmente só se aceita aquilo que é funcional e certo, correspondendo a uma necessidade estética, social ou funcional da comunidade. Assim, algumas palavras poderão ser rejeitadas se implicarem um desrespeito ao padrão estrutural da língua.

De qualquer forma, parece ser consensual a ideia de que o neologismo causa sempre algum impacto pela novidade que transporta no momento da sua introdução na língua, mas sofre depois um processo de maior ou menor vulgarização que pode, no caso de se tornar ampla, vir a fazer parte da norma. Com efeito, o processo de dicionarização de um neologismo reflecte a continuidade do seu uso na comunidade linguística, a sua aceitação.

#### **1.4.Processos linguísticos para ampliação do léxico**

Todas as línguas, para além de recorrer aos empréstimos (externos), dispõem de outro recurso de expansão lexical denominado processo de formação de palavras que, em Português, constitui o processo normal de enriquecimento do léxico.

Segundo Vilela (1994: 51,52), a formação de palavras constitui um domínio da linguística que identifica, descreve e analisa as combinações de morfemas, que não podendo ser consideradas como construções sintácticas livres, correspondem ao conceito (mais ou menos intuitivo) de palavra.

Ainda parafraseando Vilela (1994), trata-se de um processo importante na constituição do léxico das línguas particulares, pois o léxico tem envolvimento múltiplos, como as propriedades de natureza referencial e afectiva associadas às palavras e aos objectos por elas designadas, valores retóricos e simbólicos ligados às palavras e aos seus referentes, marcas diatópicas, diastráticas e diafásicas; os juízos de valor implicando adesão ou repulsa, valorização ou desvalorização, a carga emocional que o tempo constrói ou destrói – portanto, é na formação de palavras que esse envolvimento mais se acentua.

Os processos mais produtivos de formação de palavras em Português, do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material, são a composição e a derivação – (Bechara (1999).

##### **1.4.1. Composição**

A composição, de acordo com Bechara (1999:355),

consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

A associação dos componentes das palavras compostas pode dar-se por justaposição ou aglutinação.

No processo de formar palavras compostas com radicais livres, justaposição, persiste a individualidade de seus componentes que se traduz na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; na pronúncia, pelo facto de ter cada radical o seu acento tónico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas.

- (17) (a) couve-flor (palavra oxítone)  
(b) guarda-chuva (palavra paroxítone)

A composição por justaposição pode resultar da ligação dos seguintes elementos:

- (18) (a) substantivo + substantivo (*edifício-garagem*)  
(b) substantivo + adjectivo ou vice-versa (*mãe-divina, belas-artes, boquiaberto*)  
(c) adjectivo + adjectivo (*jurídico-político, surdo-mudo, auriverde*)  
(d) numeral + substantivo (*bi-campeão, segunda-feira, bisneto*)  
(e) pronome + substantivo (*nossa amizade, Sua Excelência, Nosso Senhor*)  
(f) verbo + substantivo (*esfria-sol, porta-voz, busca-pé, passatempo*)  
(g) verbo+ verbo ou verbo +verbo+conjunção+verbo (*corre-corre, leva-e- traz, vaivém*)  
(h) advérbio (bem, mal, sempre) + adjectivo, substantivo ou verbo (*não- agressão, bem-querer, malcriado, sempre-viva*)  
(i) verbo + advérbio (*ganha-pouco, pisa-mansinho*)

Cunha & Cintra (1984) consideram que esta classificação não é completa porque nem todos os compostos se enquadram nas combinações acima. Apresentam como exemplos para ilustrar essa situação as palavras que abaixo se seguem:

- (19) (a) *disse-que-disse*  
(b) *louva-a-deus*

A esse respeito, Bechara (1999: 356) considera que *um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe, ao nível da palavra.*

- (20) (a) *um Deus-nos-acuda*

- (b) mais vale um *toma* que dois *te darei*
- (c) *disse-me-disse*

Cunha e Cintra (1984) lembram também que inúmeras composições são calques de estrangeirismos.

- (21) (a) café-concerto
- (b) couve-flor
- (c) fim-de-semana

Na composição distinguem-se três processos: composição *sintagmática*, *composição por temas* e a *recomposição*.

A *composição sintagmática* compreende a lexicalização de determinados sintagmas da língua, ou seja, o processo pelo qual determinados sintagmas se fixam na língua, passando a funcionar como unidades lexicais simples. Nessa fixação, muitas vezes o significado do sintagma deixa de ter o seu significado composicional e passa a ter um significado diferente.

- (22) *Amor perfeito* (amor que é perfeito) - planta herbácea da família das Violáceas.

A *composição por temas* consiste na construção de palavras compostas a partir de radicais gregos e latinos. Trata-se de um tipo de composição típico das terminologias específicas das ciências e/ou técnicas:

- (23) Psico + grama – Psicograma (registo das características de um indivíduo).

A *recomposição* tem como resultado compostos que, embora apresentando ser meros compostos por temas, apresentam uma estrutura um pouco mais complexa:

- (24) (a) *telenovela*
- (b) *telegenia*

Nestas palavras, -tele não é radical de origem grega (longe, à distância), mas sim elemento que resulta da truncação da unidade *televisão*, ela sim um composto erudito.

Por sua vez, chama-se aglutinação o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais. Esta integração, de acordo com Bechara (1999), traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente da existência de um único acento tónico, da troca ou perda de fonema e da modificação da ordem mórfica.

- (25) (a) *planalto*: [plan- (radical de plano) + alto]  
 (b) *fidalgo*: [filho + de + algo]  
 (c) *vinagre*: [vinho + acre]<sup>12</sup>

### 1.4.2. Derivação

A derivação consiste na formação de novas palavras por meio de afixos (que podem ser prefixos ou sufixos) adicionados à palavra-base. Através dos afixos formam-se novas palavras que, regra geral, conservam uma relação de sentido com o radical derivante; contrariamente à composição que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes.

A derivação é o processo de inovação lexical mais regular, dado que o número de afixos derivacionais de uma língua é um conjunto limitado e, além disso, a derivação é um processo governado por regras que permitem determinar a categoria da base; determinar a categoria do derivado, prever o significado do derivado a partir dos dois elementos anteriores. O afixo derivacional é sempre portador de uma informação de tipo semântico e/ou categorial.

Importa referir também que, sendo a derivação um processo sincrónico, o falante nativo deverá ter a possibilidade de depreender os morfemes constituintes, bem como ter consciência do acervo de afixos disponíveis e produtivos para a formação e decodificação de novas palavras.

A base da derivação pode ser:

- (26) (a) Palavra simples autónoma ou não: *caseiro* [cas + eiro]  
 (b) Palavra derivada: *comercialização* [comercializa + ção /  
 constitucionalizar [constitucional + izar]  
 (c) Palavra composta: *agronomia* [agro+nom+ia]

É assim que podemos encontrar diferentes tipos de derivação:

Sufixação – trata-se de um processo em que o sufixo derivacional ocorre sempre à direita da base pode alterar a categoria da base e determina a sílaba tónica da palavra.

- (27) (a) *caça - caçar*  
 (b) *agudo – agudizar*  
 (c) *comercializar – comercialização*

<sup>12</sup> Neste trabalho, seguimos as propostas de Lindley & Cintra (1984) e Bechara (1999) e não a análise apresentada em Villalva (2003), na qual se faz uma distinção entre compostos morfológicos e morfo—sintáticos.

- (i) Prefixação – o prefixo ocorre sempre à esquerda da base e tradicionalmente aceita-se que o prefixo não altera a categoria da base. O conteúdo semântico dos prefixos é menos relacional se comparado com o dos sufixos.

- (28) (a) fazer – desfazer  
 (b) fazer – refazer  
 (c) rugas - anti-fugas  
 (d) constitucional – inconstitucional

- (iii) Derivação parassintética – consiste na associação de um prefixo e um sufixo a uma base, sendo ambos obrigatórios. A parassíntese é um processo de valorização denominal e deadjectival.

- (29) (a) abonecar [a + bonec +ar];  
 (b) entardecer [en + tard(e) + ec + er]  
 (c) aparafusar, ensaboar  
 (d) amansar, amaciar, envelhecer

- (iii) Derivação regressiva - mecanismo de formação de produtos heterocategoriais, na sua maior parte deverbais, em que os operadores flexionais da base dão lugar a um índice de género, indispensável aos produtos entretanto gerados. Isto é, em vez de se juntar um afixo a uma base, retira-se um segmento a uma base, como acontece nos exemplos abaixo apresentados:

- (30) (a) *ganhar*  
 (b) *fugir*  
 (c) *atacar*  
 (d) *usar*

A retirada de um segmento resultou em *ganho*, *fuga*, *ataque* e *uso* respectivamente. A derivação regressiva é um processo pouco produtivo em Português contemporâneo.

- (iv) Conversão ou derivação imprópria - operação que não envolve alteração da estrutura significativa de base, mas somente da categoria léxico-sintáctica e da estrutura semântica desta. Alguns linguistas têm considerado a conversão um processo mais sintáctico do que propriamente morfolexical. Podemos tomar como exemplos as palavras abaixo.

- (31) (a) burro  
 (b) eléctrico



A palavra *burro*, por exemplo, aplicada ao ser humano, *Ele é burro*, converte este ser (Homem) num ser irracional, pois, assim descrito, designa um ser que, estereotipicamente, se comporta como um *burro*: estúpido, teimoso. Quanto à palavra *eléctrico*, pelo processo da conversão, refere-se ao meio de transporte.

A abordagem dos processos de formação de palavras em língua portuguesa pode ser feita de forma diferente, conforme notamos em Rio-Torto (1998).

De acordo com Rio-Torto (1998:85), a caracterização dos principais tipos de processos de formação de palavras assenta numa tipologia que contempla essencialmente três grandes tipos de operações: as *operações aditivas*, as *operações subtractivas ou de redução* e as *operações modificativas*.

Os processos *aditivos* compreendem a *afixação (ou derivação)*, a *composição* e a *reduplicação*.

A *afixação* em Português manifesta-se através da prefixação, sufixação e da circunfixação; a *composição* consiste na concatenação de pelo menos duas bases, cada uma das quais pode ser mais ou menos autónoma; a *reduplicação* manifesta-se fundamentalmente em registos expressivos na linguagem infantil e/ou familiar e em vocábulos onomatopaicos.

As operações de redução (subtractivas, supressivos e abreviaturas) podem envolver a supressão de segmentos mediais ou de segmentos finais; a intersecção supressiva de vários segmentos mediais, podendo, por isso, manifestar-se de forma mais ou menos regular ou aleatória. A redução ocorre também aquando da abreviação e aquando da siglação.

Em Português Europeu, os processos mais produtivos de formação de palavras são essencialmente de natureza aditiva, compreendendo a derivação e a composição.

### **1.4.3. Outros processos de formação de palavras**

Além destes processos regulares de formação de palavras, a língua portuguesa possui também a *siglação*, a *acronímia*, a *amálhma*, a *truncação* ou *abreviação*, e a *reduplicação como estratégias para a criação de novos vocábulos*.

### 1.4.3.1. Siglação

As siglas consistem na redução de longos títulos às suas iniciais e são usadas para representar entidades. A abreviatura do nome como processo de economia linguística dá-se através das iniciais, caracterizam melhor o nome que se lêem individualmente, sem constituição silábica.

- (32) (a) BI (Bilhete de Identidade)  
(b) BD (Banda Desenhada)

### 1.4.3.2. Acrónimia

A criação de acrónimos consiste na formação de novas palavras a partir das iniciais de expressões que designam entidades diversas. Ao contrário da siglação, formam palavras com estrutura silábica.

- (33) (a) ONP (Organização Nacional de Professores)  
(b) PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa)

### 1.4.3.3. Amálgamas

Segundo Correia (2003), entende-se por amálgama o processo pelo qual se constrói uma unidade lexical por aglutinação de partes de outras unidades.

Também se designa amálgama o produto desse processo, ou melhor, as unidades lexicais constituídas com partes de outras palavras, que se juntam, formando uma palavra gráfica.

- (34) (a) *telemóvel* por telefone móvel ou telefone no automóvel  
(b) *credifone* por crédito para o telefone  
(c) *portunhol* por português e espanhol

O processo de construção de amálgamas, de acordo com Correia (2003), é pouco frequente na construção de palavras em PE. No entanto, encontram-se alguns exemplos em nomes de firmas ou de produtos e, ainda, em registos familiares e /ou humorísticos, vocabulário de especialidade.

- (35) (a) *estaglação*: [estag] (nação) + (in) flação]  
(b) *webgrafia* / *webografia*: [web + -o- + (biblio)]  
(c) *webliografia* [web + (bi) bliografia]

#### **1.4.3.4. Truncação ou abreviação vocabular**

Trata-se do processo pelo qual a forma de uma palavra se reduz, tornando essa unidade mais facilmente utilizável:

- (36) (a) *metro*, por metropolitano  
(b) *otorrino*, por otorrinolaringologista

#### **1.4.3.5. Reduplicação**

A reduplicação, segundo Bechara (1999:371), também designada duplicação silábica, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

- (37) (a) tique-taque  
(b) pingue-pongue

## CAPÍTULO II

### ESTUDOS SOBRE O LÉXICO DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

#### 2.1. Situação Linguística de Moçambique

Moçambique, como a maioria dos países africanos, é um país multilingue e multicultural. Para além das línguas moçambicanas, línguas locais africanas do ramo Bantu, encontramos a língua portuguesa (língua oficial do país), a língua inglesa e algumas línguas de origem indiana e paquistanesa (Hindi, Gujrat e Urdu).

A integração da língua inglesa no grupo das línguas faladas em Moçambique (mesmo assumindo que nem todos concordarão conosco), deve-se, por um lado, ao prestígio que esta língua goza no país, justificado pelo seu lugar privilegiado no mercado do trabalho (em muitos anúncios de oferta de emprego tem sido apresentado o domínio oral e escrito do inglês como condição determinante para a admissão); por outro lado, Moçambique situa-se numa zona onde os países vizinhos<sup>13</sup> têm o inglês como língua oficial. Estes países, na sua maioria, são países prósperos comparativamente a Moçambique, o que faz com que muitos moçambicanos para lá se desloquem à procura de melhores condições de vida, à busca de produtos a valores mais acessíveis. Este facto faz com que muitos moçambicanos vejam o inglês como uma língua que garante prosperidade. Aliás, a língua inglesa a nível internacional é considerada língua franca.

Relativamente às línguas indianas, embora já implantadas no país há vários anos, pouco se pode dizer a seu respeito pela quase ausência de investigação sobre elas (número de falantes, situação de uso, tipo de falantes, etc.). Isto provavelmente aconteça, originado pela forma como as comunidades usuárias destas línguas se integram no país; ou seja, são comunidades muito fechadas e muito presas às suas tradições e culturas e parecem ser pouco afectadas pela cultura dos locais onde se encontram inseridas.

No que se refere ao número de línguas Bantu existentes em Moçambique, assim como a percentagem de falantes de cada língua, não há consenso sobre esta matéria conforme nos mostram os dados apresentados em diferentes estudos<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Constituem países vizinhos de Moçambique: a norte: Tanzania, Zâmbia, Malawi e Zimbabwe; a sul: Suazilândia e África do Sul. Esta vizinhança “forçou”, em certa medida, a integração de Moçambique na Commonwealth.

<sup>14</sup> O linguista bantu do século XIX, Guthrie (1967/71) apresenta 8 (oito) grupos linguísticos (Swahili, Yao, Makua, Nyanja, Senga-sena, Shona, Tswá-Ronga, Chopi), totalizando 28 (vinte e oito) as línguas constituintes desses grupos.

Não obstante esta falta de consenso no que diz respeito ao número de línguas, quer nos parecer que vários estudiosos moçambicanos tomam como referência os dados do NELIMO. Provavelmente pelo facto de esta ser uma instituição de pesquisa linguística, criando assim maior fiabilidade em relação aos critérios adoptados na classificação das mesmas.

As línguas Bantu constituem línguas maternas para a maioria da população moçambicana, e é através delas que cada grupo linguístico exprime a sua identidade étnica.

O Censo Populacional de 1997 aponta para uma subida do número de falantes de Português em Moçambique (no Censo de 1980 apenas 1,2%). Assim, de um total de dezasseis milhões de habitantes, 6,45% de moçambicanos tem o Português como língua materna e 38,95% sabe falar Português e outra língua nativa. Pode-se ler ainda no mesmo Censo que 54,5% da população moçambicana fala apenas uma ou mais línguas Bantu.

Importa, no entanto, referir que tais dados não nos permitem precisar o grau ou tipo de competência destes falantes devido à ausência de certos elementos importantes para se fazer uma boa avaliação: tipo de inquérito linguístico aplicado, sensibilidade do inquiridor para avaliar as respostas sobre a proficiência linguística do inquirido (uma vez que se trata de fazer uma auto-avaliação).

O aumento do número de falantes de Português pode dever-se, por um lado, ao alargamento da rede escolar em Moçambique e ao prestígio cada vez mais crescente do Português; por outro lado, o grande êxodo das populações das zonas rurais para a cidade, aliado aos casamentos exogâmicos que fazem com que muitos pais nos centros urbanos passem a falar e a socializar os seus filhos em Português ao invés das suas línguas maternas. Contribui também para isso o facto de a língua de comunicação predominante nas cidades ser a língua portuguesa<sup>15</sup>.

---

Segundo os dados do Recenseamento Geral da População de 1980, existem 23 (vinte e três) línguas Bantu em Moçambique: Swahili, Mwani, Ciyao, Shimakonde, Emakhuwa, Elómwe, Ngulu, Koti, Marendje, Echuwabo, Cinyanja, Kunda, Nsenga, Cinyungwe, Cisena, Cishona, Xitshwa, Tsonga (Xitsonga, Xichangana), Xironga, Cicopi, Gitonga, Zulu, Swazi, Phimbi.

Katupha e Marinis (1985: 323), apud Ngunga (1991), apontam a existência de 8 (oito) línguas.

O Núcleo de Estudo de Línguas Moçambicanas, NELIMO (1989), apresenta 20 (vinte) línguas, a saber, Kiswahili, Kimwani, Shimakonde, Ciyao, Emakhuwa, Ekoti, Elomwe, Echuwabo, Cinyanja, Cinyungwe, Cisenga, Cishona, Xitshwa, Xichangana, Gitonga, Cicopi, Xironga, Siswati e Zulo.

Os dados do Inquérito Nacional aos Agregados Familiares sobre Condições de Vida, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística em 1998, indicam igualmente 20 (vinte) línguas, as mesmas apresentadas pelo NELIMO (1989). O Instituto Nacional de Estatística, em 1991, indicava 13 (treze) línguas Bantu.

<sup>15</sup> A língua portuguesa é mais falada nos centros urbanos e menos falada no campo. A população urbana que fala Português, segundo o Censo de 1997, é de 71,6%, sendo a rural de 24,98%. Do total de moçambicanos residentes nas cidades 16% tem o Português como língua materna, contrariamente a 1,9% de moçambicanos no meio rural. A língua portuguesa é falada com mais frequência em casa por 10,87% da população moçambicana, sendo 26% na zona urbana e 1,35% na zona rural. Por sua vez, as línguas bantu são mais faladas no campo e

De acordo com Souza (1990:13), o uso de uma língua conhecida pela maioria da comunidade favorece a união ou agregação dos membros dessa comunidade como mostra no excerto que se segue:

...num Estado, onde todas as pessoas ou mesmo uma grande maioria falam a mesma língua, é provável que a unidade seja mais facilmente alcançada e as relações internas passíveis de mais íntima integração. Inversamente, onde mais de uma língua se encontra em uso comum, ocorrerão barreiras a intercâmbio, experimentando-se a maior dificuldade em organizar as actividades do Estado. Isto explica porque o uso da língua “oficial” foi imposto a territórios conquistados ou anexados pelo menos para fins de Estado, tais como os relacionados à lei, à administração e assim por diante...

## **2.2.O Português como Língua Oficial**

A língua portuguesa em Moçambique é língua oficial do país desde Junho de 1975, ano da proclamação da Independência Nacional e segue a norma europeia. Isto significa, parafraseando Firmino (1987: 11), que mesmo com a mudança do estatuto político do país, e das novas configurações que a realidade moçambicana assumiu “*a actividade linguística continuou a reger-se pela norma padrão usada em Portugal*”.

A língua portuguesa goza de um estatuto privilegiado uma vez que, para além de ser língua oficial, é língua de unidade nacional. Sendo ela que permite a comunicação entre todos os moçambicanos é, portanto, um veículo necessário e importante para a coesão no seio da nação moçambicana, como afirma Ganhão (1979), citado por Ferreira (1988:25):

“Teria sido impossível que em 25 de Junho de 1975 se tivesse escolhido uma das várias línguas moçambicanas para língua nacional, porque as querelas que isso traria fariam de certo perigar a existência de Estado uno, teriam impossibilitado a unidade que críamos no seio do nosso partido Frelimo e impedido as vitórias que já alcançámos na edificação das bases materiais e ideológicas para a construção da sociedade socialista.”

O governo decretou que o Português passasse a ser a língua oficial do Estado por razões políticas, pois sendo Moçambique um país multilingue, com mais de 20 (vinte) línguas

---

menos faladas nas cidades. No entanto, apesar do número reduzido de falantes, a língua portuguesa é falada em todo o país, daí a sua adopção como língua oficial.

diferentes, seria uma forma para se evitarem conflitos, resultantes da escolha de uma delas como língua nacional ou oficial; o Português, sendo língua estrangeira, funcionaria como factor de unidade nacional.

Note-se que a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) já tinha o Português como língua veicular e de comunicação oficial desde a sua formação em Junho de 1962. Os estatutos foram redigidos e editados em língua portuguesa porque “no meio da diferença linguística o Português era a língua que encontrava mais denominadores comuns” - Ganhão (1979:15).

Outra razão importante, para a escolha da língua portuguesa como língua de administração pública e de educação após a independência, tem a ver com o facto de que todo o aparelho de estado e respectivos trabalhadores funcionavam na base da língua portuguesa. Sendo assim, o Estado Moçambicano, em 1975, não se encontrava em condições, economicamente, para criar estruturas adequadas rumo ao ensino numa língua nativa: por um lado, o tipo de política linguística e educacional adoptada no período colonial, que privilegiava apenas a língua portuguesa a todos os níveis; e, por outro lado, a falta de condições financeiras mínimas que permitissem o tal arranque. Portanto, economicamente, era preferível a sua continuação.

Mas, mesmo adoptando o Português como língua de ensino, a tarefa não foi fácil devido à ausência quase total de docentes qualificados, sobretudo pelo facto de grande parte de professores de todos os níveis (primários, secundários e universitários) de origem portuguesa terem abandonado o país pouco tempo depois da proclamação da Independência Nacional. Deste modo, o Governo de Moçambique, de modo a permitir que a língua portuguesa continuasse a ser a língua oficial, tomou algumas medidas extraordinárias. Tais medidas consistiram no seguinte:

- mobilização de jovens estudantes com níveis de escolaridade mais elevados para a escolarização de seus colegas de níveis escolares mais baixos, enquanto se abria a Faculdade de Educação<sup>16</sup>;
- realização de campanhas de alfabetização e educação de adultos que tiveram uma grande aderência nos primeiros anos da sua implementação.

---

<sup>16</sup> A Faculdade de Educação foi criada em 1977, dentro da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), para formar, num curto espaço de tempo (1 a 2 anos) professores para o Ensino Secundário e Pré-Universitário. Estes ingressavam com a 9ª classe ou 11ª classe (estas classes correspondem à 10ª e 12ª classe do actual sistema de ensino em Moçambique). Funcionou durante aproximadamente seis anos. Hoje a nova Faculdade de Educação da UEM forma, reaberta, Mestres em Educação.

Contudo, como afirma Firmino (1987), muitos moçambicanos que se viam na contingência de se expressarem em Português não o tinham aprendido em moldes adequados. Mas mesmo para os falantes em escolarização ou escolarizados os problemas de domínio da norma europeia não eram/são menores. A perda da possibilidade de contacto frequente com os falantes nativos da língua oficial assim como o bilinguismo (...) dificultam a competência linguística em Português.

O privilégio conferido à língua portuguesa (língua oficial) não se restringiu apenas a Moçambique, pois todas as ex-colónias também atribuíram à língua do antigo colonizador todas as funções comunicativas e mesmo as de ordem política, conforme ilustra Ferreira (1988:67) no excerto que se segue:

...os cinco partiram do princípio de que a língua é um facto cultural e factos culturais começam por pertencer a quem os produz, é certo, mas a partir daí deixa de ter dono: são de quem os quiser ou tiver necessidade de utilizar. Por isso, reapropriam-se da língua portuguesa como se deles fosse. Assumiram-na com toda a dignidade e agora reintroduzem-na por todo o seu espaço nacional, privilegiando-a difundindo-a, dando-lhe um estatuto nobre, ao mesmo tempo que vão interiorizando, tornando-a totalmente sua. Tão sua que a modificam, a alteram, a adaptam ao universo nacional ou regional, e a transformam no plano da oralidade e no plano da escrita <sup>17</sup>.

Para o caso de Moçambique, a oficialização da língua portuguesa traduziu-se, fundamentalmente, no seguinte:

- i)** conferiu prestígio à língua portuguesa: o Português tornou-se a língua que todo o moçambicano precisa / tem de dominar para garantir a sua inserção e ascensão social;
- ii)** alargou as situações em que o seu uso é obrigatório, ou melhor, invadiu os círculos mais íntimos, onde só a língua moçambicana era o código esperado;
- iii)** desenvolveu um bilinguismo funcional e imposto;
- iv)** criou condições para o surgimento de novas estruturas linguísticas, assim como o surgimento de novas palavras, e de novos usos devido à existência de novos referentes e à criatividade de toda a língua natural;

---

<sup>17</sup> Segundo Souza (1990), nas novas nações africanas verificou-se uma campanha de nacionalização da toponímia, criada pelos europeus: a antiga Rodésia de Cecil Rhodes é hoje o Zimbabwe e a sua capital - a antiga Salisbury - tornou-se Harare (o homem que nunca dorme, ligada a uma lenda local); Huango, em Angola, substitui Nova Lisboa; (...) Maputo, em Moçambique, substitui Lourenço Marques.



- v) ganhou novos valores sócio-simbólicos, na procura, por parte dos seus utentes, de uma identidade cultural num contexto bilingue (pelo retorno, nalguns casos, aos valores tradicionais e culturais).  
etc.

Esta situação faz com que a língua portuguesa em Moçambique apresente peculiaridades que a tornam diferente do Português padrão europeu, assim como das outras variedades faladas em outras comunidades usuárias da Língua Portuguesa: Brasil, Goa, Angola...

Com base em vários trabalhos, que serão referidos adiante, é hoje possível definir algumas propriedades linguísticas que parecem justificar a proposta de que está em curso, ou em processo de formação, uma variante moçambicana de língua portuguesa; melhor dizendo, a moçambicanização da língua portuguesa, como veremos no subtema seguinte.

## 2.3. Processo de Moçambicanização da Língua Portuguesa

### 2.3.1. Noção de moçambicanização

As línguas naturais constituem configurações que mudam lentamente, moldadas pelo curso invisível e impessoal que é a vida da língua. Estas mudanças ocorrem em todos os níveis da língua (semântico, fonético-fonológico, sintáctico e lexical, pragmático), pois, por exemplo, com o decorrer do tempo, verificam-se em diversas línguas certas alterações na percepção de nomes de objectos que podemos designar de mudanças semânticas.

Desses processos de mudança não se exclui a língua portuguesa, pois também vem sendo modificada na pronúncia, na gramática e no discurso; vai incorporando novas formas de expressão; vai construindo uma certa identidade moldada pelo espaço histórico, plurilinguístico e multicultural onde se encontra inserida.

Este fenómeno que pressupõe apropriação, recriação e enriquecimento da língua portuguesa por falantes moçambicanos, adaptando-a ao seu contexto sócio-cultural, segundo Dias (2002a), constitui a **Moçambicanização** da língua. Outros autores denominaram este fenómeno de formas diversas.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Firmino (2002:217-237), ao falar de tal fenómeno linguístico, denominou-o *Nativização (Indigenização ou Endogenização)* e define como um *processo de aculturação através do qual uma Língua de Comunicação Alargada (Language of Wider Communicaton) se torna próxima do contexto sociocultural de um país pós-*

Para o presente estudo, de entre as várias denominações usadas, optámos pelo conceito de moçambicanização, por nos parecer aquele que, não se referindo apenas ao processo de mudanças na língua, assim como às transformações linguísticas que operam na língua, o termo *moçambicanização*, de forma clara e directa restringe, ou melhor, mostra que determinados fenómenos linguísticos, os **moçambicanismos**, ocorrem na língua portuguesa falada em Moçambique.

Na esteira de Dias (2002a: 20),

*moçambicanismos são todas as palavras (neologismos ou empréstimos) que são mais tipicamente usadas em Moçambique e que mostram e particularizam a regionalização léxico-semântica do Português em Moçambique.*

### 2. 3.2. Origem histórica da moçambicanização do Português<sup>19</sup>

O processo da moçambicanização do Português deverá remontar ao século XVI, embora pouco se saiba do que aconteceu desde esse século até à independência do país.

No **Tempo Colonial** (1502 até 1975) e durante o período compreendido entre 1502 – 1860, não se pode falar de contacto entre a língua portuguesa e as línguas bantu, uma vez que o contacto era feito por intermédio de intérpretes e tradutores. Nessa altura verificava-se uma separação não só ao nível linguístico, mas também ao nível da cultura e das zonas de residência.

Dias (2003) coloca a hipótese de ter existido nos primeiros contactos entre portugueses e populações locais uma forma híbrida da língua portuguesa, uma espécie de *pidgin rudimentar* instável que não evoluiu para um *pidgin estável* e nem se expandiu, pois assim que alguns falantes aprendiam a língua do outro grupo, estes bilingues passavam a funcionar como intérpretes. Talvez seja esta a razão, no entender da autora, da inexistência de *pidgins estáveis*, ou de *crioulos* na região de Moçambique.

---

*colonial*. Por este processo, uma variedade não-nativa é culturalmente integrada na ecologia social da pós-colónia e adquire novas funções sociais assim como o desenvolvimento de inovações linguísticas que ganham significado comunicativo e social no contexto destas novas funções. Para o caso do Português, dir-se-ia que a língua portuguesa em Moçambique incorpora novas características linguísticas distintivas. Tal processo compreende duas dimensões: uma simbólica, com a emergência de novas atitudes e ideologias sociais face ao uso da língua; e outra linguística, com o desenvolvimento de novas formas de uso da língua. Outros estudiosos moçambicanos destes fenómenos linguísticos em curso em Moçambique, atribuíram outras denominações, tais como, Dialectização, Africanização, Endogenização, Naturalização Indigenização e Nativização.

<sup>19</sup> Importa referir que neste subtema servir-nos-emos basicamente dos dados de Dias (2002a e 2003).

A partir de 1513, os ‘afro-portugueses’ fixaram-se no interior e casaram-se com as filhas dos chefes e estabeleceram, deste modo, com as gentes locais laços de parentesco, ajudando esses mesmos chefes (seus sogros) no plano militar e comercial, negociando produtos locais.

A comunidade de ‘afro-portugueses’ era constituída por indivíduos portugueses oriundos da Europa e da Índia que estavam marginalizados pela sociedade colonial (desertores e criminosos) e também faziam parte dela os indivíduos marginalizados pela sociedade africana (escravos e guerreiros fugitivos). Estes adoptavam o estilo de vida das gentes locais, isto é, reconheciam as obrigações de linhagem, seguiam os rituais locais, como por exemplo, a consulta aos espíritos mediúnicos e ocupavam-se das actividades agrícolas tal como as populações o faziam”.

A autora coloca a hipótese de que a moçambicanização da língua portuguesa tenha tido as suas origens históricas nestas comunidades de ‘afro-portugueses’, pois estas comunidades foram as principais veiculadoras da língua e cultura portuguesas e, por outro lado, elas adaptaram-se ao “estilo de vida africano”.

Considera também que as primeiras gerações bilingues começam a surgir nestas comunidades de ‘afro-portugueses’. Estes bilingues católicos mas que também seguem os rituais africanos, poderão, provavelmente, ter introduzido empréstimos e outras transformações linguísticas na língua portuguesa. Acredita-se igualmente que nesta comunidade de ‘afro-portugueses’ não havia funções sociais separadas para as línguas, isto é, uma relação de tipo diglósico entre a língua portuguesa e as línguas Bantu, surgindo, assim, um bilinguismo sem diglossia.

A adopção de práticas africanas resultou na adaptação da língua à cultura africana, adoptando nomes de animais, plantas, ritos sem a preocupação de traduzí-los para o Português. Como consequência disso, inicia-se a moçambicanização da língua portuguesa, que se traduz na transferência de elementos das línguas Bantu para a língua portuguesa.

Durante este período, a variedade de língua portuguesa usada diferia da do Português Europeu. As motivações para o uso de uma versão diferente de Português, de acordo com Dias (2003), tem a ver, de entre outros factores, com a necessidade de facilitar a comunicação, isto pelo uso de uma espécie de *baby talk* do Português. Outro factor poderá ser motivado pelo facto de o grupo dos ‘afro-portugueses’ que se misturavam com as populações, (maioritariamente, desertores e fugitivos) usarem um dialecto não padronizado do Português. As populações locais também modificavam alguns aspectos da língua, ao tentarem comunicar-se nesta língua. Os erros cometidos eram reforçados pelos portugueses, já que

entendiam ser esta a forma encontrada pelos seus interlocutores para comunicar. Este processo de imitação mútua do Português deu origem ao “jargão português convencionalizado”.

Portanto, pode-se afirmar que a língua portuguesa em África começou, a partir do século XVI, a sofrer um processo de transformação, como ilustram alguns autores citados no artigo de Dias <sup>20</sup>:

- João de Barros (1540) afirma que os negros ao falarem Português barbarizam-no, quer dizer, usam regras diferentes das do Português padrão, por exemplo, na concordância do adjectivo com o substantivo, no emprego do presente do indicativo (substituindo-o pelo infinitivo).
- Luís de Matos considera que a língua portuguesa vai-se enriquecendo em várias direcções: quer pela incorporação, durante algum tempo ou definitivamente, do vocabulário exótico; quer pela movimentação do léxico anterior à expansão ou dos novos sentidos; quer, enfim, pela criação de neologismos:

(i) Palavras de formação portuguesa:

(38) *cambada, canga, gingar, macambúzio, mangar, catinga ...;*

(ii) Empréstimos das línguas africanas:

(39) *mozimo, machila, mucama, cachaça, cafre, missanga, etc..*

- Miranda (1955) apresenta uma compilação de palavras do Português do século XVIII, a saber:

(42) *botacas, milandos, mangabas, manamambos, mucazambos, bazos, etc.*

A ausência de outras amostras linguísticas características desta época coloca dúvidas e conduz a especulações sobre a possibilidade de ter existido um *pidgin estável* ou um *pidgin estável expandido*.

A partir do século XIX, atribuem-se às línguas portuguesa e Bantu funções distintas e delimitadas. O Português passa a assumir oficialmente um estatuto mais elevado (língua de administração, educação) e as línguas Bantu são usadas, predominantemente, nos domínios familiar e de amizade, apesar de as missões protestantes as terem usado como principal meio de ensino até 1929-1930, pois depois disso o seu uso nas escolas é proibido pela legislação

---

<sup>20</sup> Os autores aqui apresentados por Dias (2003:15) são citados por Jorge Morais-Barbosa na obra intitulada *A língua Portuguesa no Mundo*, editado em Lisboa, pela Agência-Geral do Ultramar, publicada em 1969.

vigente. Deste modo, a língua portuguesa passa a ser a língua de prestígio, de civilização e de cultura, desprezando-se e estigmatizando as línguas Bantu

Apesar da estratificação social e racial clara e do forte aparelho ideológico colonial, começam a surgir os primeiros jornais de tipo contestatários: *O Africano* (1877-1882); o *Vigilante* (1882); o *Correio da Zambézia* (1886), o *Clamor Africano* e o *Africano* (1908), propriedade do Grémio de Lourenço Marques.

Um aspecto característico destes jornais, era o uso de moçambicanismos (neologismos e empréstimos das línguas Bantu). Eis alguns exemplos de vocábulos retirados do *Africano* (1908 /1919) organizado por Soares e Zamparoni.

(40) *fundearam, mufana, canganhiçar, languçar, sópe, rascada, milando, hoss...*

O uso de moçambicanismos estendeu-se a vários escritores moçambicanos que passam a empregá-los nas suas obras. Trata-se de escritores como Bruno (1927), que no seu livro *Zambeziãna* apresenta muitos moçambicanismos:

(41) *balchão, cofiós, colimar, sinhara, machileiro, mapiramanga, mainatos, dólman...*

Entre 1945 a 1961, na Literatura, surge uma outra forma de resistência e protesto, com escritores como Noémia de Sousa, Fonseca Amaral, Orlando Mendes, Rui Knopf, José Craveirinha, Kalungano, Rui Nogar, João Dias e outros. O que caracteriza estes escritores é a reivindicação da autenticidade e do nacionalismo, através do uso de moçambicanismos nas suas obras, que se assume como uma forma de ruptura com a Literatura Colonial.

No período compreendido entre 1962 – 1975, a língua portuguesa em Moçambique deverá ser vista sob dois espaços diferentes: no território sob ocupação colonial portuguesa e no espaço que compreende as zonas libertadas.

Relativamente ao *Território sob domínio colonial* verifica-se o aumento de número de escolas primárias e de alunos nas escolas. Em 1964, ano em que se aboliu a Lei do Indigenato, passando a não existir africanos assimilados, como consequência, elimina-se a separação entre o Ensino de Adaptação e o Ensino Primário Comum. A política linguística mantém-se inalterável, isto é, a língua portuguesa continua sendo a língua da administração, imprensa, e ensino; as línguas Bantu podiam ser usadas para o ensino da religião católica e nas emissões radiofónicas em línguas nativas.

Durante o período da Luta Armada, assim como nas *Zonas Libertadas*, a língua portuguesa foi escolhida para a comunicação oficial, por forma a unir os moçambicanos e conhecer melhor o inimigo. Deste modo, ela foi incorporando palavras do Russo, do Swahili, do Inglês e das línguas Bantu faladas em Moçambique.

(42) *casquete, chotekuria, fudjo, fudjista, kalash, kalashnikov, molotov, etc.*

Em 1972, Cabral apresenta uma compilação de moçambicanismos que denominou *Pequeno Dicionário de Moçambique*. O dicionário contém termos relativos à numismática, flora, fauna, povos e línguas. Maioritariamente, as palavras apresentadas por Cabral são ainda hoje usadas no Português de Moçambique.

(45) *armalhão, barrete, batiá, batique, buganvília, bulabula, chacuti, etc.*

No período **pós-Independência** (1975–2000), os estudos sobre a língua portuguesa tiveram início na década de oitenta e continuaram até ao ano dois mil. Durante este período, várias investigações foram realizadas em diversas áreas (sintaxe, semântica, fonética, morfológico e outros) procurando descrever e analisar diferentes fenómenos linguísticos que iam surgindo na língua portuguesa e que traduziam as mudanças que ocorriam/ocorrem. Trata-se de mudanças intra-linguísticas, inter-falantes, inter-situacional, etc.

Verifica-se nesta época o uso frequente de palavras com diferentes conotações, isto é, palavras que se referem ao Marxismo- Leninismo:

(47) *aliança revolucionária, alienação cultural, aliado, burguês, capitalismo, chupar o sangue do povo, corrupção, homem novo, imperialismo, neocolonialismo, ofensiva, proletariado, reeducação, regionalismo, revolução, tribalismo, etc.*

### 2.3.3. Alguns aspectos sobre a norma linguística

A língua padrão é uma variedade de uma língua seleccionada com base em critérios não só linguísticos, mas sobretudo critérios extra-linguísticos (sociais, políticos e regionais), e que é usada a nível oficial.

Considerando que Moçambique é um país plurilingue, alguns analistas consideram que a decisão por uma norma moçambicana será um processo difícil e este poderá criar conflitos. Outro problema também se levanta quando se procura o falante ideal a partir do qual se poderia ter amostras da norma do Português de Moçambique. Sendo assim, o melhor seria, na óptica de alguns analistas, continuarmos a reger-mo-nos pela norma padrão europeia, pois, na óptica de Lopes (1997: 37), por exemplo, há quatro razões fortes para escolher o dialecto educado padrão:

A primeira, foi o que a maior parte (se não todos) fizeram. A segunda, um dialecto educado muda mais lentamente do que outros dialectos. A escrita e a imprensa pública, que normalmente utilizam o dialecto educado, actuam como que uma espécie de travão sobre a mudança, através do “temposerve” o objectivo da padronização. A terceira, as instituições precisam de se dirigir a um público para além das várias comunidades dialectais. A quarta, o dialecto educado é sinal de identificação com uma sociedade tecnológica e serve o objectivo da interacção internacional.

A opinião de Souza (1990) parece contrariar em parte um pouco este posicionamento ao defender que

é necessário que a linguagem esteja perto da realidade dos seus utentes e das necessidades de cada grupo, por menor que ele seja. É preciso admitir a construção de linguagem de baixo para cima, fundamentada nas experiências vividas, ao invés de insistir no parco universo de termos ditos científicos.

Embora concordemos com este ponto de vista, a nosso ver é fundamental que a moçambicanização da língua portuguesa não ponha em causa a unidade fundamental da língua tanto ao nível interno (considerando o plurilinguismo do país), como também ao nível externo (com os outros povos falantes deste idioma).

Se aceitarmos que as línguas naturais se adaptam às circunstâncias sociais dos seus falantes e as reflectem, então como consequência teremos variadas formas de falar Português, como reflexo da realidade do seu uso social.

Assim, e na sequência do que temos vindo a afirmar sobre a questão da norma, Dias (2002) coloca a hipótese da existência de três variedades (normas) na língua portuguesa falada em Moçambique, que têm como origem a diversidade regional e social existente.

### **2.3.3.1. Variedade pidginizada**

Esta primeira variedade linguística, de acordo com Dias (2002 b), seria uma *variedade pidginizada*, normalmente usada nas zonas rurais, periurbanas e suburbanas, com características típicas de um pidgin: vocabulário limitado, modificação na forma de exprimir certos meios gramaticais, como por exemplo, as orações subordinadas e uma alteração de redundâncias na língua. O léxico é limitado, abrangendo apenas áreas semânticas, como

nomes de objectos, palavras referentes à vida quotidiana, à saúde, às fórmulas de saudação, etc.

### **2. 3.3.2. Variedade misturada**

A segunda variedade linguística, a *variedade misturada*, é vista como fruto do contacto interlíngua, Português - línguas Bantu, e constitui língua materna para muitas crianças.

A base lexical é fornecida, maioritariamente, pela língua portuguesa e a estrutura sintáctica é, muitas vezes, transferida da língua Bantu. Aqui importa também ressaltar um aspecto que é apresentado por Dias (2002b), que tem a ver com a avaliação disfórica que normalmente se faz a esta variedade. No entendimento desta autora, esta variedade é considerada inferior, pobre, incorrecta, fazendo com que o seu estudo seja realizado numa perspectiva de análise de erros, *sem que se procure entender as regras que lhes são subjacentes e que permitem considerá-la tão lógica quanto a variedade normatizada, que se aproxima mais da europeia.*

### **2. 3.3.3. Variedade normatizada**

Por último, a *variedade normatizada*, que, embora equiparada à norma padrão europeia, não constitui uma transposição desta norma. Esta caracteriza-se por uma maior incorporação de normas gramaticais da língua portuguesa, mas com certas nuances moçambicanas, como por exemplo, o uso no domínio familiar e oral de empréstimos das línguas bantu, a utilização de inovações semelhantes às da variedade misturada, a manutenção de certas tendências articulatórias muito generalizadas, como por exemplo, a abertura das pré-tónicas.

A aproximação desta variedade à língua portuguesa situa-se nos planos sintáctico e morfológico, onde há maior estabilidade e regularidade de regras.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Para informação pormenorizada, ver Dias 2002a: 178-192.



## 2.4. Estudos sobre o léxico do Português de Moçambique<sup>22</sup>

Os estudos relativos ao Português de Moçambique têm uma história recente. No período colonial, apenas são reportados dois estudos, sendo uma tese de licenciatura de Penicela (1967) e o projecto de “Recolha do Português Fundamental da Universidade de Lourenço Marques (ULM, 1973). Fora destes estudos, parece não haver outros a assinalar, de acordo com Gonçalves (1997)<sup>23</sup>.

Em relação às pesquisas sobre o léxico do Português de Moçambique na época colonial, apenas tivemos acesso à dissertação de licenciatura de Penicela (1967) e ao *Pequeno Dicionário de Moçambique* escrito por Cabral (1972).

Penicela (1967), no seu trabalho, procura apresentar *Alguns Subsídios para o Estudo do Português Falado por alguns Nativos do Sul de Moçambique*. Trata-se de uma tentativa de apresentar os traços mais salientes ao nível fonético, morfo-sintáctico e lexicológico. O autor faz um enquadramento destes aspectos linguísticos, apresentando, em primeiro plano, aspectos da história, da geografia e da etnografia dos povos do sul de Moçambique, ou melhor, dos rongas, changanas, tswás, chopos e bitongas.

No concernente ao léxico estudado por Penicela (1967), nota-se o predomínio de empréstimos lexicais e um número reduzido de neologismos semânticos, ou seja, palavras que adquiriram um sentido especializado diferente do que têm no PE. Eis alguns exemplos de neologismos e empréstimos:

- (48) (a) *camioneta* – camião pequeno (e não viatura automóvel para transportes colectivos)  
 (c) *mata-bicho* – pequeno almoço  
 (d) *Sim* (advérbio), quando a pergunta é feita negativamente, a resposta sim corresponde a não do PE. *Você não tem dinheiro? Sim (=não tenho)*. Se tem pode responder, *tenho*.
- (49) (a) frutos: *cuácia, mapsincha, mafurra, mavungua*;  
 (b) plantas: *mafureira, canhueiro, maçaleir*;  
 (c) animais: *xipene, sécua, tuta, gala-gala*;  
 (d) alimentos e tempero: *mathapa, rale, piri-piri, wuputo, wuswa*.

<sup>22</sup> Referimo-nos apenas ao léxico do Português de Moçambique, isto é, às inovações lexicais no Português por empréstimo ou por outros processos. Os empréstimos do Português nas línguas bantu não constituem o nosso objecto de estudo.

<sup>23</sup> No entanto, a obra intitulada *A Língua no Mundo* de Jorge Morais-Barbosa (1969), citado por Dias (2003:15), apresenta uma compilação de alguns estudos referentes à língua portuguesa do século XXIII (apresentamos tais dados nas primeiras páginas deste capítulo).

Examinando o léxico estudado por Penicela (1967), verifica-se que grande parte das palavras, cerca de 90%, constituem empréstimos das línguas bantu, em particular das línguas Gitonga, Cicopi, Xitswa, Xironga e Xichangana retirados, na sua maioria, de fontes escritas. As inovações, isto é, as palavras do Português que adquiriram novos significados ou usos são em número bastante reduzido. Nota-se também que algumas palavras apresentadas continuam vivas no Português que hoje é falado em Moçambique.

Cabral (1972) apresenta um Pequeno Dicionário de Moçambicanismos e Termos Nativos mais Correntes, sobre fauna, flora, numismática, povos e línguas; termos sobre agricultura, fauna, silvicultura e floricultura; curandeirismos e feiticismos; pesos e moedas, etc.<sup>24</sup>

Depois da Independência de Moçambique em 1975, notam-se algumas iniciativas, de forma tímida e dispersa, visando a reflexão sobre a língua portuguesa, destacando-se o relançamento do Projecto da ULM/1973, abandonado em 1979 devido à ausência de um enquadramento teórico da pesquisa; e, em 1979, a realização do “I Seminário Nacional sobre o Ensino da Língua Portuguesa” organizado pelo Ministério de Educação e Cultura.

Em meados do ano de 1980, começam a surgir alguns estudos sobre a língua portuguesa, na área da Linguística, mais especificamente, em Linguística Aplicada (trabalhos sobre Análise de Erros), Linguística Descritiva (Análise lexical e Sintáctico-Semântica) e Sociolinguística (Atitudes Linguísticas, Formas de Tratamento, o Uso do Português por Professores Primários e Alfabetizadores).

A partir de 1990, para além das áreas de pesquisa acima mencionadas, surgem também estudos sobre a Política Linguística em Moçambique, o Ensino do Português em Moçambique versando, fundamentalmente, sobre as condições de ensino de Português: meios de ensino, formação de professores, abordagem dos conteúdos na sala de aulas, língua de instrução e outros).

Importa referir também que foi nesta década, 1997, que foi lançado o projecto do Panorama do Português Oral de Maputo (PPOM), coordenado por Perpétua Gonçalves, no Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (INDE). O PPOM tinha como objectivo principal a recolha de um *corpus* de língua oral com a finalidade de criação de um banco de dados a ser disponibilizado para investigação sobre o processo de dialectização do Português oral de Maputo.

---

<sup>24</sup> Uma vez que esta obra será aqui objecto de análise, fazemos apenas uma breve referência de modo a evitar repetição desnecessária.

Recentemente, regista-se algum aumento (mas ainda longe de se considerar razoável) de investigações, comparados ao período anterior, apresentadas em monografias de licenciatura, dissertações de mestrado e teses de doutoramento, não obstante a dificuldade de aceder a tais estudos, pela dificuldade que existe no País no que respeita à publicação dos mesmos. Importa também referir que, apesar deste aumento de pesquisas, um número bastante insignificante é que avança de forma significativa para questões teóricas<sup>25</sup>.

A leitura dos trabalhos feitos depois da Independência, permite-nos apresentar, de forma sumária, alguns aspectos que caracterizam o Português de Moçambique.

No que diz respeito à origem do léxico estudado, este vem da língua oral. O léxico escrito é fornecido pelas obras literárias. Maioritariamente, este léxico foi recolhido na cidade de Maputo.

Quanto aos resultados, tal como os apresentados por Penicela (1967), mostram que grande parte do novo léxico que entra no PM é constituído por empréstimos das línguas bantu. Os neologismos que se verificam são semânticos, ou seja, trata-se de palavras do português que ganham novos significados.

---

<sup>25</sup> Ver, por exemplo, Almeida (1997), Mabunda, (1994), Manuel (1998).

## CAPÍTULO III

### OS PROCESSOS DE ENRIQUECIMENTO E FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO LÉXICO DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

#### 3.1. Tipo de pesquisa e procedimentos metodológicos

A abordagem do problema que constituiu o foco da nossa investigação foi feita através de uma pesquisa bibliográfica. No nosso caso, trata-se de dicionários de moçambicanismos produzidos e editados em Moçambique.

A nossa opção por uma pesquisa bibliográfica apoia-se em Gil (1996:50), que considera que “*a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no facto de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenómenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar directamente*”.

Para esta pesquisa, foi fundamental trabalhar com estas fontes, uma vez que estas constituem, por um lado, uma fonte rica e estável de dados; por outro lado, integram um léxico muito “disperso” no tempo e no espaço. Assim, ao centrarmo-nos em fontes mais acessíveis, as dificuldades que poderíamos enfrentar para aceder aos dados, dada a diversidade linguística do país, a dificuldade de acesso aos locais e o tempo disponível para responder de imediato dentro dos prazos estabelecidos, ficaram minimizadas.

Uma última razão que nos impeliu a trabalhar com estas fontes tem a ver com a necessidade de valorizar o trabalho já realizado por outros pesquisadores nesta área, pelo uso do material recolhido e disponível.

#### 3.2. Breves notas sobre as fontes

O conjunto de palavras que constituem o *corpus* do presente trabalho foi extraído de três obras moçambicanas, ou seja, três dicionários de moçambicanismos.

O termo *moçambicanismos*, como afirmámos anteriormente, refere-se a todas as palavras (neologismos ou empréstimos) que são mais tipicamente usadas em Moçambique e que mostram e particularizam a regionalização léxico-semântica do Português de Moçambique.

A escolha destas obras prende-se com o facto de estas conterem dados que reportam mudanças no uso da língua portuguesa num período anterior à Independência de Moçambique (Cabral 1972) e dados referentes aos novos usos da língua num período posterior à Independência (Lopes *et al.* 2002 e Dias 2002).

### **3.2.1. Pequeno Dicionário de Moçambique – Moçambicanismos e termos nativos mais correntes**

Este dicionário de António Carlos Pereira Cabral foi editado pelo autor em 1972, em Moçambique, na cidade de Lourenço Marques, actual cidade de Maputo.

Trata-se de uma obra com cerca de 3582<sup>26</sup> palavras, ou seja, moçambicanismos que designam vários domínios, a saber: flora, fauna, sivicultura, floricultura, curandeirismo / feiticismo, referentes a um período anterior à Independência de Moçambique, em 1975.

De acordo com o autor, o dicionário resulta de palavras retiradas de jornais e revistas, livros e fontes orais. Acrescenta ainda que parte das palavras registadas não pertence a Moçambique; elas foram registadas uma vez que apareciam em jornais e em revistas que circulavam no país, apesar de não se encontrarem registadas em dicionários portugueses, em particular no *Grande Dicionário de Cândido de Figueiredo*, editado pela Livraria Bertrand em 1947.

No concernente à organização, as palavras obedecem à forma clássica (atómica). No entanto, sempre que possível, o autor faz menção à língua ou região de origem do termo referido.

### **3.2.2. Moçambicanismos – Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano**

Esta obra, escrita por um colectivo de autores, foi editada na cidade de Maputo em 2002, pela Imprensa da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e contém cerca de 845 palavras.

De acordo com os autores desta obra, Armando Jorge Lopes, Salvador Júlio Siteo e Paulino José Nhamuende, o dicionário tem como objectivo principal “*registar e analisar*

---

<sup>26</sup> 331 palavras deste total encontram-se em adenda, situação que pode ser justificada pela forma de impressão usada para a publicação do dicionário. Melhor dizendo, o texto foi dactilografado, o que dificultou a inclusão de novas palavras no lugar apropriado, já que isso implicaria reescrever todo o texto.

*alguns traços formais e funcionais do Português de Moçambique (PM) cuja moçambicanidade torna esta variedade distinta da variedade do Português na sua dimensão europeia (PE)”*.

O dicionário segue uma organização diferente do habitual, isto é, não só apresenta palavras, assim como siglas e abreviaturas. A apresentação do léxico no dicionário é antecedida por uma contextualização da obra, isto é, oferece alguns aspectos teóricos relativos ao léxico, assim como a metodologia adoptada para a recolha e posterior organização do léxico no dicionário.

### **3.2.3. Minidicionário de Moçambicanismos**

O *Minidicionário* da autoria de Hildizina Norberto Pereira Dias foi editado pela autora, também na cidade de Maputo, igualmente no ano de 2002. Este dicionário contém cerca de 1540 verbetes de A a Z que designam animais, plantas, rituais, acções, sabores, trajes, instrumentos e acontecimentos.

A obra faz uma compilação de moçambicanismos, dando continuidade, segundo a autora, ao trabalho realizado por outros estudiosos. Trata-se de moçambicanismos do domínio oral, recolhidos em contextos de comunicação familiar ou popular, referentes a três cidades do país: Maputo, Quelimane e Pemba. Importa também referir que tais dados foram recolhidos num período de dez anos - 1991 a 2001.

Segundo a autora, Dias (2002:18), o seu principal objectivo é “*mostrar algumas palavras e significados novos usualmente utilizados por alguns moçambicanos e que não aparecem nos dicionários portugueses*”. No entanto, conforme a autora realça, não é sua intenção “*impor uma norma linguística nem sequer padronizar a língua portuguesa falada em Moçambique*”.

O Minidicionário de Moçambicanismos apresenta empréstimos e neologismos com as respectivas transcrições fonéticas e com informações etimológicas das palavras.

No que diz respeito à estrutura ou organização do dicionário, a autora dedica cerca de 36 páginas para enquadrar o leitor: faz pequenas explanações sobre as motivações, e objectivos do dicionário, faz referência à metodologia de recolha de dados usada, apresenta uma breve reflexão sobre a ortografia, transcrição fonética e outros aspectos julgados importantes.

### 3.3. Procedimentos metodológicos

Os dados que são objecto de análise no presente trabalho foram seleccionados, aleatoriamente, dos três dicionários. São cerca de cento e oitenta palavras. No processo da selecção, observámos que algumas palavras estabeleciam entre elas certas afinidades, o que nos possibilitou agrupá-las em duas áreas: Cerimónias ou Feitos Tradicionais e Trabalho/Profissões<sup>27</sup>. A opção pelo léxico destas áreas deveu-se ao facto de o termos considerado bastante representativo do léxico do PM, pois integra léxico que privilegia as relações entre os homens, a família, a cultura, a sociedade:

- (i) o léxico das Cerimónias ou Feitos Tradicionais retrata o lado cultural moçambicano, ou seja, as tradições, as crenças, os medos...;
- (ii) por outro lado, a área do Trabalho / Profissões apresenta léxico cujo interesse se prende com o facto de encontrarmos um maior número de neologismos que tem como base a língua portuguesa, evidenciando-se aí a criatividade dos falantes de Português em Moçambique.

Para um melhor enquadramento semântico do *corpus*, consideramos importante, numa primeira fase, mostrar um pouco da ‘história’ dessas palavras, pois, como dissemos anteriormente, o léxico de uma língua conserva uma estreita ligação com a história sócio-cultural de uma comunidade, já que regista as diversas formas de conhecimento que nela se instauram. Ou seja, apresentar o contexto sociolinguístico em que tais palavras ocorrem. Nesta fase de apresentação, vimos também ser necessário fazer um novo reagrupamento dos dados por forma a facilitar a sua leitura/compreensão.

Assim, os dados da área das Cerimónias ou Feitos Tradicionais foram repartidos em três campos lexicais: Amor, Protecção e Morte. Esta divisão tripartida enquadra-se nas três fases fundamentais da vida do Homem. O Amor marca o início de tudo, o início da vida, é a via pela qual se gera a vida; a vida para que perdure, para que se mantenha, é necessário protegê-la, preservá-la – daí o surgimento do campo da Protecção; mas, por vezes, não se consegue preservar... surge o inesperado... acontece a fatalidade, o fim – a Morte.

---

<sup>27</sup> No entanto, os minidicionários a partir dos quais se formou o *corpus* apresentam várias áreas, nomeadamente, a área da flora (plantas), a área dos peixes, a área da alimentação, a área dos objectos, a área das bebidas, a área das danças, a área do vestuário, etc. Inicialmente pretendíamos trabalhar com nove áreas, mas desistimos de tal pretensão por consideramos que não seria possível fazer uma análise rigorosa de todas as áreas. Outro factor tem a ver com a dificuldade que teríamos para acomodar toda a análise no texto, facto que tem a ver com o cumprimento dos limites exigidos relativos à extensão do trabalho.

Relativamente à área do Trabalho / Profissões, o reagrupamento foi feito com base na natureza do trabalho realizado (doméstico, marginal, estrangeiro...); os ‘frutos’ ou inovações tecnológicas no trabalho; e consideramos ainda as profissões.

A fase seguinte consistiu na classificação das palavras e, de seguida, efectuámos a descrição dos processos linguísticos de formação patentes no léxico em estudo. Finalmente, discutimos e analisamos os dados, com base em três categorias de análise:

- Origem dos neologismos, isto é, procurámos distinguir as palavras formadas a partir do léxico do Português e os empréstimos de outras línguas;
- Classificação dos neologismos (formais, semânticos e pragmáticos) e os neologismos por empréstimo (origem, função, integração e aceitação na nova língua);
- Processo de formação: composição, derivação ou outros processos.

As informações aqui obtidas permitiram-nos estabelecer uma relação com as hipóteses definidas e daí tirarmos as nossas ilações sobre o que está a acontecer no léxico do Português de Moçambique.

### **3.4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

#### **3.4.1. Área das Cerimónias ou Feitos Tradicionais**

Como dissemos atrás, o léxico desta área foi agrupado em três campos lexicais a partir do trinómio AMOR / PROTECÇÃO / MORTE. No apêndice I apresentamos um quadro com todas as palavras desta área, sintetizando os aspectos que serão analisados de seguida, para uma melhor sistematização dos mesmos.

##### **3.4.1.1. Campo lexical do AMOR**

###### **3.4.1.1.1. Origem dos neologismos**

No campo lexical do AMOR, encontramos palavras como *anelar, canga, culunguane, cozinhar, descapular, engarrafar, kotsolar, lobolar, mukutu, mukumi patchar, pette, sognaria, xanguana, xiguiana, wasuwasu* que apresentam uma certa interligação entre elas. Se não vejamos:



As palavras *cozinhar*, *engarrafar*, *kotsolar* e *wasuwasu* referem-se a actos de “feitiçaria”<sup>28</sup> ou encantamentos, regra geral feitos por mulheres, para conquistar ou levar o homem por quem estão enamoradas a gostar delas ou amá-las. Este acto para que seja efectivo deverá ser renovado / activado constantemente.

Se a mulher conseguir conquistar o seu amado, ela poderá *andar* com ele, isto é, namorar. Mais tarde, esta poderá ser *anelada* (também se usa anelação ou anelamento) ou *lobolada*. Aqui, *anelar* equivaleria a *noivado* no PE.

A palavra *lobolar*, (cujo substantivo é *lobolo*) designa a cerimónia de formalização tradicional de um relacionamento, que se realiza na zona sul de Moçambique. Neste acto, a família do noivo entrega à família da noiva um valor monetário, *pette*<sup>29</sup>, previamente estabelecido pela família da noiva. Este valor é acompanhado por roupa para a mãe, tias e avós (*capulanas*; *mukumi*, ou seja, *capulana* grande com uma renda no meio que é usada em cima das outras *capulanas*; lenços de cabeça e blusas); roupa para o pai (camisa branca ou fato completo, bengala e chapéu); roupa para a noiva (vestido, sapatos, *meias-de-vidro*<sup>30</sup>, relógio, fio de ouro ou prata e o anel de noivado que é colocado no acto da cerimónia). Relativamente ao tipo de *capulanas* a oferecer, geralmente não são aceites as *cangas*, que constituem uma espécie de *capulana* importada, feita com tecido fino e normalmente com franjas laterais.

Também neste acto é obrigatório que os compadres ofereçam uma garrafa ou garrafão de vinho para se realizar o acto de *kuphacha* (*mukutto* na Zambézia), isto é, comunicar aos antepassados a cerimónia realizada.

O requinte das ofertas depende das posses das famílias que podem oferecer mais artigos, ou artigos de melhor qualidade e valor comparativamente ao que lhe foi solicitado.

O acto da entrega dos bens, assim como a colocação do anel no dedo da noiva segue um ritual que varia de uma família para outra. Regra geral, a noiva aparece acompanhada de mais duas irmãs, primas, ou amigas todas tapadas com *capulanas*, cabendo à família do noivo adivinhar quem é a pretendida. No caso de *descapular* a moça errada, estes serão penalizados, devendo pagar uma pequena quantia. A pessoa a quem se dá esta responsabilidade de destapar, ou melhor, *descapular* a noiva, designa-se *xanguana*.

<sup>28</sup> Os brasileiros referem-se a estes actos de feitiçaria como *macumba*, termo que já começa a ser usado também em Moçambique por influência das telenovelas brasileiras.

<sup>29</sup> *Pette* é um termo chuwabo que significa dote matrimonial, o mesmo que *lobolo*: “Foi o tio que recebeu o *pette* da Lola” (Dias, 2000).

<sup>30</sup> As *meias-de-vidro* constituem um tipo de meia feminina muito fina e transparente.

Segue-se depois a festa: comida, bebida, danças, cantorias e *culunguanes*, isto é, gritos que simbolizam alegria. Neste caso também a fartura dependerá da disponibilidade financeira da família anfitriã, ou seja, dependerá do *taco* que a família tiver. As famílias *tacudas* realizam festas mais apetrechadas.

Feito isto, o noivo poderá decidir viver com a sua amada a partir deste dia sem que seja necessário realizar a cerimónia de casamento civil ou religiosa, pois nestas sociedades esta cerimónia constitui o casamento.

Portanto, o *lobolo* não é noivado. É um casamento tradicional. Acredita-se que esta etapa é muito importante, pois será determinante para a felicidade, a harmonia do novo casal. Também é determinante para a possibilidade de gerar filhos, e não só, filhos saudáveis. Os espíritos dos antepassados estarão em paz, pois conhecem o paradeiro da sua filha. O casamento foi abençoado.

Para a noiva ir à sua nova casa, isto é, à *sograria* (casa dos sogros), ela leva o seu enxoval e é acompanhada por alguns familiares. Esta cerimónia é denominada *xiguiana*. Neste acto, a família do noivo recebe as pessoas do *xiguiana* com cantorias e danças. Depois de cumpridas todas as formalidades deste acto, segue-se um almoço de confraternização.

Nos almoços ou festas de confraternização, geralmente são servidos tipos variados de comidas: *arroz chau-chau*, *chamussas*, *badjias*, *brian*, *chacuti*, *chaumin chima/xima*, *colchão de noiva*, *matapa*, *mucwane*, *karrakata*, *caril de carne*, *chatini*, *pulau*, *tihove*, *xiguinha / chiguinha*, etc.<sup>31</sup>

A refeição que é servida poderá ser acompanhada por um *achar*. O *achar* é um condimento de frutos, isto é, limão ou manga, conservados em sumo de limão, piri-piri e temperos. Trata-se de um picante que acompanha certos pratos. Também poderão ser servidos bolos, *mikate*, *argola*, *colchão de noiva*, *patanicua*, etc.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> *Badjia* é um pastel feito a partir de vários tipos de farinhas de feijões, como por exemplo, farinha de grão, de ervilha, de feijão nhemba, de feijão buerre, de feijão manteiga ou de feijão frade. A *chamussa* é também um pastel mas feito com recheio de carne, de peixe, de camarão ou de legumes, cuja massa envolvente é previamente assada. *Chatini* é uma iguaria feita a partir de massa de tomate, à qual se pode juntar peixe seco ou carne seca, assada na brasa. *Chacuti* iguaria feita com carnes de vários tipos, temperos e côco torrado. *Chau-chau* arroz frito chinês preparado com vegetais, carnes e molho. Outro arroz que também é servido é o *briani*, um arroz refogado com temperos, ao qual se adiciona carne, ovos cozidos e batatas fritas. *Chau-min* massa chinesa preparada com vegetais, carnes e molho de soja. *Karrakata* massa de farinha de mandioca. *Mucwane* é uma iguaria feita a partir de vários tipos de folhas (de mandioca, de feijão nhemba, de ervilha, de abóbora) e côco. *Chima/xima* é uma massa feita a partir de farinha de milho, mapira, maxoeira e mandioca. *xiguinha/chiguina* é uma pasta de mandioca, amendoim e cacana. *Tihove* – preparação culinária feita a partir de milho partido, feijão nhemba coco ou amendoim. *Pulau* nome genérico de várias iguarias constituídas por carne de várias espécies, guisadas com temperos indianos e batatas.

<sup>32</sup> *Colchão de noiva* designa um tipo de bolo rectangular, servido com frequência em casamentos; *mikate* é um tipo de bolo feito a partir de farinha de arroz, côco e açúcar que é cozido em água fervente; *argola* é um biscoito frito feito de farinha de trigo, de milho ou de arroz. *Patanicua* termo Chuwabo que designa o doce de côco e

No processo da preparação do *arroz fogado* (em PE, *arroz refogado*), é frequente o uso de *caldo*, isto é, uma espécie de alimento industrializado, em forma de cubo, que serve para juntar a várias preparações culinárias e o *rajá*, que é uma mistura de temperos para condimentar a comida. O arroz depois de cozido geralmente põe-se a *bafar*, ou seja, a secar ao lume.

Relativamente à música, cânticos, danças que acompanham a festa também variam de uma família para outra, podendo ser: *marrabenta*, *mapiko*, *moda-xicavalu*, *makwai*, *msaho*, *nefana*, *nhambarro*, *ngalanga*, *nzobe*, *kuduro*, *siriro*, *tufo*, *xigubo*, *xiguila*, *xingomana*, *xiparatuana*, *xitlacula-guinha*, *xissaizana*, *kikui*, *ziota*, *zungua*, *zukuta*.

A *marrabenta* é um ritmo/dança praticada no sul de Moçambique em que tomam parte homens e mulheres, formando uma roda com pares marcados e independentes. No entanto, Lopes *et al.* (2002:98) colocam a hipótese de a *marrabenta* ter sido originada a partir da *majikha*, a *marrabenta* que se praticou muito, em particular, nos subúrbios da ex-cidade de Lourenço Marques, tendo adquirido um ritmo mais veloz, passando a ser dançada com gestos mais elaborados e estilizados. Mas Cabral (1972: 70), citando José Craveirinha, descreve a *marrabenta* como uma dança cheia de vivacidade e cujos passos se caracterizavam pelo deslizamento dos pés lateralmente, ao mesmo tempo que se movimenta para os lados e no sentido ântero-posterior à região pélvica. No que diz respeito à origem, apresenta o seguinte comentário: “Às vezes parava no meio da sala (o Laurentino Zagueta) e apenas requebrando ritmicamente o corpo da cintura para baixo incitava o par exclamando: ‘Rebenta’! ‘Rebenta’! Os apurados ouvidos dos circunstantes imediatamente captaram aquele termo incitativo e daí a pronúncia *rabenta* e depois acrescentamento do prefixo *-ma* do Ronga.

A dança *modaskavalu* ou *moda-xicavalu* designa um passo intercalado nas danças dos ritmos *majika* ou *marrabenta*. O passo *modaskavalu* caracteriza-se por analogia, pelo trote do cavalo: é a moda a cavalo. Trata-se de um termo que foi construído a partir de morfemas da LP, que depois entra para as línguas Changana e Ronga e mais tarde volta para o PM.

O *Msaho* é a arte musical dos chopos<sup>33</sup> executadas ao som das timbilas. Também refere-se a um tipo de sarau de poesia que é realizado ao ar livre. Nos anos 80, a Associação Moçambicana de Escritores promovia com frequência no Jardim Tunduru, em Maputo, saraus culturais de canto e poesia. E foi nessa altura que este termo passou a ser largamente conhecido.

---

açúcar que tem forma rectangular ou losangular; o mesmo que *matoritori* em Xitswa e Gitonga. *Cocada* é um biscoito feito de farinha de trigo, açúcar, ovos e côco.

<sup>33</sup> Os Chopos ou Machopos são moçambicanos que habitam a zona sul da província de Inhambane e a zona norte da província de Gaza e que têm a língua Cicopi como língua materna.

*Ngodo* designa o conjunto de músicos e bailarinos tocadores de *timbila*. *Nzobe* é uma dança típica do ibo, executada com o auxílio de uma corda. *Tufo* dança de ritmo suave, típica da etnia macua, executada apenas por mulheres. *Ngalanga*, *makwai*, *makwaiela xiparatuana*, *xissaizana*, *xigubo*, *xingomana* são danças do sul de Moçambique.

As danças apresentadas acima por vezes são acompanhadas por instrumentos como, por exemplo, *batuque*, *cassesse*, *chigovia*, *chiquitse*, *chitende*, *gocha*, *siribu*, *timbila* e *xipalapala*. Outras vezes dança-se ao som da música de um *deque/deke* ou de um *xirico*.

As palavras *cassesse*, *chigovia*, *chiquitse*, *chitende*, *gocha*, *siribu*, *timbila*, *xipalapala* designam instrumentos musicais típicos de Moçambique. *Cassesse* é um piano de mão muito frequente no centro e Norte de Moçambique. *Chigovia* é uma flauta feita a partir de um fruto redondo, podendo ser *massala*, *macuácuca* ou *mabuma*. *Chiquitse* é um chocalho de mão, feito de caniço ou de palha de uma planta, entrançada como se fosse uma esteira. *Chitende* designa o arco musical frequente na região Sul de Moçambique, cuja caixa de ressonância é composta por uma cabaça. *Gocha* é também um chocalho de mão composto por um pau colado a uma *massala*. Quanto ao *siribu*, trata-se de uma viola com apenas uma corda. *Timbila* é o mesmo que xilofone, isto é, espécie de marimba com lâminas de madeira. *Xipalapala* é um instrumento musical feito a partir de um chifre usado, normalmente, para convocar a população para uma reunião. São palavras que designam instrumentos musicais com a particularidade de serem produzidos com material não convencional e produzidos pelos moçambicanos.

A palavra *deke* designa, em Moçambique, reproduzidor de som. Trata-se, regra geral, de um aparelho de pequenas dimensões. A palavra provém do Inglês e significa ‘compartimento’. Assim, os utentes designam *deke/deque* ao pequeno aparelho de som com compartimento para introduzir uma cassette, e/ou um disco compacto. Também se fala de *duplo deke*, nos casos em que este tem dois compartimentos para as *cassettes*. Trata-se de uma inovação dos moçambicanos já que os ingleses não usam tais termos, mas sim *cassette player*.

(50) O meu novo *deke* não funciona a pilhas.

*Xirico* é uma palavra que, em Moçambique, segundo Dias (2002:240), designa um género de pássaro da família dos ‘fringillidae’ de várias cores. Trata-se de um canário de olhos amarelos ou canário valentão. Mais tarde, o termo passa a designar rádio portátil, pelo surgimento no mercado moçambicano de um rádio de fabrico nacional denominado *xirico*. Tratava-se de um rádio que todo o moçambicano da classe média e baixa ambicionava ter. Ele

surgiu também numa altura em que o país precisava de mostrar a sua capacidade de produzir algo nacional e enaltecer a competência dos técnicos nacionais. Era o rádio portátil de referência para o moçambicano. Hoje o termo caiu em desuso, pois a fábrica fechou e não mais se ouviram tocar *xiricos* no país. Isto também devido aos grandes avanços tecnológicos que num ritmo bastante acelerado apresentam novos aparelhos de som.

O verbo *afinar*, de acordo com Dias (2002:50), apresenta no PM três sentidos: a) falar a língua portuguesa, com sotaque próprio do PE; aperfeiçoar ou purificar o Português em direcção à norma europeia, como acontece no exemplo (51a); o segundo sentido refere à diminuição / redução da chama ou intensidade de calor do fogão, do candeeiro, como em (51b); e o terceiro refere-se a baixar o volume do rádio, da televisão, como em (51c):

- (51) (a) Ela *afina* quando fala Português.  
 (b) O fogo está muito forte, *afina* o fogão.  
 (c) *Afina* esse deke, estás a incomodar os vizinhos.

#### 3.4.1.1.2. Classificação dos neologismos

Os neologismos neste campo lexical constituem inovações do Português e empréstimos das línguas Bantu e do Inglês.

- **Inovações do Português**

- (i) Neologismos semânticos

As palavras *anelar*, *afinar*, *cozinhar*, *engarrafar* são itens que existem na língua portuguesa, estão dicionarizados, são neologismos semânticos já que lhes foi atribuído um novo sentido, expandido desta forma o seu significado. A palavra *anelar*, em língua portuguesa é um verbo transitivo e significa desejar veementemente; significa também pôr anéis em; dar a forma de anel a; *anelar* (adj.); como verbo intransitivo, significa respirar com dificuldade, ofegar. Em Moçambique, a palavra *anelar* sofreu uma extensão do seu significado, passando a referir-se também ao acto de fazer o pedido de casamento (fazer pedido):

- (52) (a) A Lola foi *anelada*.  
 (b) Hoje é o dia da *anelação* / *anelamento* da Lola.

O verbo *afinar* também constitui um neologismo semântico uma vez que o dicionário de LP apresenta-a com o sentido de ‘tornar fino’ ‘harmonizar’, ‘apurar, ‘pôr no devido som’.

O substantivo *xirico* é um neologismo semântico uma vez que já foi dicionarizado com o sentido de pássaro, havendo desta forma um alargamento do seu sentido

*Cozinhar* (verbo transitivo e intransitivo) quer dizer preparar alimentos ao lume. No sentido figurado, significa preparar; dispor bem; tramar; urdir. No caso do PM o significado é enfeitiçar, seduzir. No PM ganha um novo significado, embora não fugindo muito do sentido figurado do PE.

*Engarrafar* é um verbo transitivo que significa guardar em garrafa. No sentido figurado usa-se com o sentido de impedir a saída de um porto, avenida, etc., colocando qualquer obstáculo ao trânsito. No PM, tal como *cozinhar*, significa seduzir, enfeitiçar no sentido amoroso. Ou seja, impedir a saída de um ente querido de uma relação, engarrafando-o. Trata-se do mesmo processo linguístico – extensão do significado.

#### (ii) Neologismos formais

*Descapular*, *sograria* e *tacudo* são neologismos formais, quer dizer, são significantes que ao nível da forma não foram atestadas no estado anterior do registo da língua. Por outro lado, são semânticos uma vez que trazem consigo um novo significado. *Descapular* não existe no PE. Ela provém da palavra *capulana* (substantivo), que designa vestuário tradicional das mulheres moçambicanas. Trata-se de um pano que cobre o corpo da cintura até aos joelhos. A partir da palavra *capulana*, formou-se um neologismo formal, já que em Português não existe uma palavra para designar este acto.

*Sograria* é uma palavra que não existe no PE. Ela formou-se a partir de uma palavra da língua portuguesa ‘sogra (sogro)’, que designa a mãe do marido em relação à mulher; a mãe da mulher em relação ao marido. Deste substantivo formou-se outro substantivo que designa a casa dos sogros. Isto acontece, mais uma vez porque a LP não tem palavra para se referir à casa dos sogros.

A palavra *tacudo* designa um indivíduo com bastante dinheiro, um indivíduo rico, um indivíduo com *taco/tacu*. Trata-se de um neologismo formal, que se forma a partir do substantivo *taco*.

A *meia-de-vidro* é vulgarmente conhecida como meia-calça. Trata-se de um neologismo formal, uma inovação que se faz usando termos já existentes na LP.

*Modaskavalu* ou *moda-xicavalo* é uma palavra não dicionarizada no PE. Ela forma-se a partir de morfemas da LP e das línguas Ronga e Changana.

- **Empréstimos de outras línguas**

Constituem empréstimos das línguas Bantu as palavras seguintes: *canga*, *culunguane*, *kotsolar*, *lobolar*, *patchar*, *mukume*, *mukutto*, *xiguiana*, *wasuwasu*, *cassesse*, *chigovia*, *chiquitse*, *chitende*, *gocha*, *siribu*, *timbila*, *xipalapala*.

Os verbos *kotsolar* e *wasuwasu* são palavras sinónimas de línguas Bantu diferentes, Changana e Makuwa respectivamente, que significam seduzir, enfeitiçar. Poder-se-ia pensar tratar-se de empréstimos de luxo, já que os verbos ‘seduzir’ e ‘enfeitiçar’ em Português parecem válidos para designar estas situações. Mas é preciso notar que sedução nestes casos envolve certas magias / feitiços que, para os falantes, parecem não ser cobertos pelos termos seduzir e enfeitiçar do PE. Sendo assim, parece-nos correcto classificá-los como empréstimos necessários.

*Mukutto* e *pathar* designam o ritual de oferendas aos defuntos e antepassados, por ocasião de aniversário de morte; por ocasião de nascimento, de casamento ou quando se torna necessário contar com a ajuda dos defuntos ou ainda, para agradecer os defuntos pelo êxito na realização de algo. Estas duas palavras constituem empréstimos necessários. A língua portuguesa parece não possuir vocábulos para designar estas situações. O mesmo se pode dizer em relação à palavra *xiguiana* que designa uma prática tradicional.

*Lobolar* significa noivar ou casar de forma tradicional. Trata-se de um empréstimo necessário uma vez que este termo no Português não corresponde a nenhuma palavra existente. Designa um acto que não encontra correspondência directa no PE. Ele especifica o seu significado.

A *canga* é um tipo de capulana com características próprias que a torna diferente das outras espécies de capulana. Portanto, trata-se de um empréstimo também necessário.

Em relação às palavras *cassesse*, *chigovia*, *chiquitse*, *chitende*, *gocha*, *siribu*, *timbila*, *xipalapala*, estas constituem empréstimos das línguas bantu e designam instrumentos feitos pelos moçambicanos com recurso a plantas, frutos típicos de Moçambique e outros materiais não convencionais. Classificamo-los como empréstimos necessários, mesmo havendo na LP a palavra flauta, piano, por exemplo; é preciso notar que os falantes estabelecem uma distinção entre a flauta e o piano construídos com material convencional e que são universais.

*Deke*, como já nos referimos atrás, é um empréstimo da língua inglesa. No entanto, para os falantes do inglês este termo constitui um neologismo semântico, uma vez que a palavra *deke* significa compartimento e não aparelho de som. No PM trata-se de um

empréstimo necessário, pois, embora a LP tenha termos para designar este aparelho de som, quer nos parecer que para os falantes a palavra *deque* identifica de melhor forma este instrumento musical.

*Deke* é um empréstimo que ao entrar para o PM adaptou-se, isto é, procurou adoptar os aspectos linguísticos da língua receptora, daí também a hesitação na grafia (*deque* ou *deke*).

### 3.4.1.1.3. Processo de formação dos neologismos

Nos neologismos do campo lexical do Amor encontramos, basicamente, quatro processos que passamos de seguida a apresentar.

(i) Derivação parassintética:

O substantivo *capulana* agregou em simultâneo um prefixo e um sufixo dando origem ao verbo *descapular*, que não existe no PE:  
prefixo *des-* + radical *capulan(a)* + sufixo *-ar*.

(ii) Derivação por sufixação:

Do substantivo ‘sogro/sogra’ os falantes derivaram outro substantivo através da sufixação do sufixo *-aria* que em LP significa lugar, meio, instrumento: radical *sogr(a)* + sufixo *-aria* = *sograria*. Portanto, os falantes ao criarem os neologismos procuram seguir as normas da língua receptora.

*Tacudo* forma-se a partir do processo de derivação adjectival, ou seja, do radical *taco* + o sufixo *-do*.

(iii) Composição por justaposição:

*Meia-de-vidro* é um substantivo que se formou por justaposição de dois substantivos, cada um conservando a sua integridade: *meia* + *d e* + *vidro*.

*Arroz fogado* (arroz refogado no PE) trata-se de uma palavra composta por justaposição, mas na qual o segundo termo (*refogado* – *fogado*) resulta da supressão do seu prefixo.

(iv) Hibridização:



As formas verbais *kotsolar*, *lobolar*, *patchar* provêm das formas verbais do Changana no infinitivo<sup>34</sup> (*kukotsola*, *kulovola*, *kuphacha*). O prefixo *ku-* constitui a marca do verbo no infinitivo. Estas palavras ao entrarem na LP conservam o seu radical e incorporam a marca do infinitivo em Português (-*ar*) de modo a adaptarem-se à língua receptora. Estes verbos apresentam um radical (ou empréstimo) do Changana e a sua morfologia flexional é do Português.

O substantivo *marrabenta* também se forma pelo processo de hibridização uma vez que agrega o prefixo da língua Ronga *ma-* e o radical da LP *rebenta*.

O substantivo *moda-xicavalo/modascavalo* também se forma pelo processo de hibridização uma vez que ao juntar os termos *moda* e *cavalo* da LP fá-lo através da inserção do morfema ou infixos *-xi-* / *-s-* das línguas Ronga e Changana. Nota-se que este é um morfema bastante produtivo nestas línguas na designação de substantivos.

*Kuduro* parece tratar-se também de um caso de hibridização (*ku-* + *-duro*) onde se juntaram dois idiomas Bantu de Angola e a LP.

### 3. 4.1.2. Campo lexical da PROTECCÃO

#### 3.4.1.2.1. Origem dos neologismos

Integram este campo lexical as seguintes palavras: *almofadinha*, *amarrar*, *blindar*, *hirisi*, *ingu*, *kuya*, *mukutu*, *patchar*, *tratar*.

*Almofadinha*, *hirisi*, *ingu* e *kuya* são lexemas que constituem o arquilexema amuleto. A *almofadinha* ou *hirisi* consiste num amuleto, talismã da sorte, que é usado contra o mau olhado e apresenta inscrições normalmente em árabe<sup>35</sup>. Tem o poder de desviar desgraças e malefícios. O *ingu* constitui uma variedade de amuleto também em forma de almofada que se amarra ao bebé para afugentar maus espíritos. *Kuya* é também um amuleto, mas muito pequeno, usado apenas por mulheres grávidas no momento do parto para afastar o feitiço e o mau olhado.

<sup>34</sup> O prefixo *ku-* constitui a marca do verbo no infinitivo em algumas línguas bantu como Changana, Ronga e Xitswua faladas no sul de Moçambique.

<sup>35</sup> *Almofadinha*, num outro sentido, refere-se ao pastel de carne ou galinha em forma de almofada.

A luta diária e difícil que travam os moçambicanos, face às adversidades da vida, faz com que muitos recorram a estes artifícios como meio de protecção, embora, em alguns meios, tais práticas sejam tomadas, muitas vezes, como sinónimo de ignorância, obscurantismo, etc. E isso faz com que as pessoas que as praticam se sintam desconfortáveis na presença de outras pessoas que na óptica delas não crêem em tais feitos. Ilustra o que dissemos a frase que se segue:

(53) A Zuca estava renitente para tirar a roupa por causa do *kuya* que tinha escondido no *soutien*.

Portanto, existem diferentes lexemas designativos de amuletos, cujos semas se diferenciam pelas suas funções.

A palavra *amarrar*, para além de ser usada no sentido de *enfeitiçar*, significa também *proteger*. Neste sentido, também se usa a palavra *blindar* e *tratar*. O termo *amarrar* constitui uma tradução literal em Português do Changana e do Xitswa *kuboha*. Alguns moçambicanos como forma de proteger as suas casas de assaltantes e principalmente de feiticeiros *amarram* as casas, *blindam* as casas, *tratam-nas*.

(54) Desde que o João *amarrou* a casa, reina sossego na família: a casa nunca mais foi assaltada, nunca mais ninguém adoeceu e as noites são tranquilas.

As pessoas não só protegem as casas como também a si próprios, tratando-se. Este acto consiste em efectuar certos rituais (rezas, banhos, etc) para afastar o mau olhado, o azar e o feitiço. Assim, a pessoa que já passou por este acto diz-se que foi *tratada*, tem o corpo fechado.

Quanto às palavras *mukuto* (termo usado no Centro do país) e *patchar* (zona sul de Moçambique) designam as cerimónias que se fazem para pedir protecção aos espíritos dos antepassados. Os rituais variam de uma zona para outra.

#### 3.4.1.2.2. Classificação dos neologismos

No que diz respeito à classificação dos neologismos deste campo lexical, podemos dizer que os lexemas *almofadinha*, *amarrar*, *blindar* e *tratar* são palavras do PE que ganharam novos significados no PM. São, portanto, neologismos semânticos.

Quanto às palavras *ingu* e *kuya* constituem empréstimos das línguas bantu. São empréstimos necessários, já que não correspondem a nenhuma palavra existente no PE, se considerarmos a especificidade de cada um. O mesmo se pode dizer em relação às palavras *mukutu* e *patchar*, empréstimos necessários das línguas bantu.

Relativamente à palavra *hirisi*, esta constitui um empréstimo do árabe. É também um empréstimo necessário uma vez que ele designa um amuleto cuja utilização se orienta pelos rituais muçulmanos.

### 3.4.1.2.3. Processo de formação dos neologismos

Aqui os neologismos são todos semânticos, ou seja, não houve nenhuma inovação formal. Os outros constituem empréstimos que também procuram adaptar-se à língua receptora e não apresentam nenhuma novidade ao nível formal.

### 3.4.1.3. Campo lexical da MORTE

#### 3.4.1.3.1. Origem dos neologismos

À morte, estão ligadas as palavras *cipoco/xipoko*, *curandeiro*, *cuscus*, *fátia*, *infelicidade*, *kufemba*, *kuloya*, *madjine*, *matanga*, *matoa*, *missa*, *mhonzo*, *mhamba*, *mukuwambu/mucuambo*, *mpereka*, *mukutu*, *mpfúcuca*, *mutxeso*, *nhai*, *ntinholo*, *xikwembu*, *ziarat*.

Na tradição africana, acredita-se que a morte nunca acontece por acaso. A morte de um ente querido vítima de doença, de acidente, de afogamento, etc, é sempre considerada obra dos feiticeiros, *valoy*, que praticam o acto de *kuloya* ou *cuscus*, ou seja, enfeitiçar. O acto de enfeitiçar pode ser feito por via de envenenamento, através de uma droga denominada *mutxeso*; ou pelo envio de *xipoko* (fantasmas ou espíritos maus). Nestes casos, a família procura um *curandeiro* (que é adivinho e/ou médico tradicional), que vai tentar adivinhar a origem da maldade feita, lançando *tinholo*. Os *tinholos* são ossinhos, conchas ou pedras

usadas pelos *curandeiros* para adivinhar, isto é, para descobrirem os feiticeiros ou os causadores de certos problemas de índole familiar ou individual. Outra forma de resolver este problema é fazendo *kufemba*, isto é, fazer um ritual em que se procura o *xipoko*, na pessoa doente ou familiares do defunto e fica-se a saber quem é o mandante do *xipoko*, as causas da sua presença na família e o que poderá ser feito para mandá-lo de volta ao seu dono.

O *curandeiro* depois do diagnóstico poderá proceder à expulsão dos espíritos malignos. Esta cerimónia de expulsar espíritos malignos que se apossaram de alguém é denominada *matoa*.

Por vezes, estes actos terminam em brigas entre os acusados de *kuloya* e os ofendidos. Como tira teimas, realiza-se uma cerimónia designada *modjo* (ou *mhonzo* na zona sul), que consiste em ingerir uma poção feita com bebidas tradicionais misturadas com raízes em pó e outros produtos, que se julga produzir efeitos que conduzem a pessoa a dizer a verdade.

Existe também uma crença segundo a qual um mandau,<sup>36</sup> depois de morto, torna-se não só num espírito do tipo *xikwembu* (deus, força sobrenatural, espírito), mas num espírito vivo, *mpfúkua*, um ser ressuscitado que se vai vingar daqueles que lhe fizeram mal em vida. O mesmo significado tem a palavra *mucuambo* que designa espírito *nhai* vingativo. Assim, uma forma de sossegar este espírito, de entre outras cerimónias, é a realização de *missa* ou *mhamba*. As famílias religiosas realizam suas *missas* envolvendo uma componente religiosa que partilham com todos os convidados e outra, geralmente feita à noite, apenas para os membros mais chegados da família e é orientada por um *curandeiro*. Nalgumas *missas* é obrigatório que se sacrifiquem certos animais (bois, ovelhas, cabritos ou galinhas). Depois de cumpridos todos os rituais, é servido um almoço acompanhado de bebidas: canta-se, dança-se, enfim, festeja-se.

Os termos *ziarat* e *fátia* são usados pelas comunidades muçulmanas. O *ziarat* consiste num ritual feito no terceiro e no quadragésimo dia após um funeral. *Fátia* designa a cerimónia de celebração do aniversário da morte de um familiar defunto, feita pelos muçulmanos, na qual, após as orações, é servido um chá ou almoço aos familiares. *Matanga* refere-se ao ritual que as famílias realizam após o enterro.

A palavra portuguesa *infelicidade* é muitas vezes usada como sinónimo de *morte*.

---

<sup>36</sup> *Mandau* é o moçambicano oriundo das províncias de Manica e Sofala que tem o Cindau como língua materna.

### 3.4.1.3.2. Classificação dos neologismos

#### (i) Neologismos semânticos

As palavras *infelicidade* e *missa* constituem palavras da LP. Trata-se, portanto, de neologismos semânticos uma vez que expandiram o seu significado. Estas palavras estão dicionarizadas e, embora aparentemente se refiram à mesma área semântica dicionarizada, por vezes ocorrem em frases que para os falantes do PE parecem estranhas.

No caso de *missa*, por exemplo, esta cerimónia envolve etapas ligadas às práticas tradicionais moçambicanas. Geralmente, começa com a deposição de flores na campa do malogrado, segue-se depois a celebração da missa, isto é, o acto religioso (orações, pregação, canções) em casa dos familiares e, por fim, há um almoço de confraternização. Nalgumas famílias existem rituais restritos apenas aos membros da família que se realizam na noite anterior, orientados por um curandeiro designado para o efeito. Nestas também a missa é realizada depois de uma consulta ao curandeiro sobre o tipo de cerimónia a realizar, animais a sacrificar e precauções a tomar. Eis alguns exemplos:

- (55) (a) No mês de Março vou fazer *missa* do meu pai.  
 (b) A *missa* em casa da família Muzonda correu bem.  
 (c) Houve *infelicidade* naquela casa. = faleceu alguém naquela casa.  
 (d) Ontem ela não veio trabalhar. Teve *infelicidade* do avô.(= faleceu o avô).

#### (ii) Empréstimos necessários

A palavra *curandeiro*, que designa o adivinho e/ou médico tradicional, já está dicionarizada no PE. No entanto, nos círculos formais ou aculturados os falantes usam de forma diferenciada os termos *curandeiro* e *médico tradicional*. Na óptica destes falantes o *médico tradicional* é aquele que é sério, que conhece plantas medicinais; o *curandeiro* também cura, mas pode usar da magia para prejudicar, matar, etc. Por vezes também é visto como sendo um charlatão.

*Fátia* e *ziarat* são empréstimos necessários já que tentam especificar rituais de comunidades muçulmanas que, regra geral, têm regras que os diferenciam dos não muçulmanos.

Igualmente, os termos que se seguem são também empréstimos necessários, pois designam realidades moçambicanas que ainda não foram registadas na LP: *cipoco/xipoko*,

*cuscus, kufemba, kuloya, madjine, matanga, matoa, mhonzo, mhamba, mukuwambu/mucuambo, mpereka, mukutu, mpfúcia, mutxeso, quenguelequêze, tinholo, kussussira ou uzarambo e xikwembu.*

### **3.4.1.3.3. Processo de formação dos neologismos**

Este campo lexical não apresenta nenhuma novidade no que diz respeito ao processo de formação do léxico em análise. Trata-se de léxico que entra para a LP e algumas vezes tenta adequar a sua ortografia a da língua de chegada (*mucuambo*, *quenguelequêze*); noutros casos mantém a ortografia origina (*mfúcia*, *mhonzo*, *tinholo*).

## **3.4.2. Área das PROFISSÕES / TRABALHO**

Na área do Trabalho/Profissões registámos palavras que designam profissões, e outras palavras que, de forma indirecta, estabelecem uma certa relação com esta área (verbos que designam determinadas actividades, palavras que indicam locais/espacos onde o trabalho se realiza, etc.). Nesta área tentamos agrupar algumas palavras em campos lexicais e, tal como fizemos com os dados apresentados anteriormente, também fazemos um breve historial sobre as palavras. No apêndice II, apresentamos os dados referentes a esta área.

### **3.4.2.1. Campo lexical do Trabalho Doméstico**

#### **3.4.2.1.1. Origem dos neologismos**

Dentro deste domínio encontramos o *empregado doméstico*, a *macaiia* e o *mainato*. O *empregado doméstico* é um indivíduo que realiza trabalho em residências de outras pessoas. Normalmente, o trabalho doméstico é exercido por indivíduos pertencentes às classes desfavorecidas (preferencialmente por mulheres na zona sul e por homens na zona centro e norte do País) e com pouca ou nenhuma escolaridade. Este tipo de trabalho encontra-se à margem do ordenamento jurídico moçambicano, situação herdada da legislatura colonial e não promulgada até então, apesar de a lei defender direitos básicos para todos os trabalhadores.

O uso do termo *empregado doméstico* inicia no período pós-Independência, substituindo o termo “criado”, este considerado semanticamente depreciativo. Assim, como uma forma de valorizar esta actividade, uma forma de mostrar que é um trabalho como outro qualquer, optou-se pela mudança da sua denominação. Nesta óptica, o empregado doméstico passaria a ser visto como um trabalhador igual ao empregado de mesa, empregado de balcão, empregado bancário, etc.

No entanto, esta tentativa de valorização não foi acompanhada por uma valorização legal, razão pela qual o empregado doméstico em muitos casos é bastante explorado: trabalha mais de oito horas por dia e muitas vezes sem folga e também com um salário abaixo do salário mínimo preconizado na lei do trabalho.

A palavra *macaiaia* / *makaiaia* designa também *empregada doméstica*, mas com tarefa específica: ocupa-se apenas das crianças/bebés. Trata-se de uma mulher preferencialmente jovem ou adolescente que se emprega para cuidar exclusivamente de crianças (por vezes apenas para brincar com as crianças; e outros casos, lavar, alimentar apenas a criança ou crianças). O termo *macaiaia* é mais comum nas províncias do centro e norte de Moçambique. Nos últimos anos, nota-se também a utilização deste termo na zona sul do País, alternado com o termo *babá* do Português do Brasil.

O termo *mainato* designa o empregado doméstico que se encarrega de lavar e engomar roupa. Esta actividade é realizada geralmente por homens. Trata-se de uma palavra que já era usada no tempo colonial e que entrou na LP por via das línguas indianas nas antigas colónias portuguesas. Hoje ela é pouco usada em Moçambique, embora esta actividade continue sendo realizada em “grandes casas/famílias.” Talvez se deva ao facto de as pessoas que hoje realizam tal trabalho não se tenham “profissionalizado” nessa actividade.

#### **3.4.2.1.2. Classificação dos neologismos**

O termo *empregado doméstico* é um neologismo semântico que se formou a partir de duas palavras já existentes no PE e que alargaram o significado. Portanto, doméstico também passa a designar pessoa que trabalha em casa de outro, não se referindo apenas ao trabalho doméstico ou animais domésticos, etc.

*Macaiaia* é um empréstimo do Chuwabo (*makayaya*). Classificámo-lo como um empréstimo necessário uma vez que a LP não apresenta nenhuma palavra que corresponda a esta profissão. Poder-se-ia pensar na palavra *ama* do PE. Mas, segundo os dicionários

consultados, *ama* é a mulher que amamenta filho de outra pessoa. A palavra *aia* também apresenta atribuições diferentes da *macaiaia*.

A palavra *mainato* também classificámo-la como um empréstimo necessário. Em LP o trabalho realizado pelo *mainato* é feito por lavandeiro (ou lavadeira, se for mulher). Mas, regra geral, este não é empregado da casa onde realiza o seu trabalho.

### 3.4.2.1.3. Processo de formação dos neologismos

Quanto ao processo de formação, *empregado doméstico*, trata-se de uma lexia composta por disjunção, já que os dois elementos não se juntam graficamente. O primeiro elemento denomina o *empregado* e depois o termo seguinte especifica-o, *doméstico*. Trata-se de uma disjunção uma vez que embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *doméstico* não é uma subclasse de empregado, é como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

*Macaiaia* é um empréstimo do Chuwabo (makayaya) que ao entrar na LP procura adequar-se à ortografia da língua receptora.

Igualmente *mainato* (ou *mainate*) é um empréstimo que entrou na LP por via das antigas colónias portuguesas do Oriente.

### 3.4.2.2. Campo lexical do Trabalho Marginal ou Desonesto

#### 3.4.2.2.1. Origem dos neologismos

Neste campo lexical integramos palavras como *batedor*, *bizniceiro*, *candogueiro*, *guadjicar*, *ninja*, *mukhero* e *mukherista*.

Estes termos referem-se a práticas desonestas, bastante popularizadas, levadas a cabo por certos indivíduos como forma de ganhar a vida.

Os lexemas *batedor*, *candogueiro* e *bizniceiro* designam indivíduos que fazem contrabando de produtos diversos, revendendo-os muitas vezes a preços muito baixos, já que eles fogem ao fisco, isto é, não pagam os impostos da importação ou da revenda como comerciantes. Regra geral estes produtos são adquiridos de forma fraudulenta.

Apesar de estas palavras pertencerem ao mesmo domínio, existem traços que melhor caracterizam cada termo e os tornam diferentes uns dos outros.



A palavra *batedor*, por exemplo, é mais específica em termos do tipo de produto contrabandeado. O *batedor* é aquele que revende viaturas, geralmente adquiridas fora do país de forma ilícita, chamados ‘carros quentes’. Estes carros são ‘quentes’, pois em muitos casos “foram *batidos*”, ou melhor, roubados em garragens ou aos seus proprietários na via pública com recurso a armas brancas ou mesmo armas de fogo.

A palavra *bizniceiro* vem do Inglês – *business* - que significa “negócio”. No entanto, não é costume designar-se o empresário como *businessmen*, mas sim aquele que faz pequenos negócios e obscuros.

*Candongueiro* significa fomentador ou praticante da *candongagem*. *Candongagem* designa a venda de produtos acima dos preços fixados oficialmente. Quando determinado produto rareia no mercado, os *candongueiros* açambarcam-no e revendem mais tarde a preços especulativos. Trata-se de um empréstimo da língua Kimbundo de Angola, significando nessa língua pequeno negócio, actividade de sobrevivência.

*Guadjicar/guadjissar* é um empréstimo do Changana e designa o acto de roubar na via pública ou num aglomerado. Trata-se de um pequeno furto de carteiras, brincos, relógios, sapatos, casacos, dinheiro, telefone, por vezes com recurso a armas brancas, outras com pequenas armas de fogo. Este acto é praticado geralmente por jovens ou adolescentes do sexo masculino.

A palavra *ninja* no PM é sinónimo de assaltante, bandido, ladrão. Ela entra no Português por via de filmes japoneses exibidos em casas de cinema que mostravam *ninjas* travando lutas e levando sempre a melhor.

*Mukhero* significa “contrabando”, “fuga ao fisco na importação e exportação de mercadorias”. Trata-se, portanto, do comércio ilegal, realizado nas fronteiras. De acordo com Lopes *et al.* (2002), o termo *mukhero* é um empréstimo do Inglês *carry* que significa “carregar”, “transportar”. Entra no PM por via indirecta, isto é, o lexema foi importado do Zulu na África do Sul e pelo Siswati na Suazilândia. Porque usado nos postos fronteiriços moçambicanos de Ressano Garcia e Namaacha, ele é adoptada pelos Changanas residentes destas vilas. Entra para o PM por via da língua Changana. O termo *mukhero* designa uma prática exercida pelos residentes das vilas fronteiriças e consiste no transporte de mercadorias em pequenas quantidades, tantas vezes quantas as necessárias de e para cada um dos lados da fronteira com a condescendência das autoridades alfandegárias.

*Mukherista* vem da palavra *mukhero* e designa a pessoa que pratica *mukhero*.

### 3.4.2.2.2. Classificação dos neologismos

A palavra *batedor* constitui um neologismo semântico já que a palavra existe na língua portuguesa significando “aquele ou aquilo que bate”; “o que levanta a caça”; “o soldado explorador que vai na vanguarda do exército”; ou o “soldado” ou “criado fardado e montado” que precede a carruagem de pessoas reais. No PM ela alargou o seu sentido passando a significar “ladrão”. Portanto, o *batedor* é um adjetivo (ladrão) e o verbo correspondente é *bater* (roubar).

*Bizniceiro* constitui um empréstimo necessário uma vez que em LP apesar de termos palavras como empresário, negociante, homem de negócios, negociatas parecem não cobrirem cabalmente os traços que caracterizam este *bizniceiro*. Mesma classificação pode ser atribuída à palavra *candongueiro*, empréstimo necessário, pelas mesmas razões.

*Guadjiçar/guadjissar* é um empréstimo necessário porque os falantes parecem não encontrar em Português uma palavra que descreva este acto, pois *guadjiçar* é retirar algo de alguém de forma brutal, violenta.

*Ninja* é um empréstimo que entrou no PM provavelmente a partir da língua inglesa. É um empréstimo de luxo uma vez que a língua portuguesa possui termos para designar este tipo de malfeitor.

O termo *mukhero* e *mukherista* são empréstimos necessários, uma vez que se referem a um tipo de contrabando e contrabandista típico das zonas fronteiriças em Moçambique.

### 3.4.2.2.3. Processo de formação dos neologismos

A palavra *bizniceiro* formou-se pelo processo de derivação: radical + sufixo (*bizniss* + *eiro* = *bizniceiro*). Mas uma melhor classificação seria admitir que se trata de um processo de hibridização, uma vez que estão em causa duas línguas: Inglês (radical) e Português (sufixo que indica a profissão).

*Guadjiçar/guadjissar* vem do Changana. *Kuguadjiça* (infinitivo do Changana, sendo *-ku* a marca do infinitivo), passa para *guadjiçar/guadjissar* em Português, adoptando a forma dos verbos no infinitivo desta língua – terminação em ‘-ar’.

O termo *mukherista*, apesar de constituir um empréstimo, a sua formação seguiu o processo de formação de palavras do Português. Esta palavra indica profissão e apresenta o

sufixo correspondente do Português: *-ista*. Trata-se de uma hibridização já que junta duas línguas, Changana e Português: radical (*mukhero-*) + sufixo (*-ista*) = *mukherista*.

*Batedor, candongueiro e ninja* não sofrem qualquer modificação no que diz respeito à sua formação.

### 3.4.2.3. Campo lexical do Trabalho Informal

#### 3.4.2.3.1. Origem dos neologismos

*Dumba-nengue, barraca, banca, gueva ganho-ganho, madjolidjo, machila / machileiro, vendedor de rua, guarda de carros, limpador de carros* fazem parte deste campo lexical.

*Gueva/gweva* designa o/a comprador(a)-revendedor(a) de mercadorias diversas no contexto do mercado informal. Trata-se de uma palavra da língua Xhosa – *igweva* – que é o comprador ilícito de diamantes na África do Sul; na língua Sul Africana Zulu – *gweva* – designa o fornecedor de bebidas aos bares (*shebeens*) do Soweto. Entra no PM por via do Changana. É empregue, regra geral, no mercado informal:

(58) A Maria agora é *gueva*, ela vende ovos no mercado do Estrela Vermelha.

(59) A Amélia já não *gueva* cebola, batata e cenoura; agora só *gueva* ovos.

*Dumba-nengue, dumbanengue* é o termo usado para designar o mercado não legalizado, com bancas feitas de madeira e zinco ou outro material precário; ou o tipo de comércio onde os produtos são vendidos em sacos ou esteiras estendidas no chão.

(60) O *dumba-nengue* do Xiquelene é frequentado por pessoas de estratos sociais diversificados.

O conceito de *dumba-nengue* está associado ao comércio informal no Sul do país. Trata-se do um empréstimo da língua Ronga, cujo significado literal é ‘confia no pé’. Isto porque o exercício desta actividade, em locais urbanos e suburbanos de grande concentração de vendedores e multidões de compradores e transeuntes, processa-se à revelia das autoridades policiais, ou melhor, da polícia camarária. Daí o ‘confia no pé’, isto é, foge, quando aparecer a autoridade. Na zona centro o termo equivalente é *tchungamoio* (aperta o coração).

*Banca* designa o lugar onde os vendedores colocam os seus produtos para venda nos mercados, ruas ou esquinas. A palavra existe no PE. Entretanto no PM ela ganha um novo significado, expandindo o seu significado.

*Barraca* significa quiosque, mini-bar instalado numa construção de madeira, chapa metálica ou blocos de cimento. Os contentores têm igualmente sido aproveitados para instalar barracas. A barraca funciona, regra geral, em regime de comércio informal. Trata-se de uma palavra que existe na LP, mas que no PM ganha um novo significado.

- (58) (a) O Vizinho passou toda a noite a beber na *barraca*.  
 (b) Agora todos preferem beber na *barraca* do Bila.

O termo *ganho-ganho* designa o trabalho sazonal. Veja-se o exemplo que se segue:

- (59) Ele não tem emprego fixo faz *ganho-ganho*.

O termo *madjolidjo* constitui um empréstimo da língua Ndau e designa o indivíduo de fretes ou carregador.

*Machila* é uma espécie de palanquim usado para o transporte de uma ou duas pessoas, em geral, com um tipo de toldo para resguardar do sol; também designa a cadeirinha ou liteira utilizada na Índia e na África Oriental. Em Moçambique, a *machila* foi usada durante e após as campanhas de ocupação colonial até aos anos 30 e 40 do século XX. Inicialmente, tratava-se de uma peça de algodão de fabrico local atada pelas pontas a um varão, tendo sido, posteriormente, aperfeiçoado. Na *machila* eram transportadas autoridades coloniais, autoridades das companhias, colonos-passageiros e alguns chefes africanos ao serviço das autoridades coloniais. Cada *machila* era geralmente levada ao ombro por quatro carregadores ou *machileiros*.

*Machileiro* é o transportador/carregador da *machila*. Mas hoje também designa o trabalhador encarregado da carga e descarga de camiões; é o ajudante do condutor de camiões. Nota-se que houve uma expansão semântica do termo, uma vez que já ninguém é transportado em *machilas*. Assim, a palavra expandiu o seu uso para o carregador de mercadoria e não de pessoas.

Os sintagmas *limpador de carros*, *guarda de carros*, *vendedor de rua* designam actividades exercidas por jovens e adultos do sexo masculino, exceptuando a última que é também praticada por mulheres. Embora as palavras sejam da LP, consideramos que elas

constituem uma novidade ao nível da forma pela frequência de uso, ou melhor, pela especificação que fazem das actividades a que se referem.

#### 3.4.2.3.2. Classificação dos neologismos

*Gueva* (*gweva*) / *guevar* entram no PM por via do Changana. A partir de *gueva* formou-se o verbo *guevar*. São empréstimos necessários.

*Dumba-nengue*, *dumbanengue* é um empréstimo necessário que entra por via da língua Ronga.

*Banca* e *barraca* são palavras do português, ou seja, são neologismos semânticos. Aqui nota-se a expansão do seu sentido.

*Ganho-ganho* - trata-se de um neologismo formal, uma vez que a palavra se forma a partir de uma já registada no léxico do Português, *ganho*.

O termo *madjolidjo* constitui um empréstimo da língua Ndau e designa o indivíduo de fretes ou carregador. Trata-se de um empréstimo necessário, pois embora em LP este trabalhador possa ser designado por carregador, esta especifica melhor o tipo de trabalho por este realizado.

*Machileiro* é um neologismo semântico uma vez que expandiu o seu uso de carregador de passoa para carregador de mercadorias.

Os sintagmas *limpador de carros*, *guarda de carros*, *vendedor de rua* são neologismos formais. Embora as palavras sejam da LP, consideramos que elas constituem uma novidade ao nível da forma pela e pela especificação que fazem das actividades a que se referem.

#### 3.4.2.3.3. Processo de formação dos neologismos

*Gueva* / *gweva* entra no PM por via do Changana e procura adaptar-se à ortografia do Português: *gweva* = *gueva*.

A partir de *gueva* formou-se por um processo de hibridização (derivação) o verbo *guevar* (*gueva* do Changana + o sufixo do infinitivo -ar do Português).

O termo *dumba-nengue* é um empréstimo da língua Ronga. Quanto à formação, a palavra é composta por justaposição, isto é, temos um verbo e um substantivo (tradução literal: confia + pé).

Banca e barraca são palavras do Português que não sofrem qualquer transformação ao nível da forma.

*Ganho-ganho* - trata-se de um neologismo formal, que se forma a partir de uma palavra já registada no léxico do Português, *ganho*. Aqui identificámos a reduplicação como processo de formação, já que se verifica uma repetição da palavra. Parece tratar-se de uma onomatopeia especial que, não imitando o som, parece tentar visualizar a forma como este trabalhador recebe o seu ordenado. Portanto, ele trabalha aqui e ganha, vai trabalhar noutra espaço e ganha... e assim sucessivamente – é então o *ganho-ganho*.

O termo *madjolidjo* constitui um empréstimo da língua Ndau e entra para aLP conservando os traços da língua de origem.

*Machileiro* constitui um neologismo semântico e que não sofreu qualquer alteração ao nível da forma.

Os sintagmas *limpador de carros*, *guarda de carros*, *vendedor de rua* são neologismos formais compostos por justaposição.

#### **3.4.2.4.Campo lexical dos Meios de Transporte**

##### **3.4.2.4.1. Origem dos neologismos**

Dentro deste campo lexical, registamos as seguintes palavras: *burra*, *chapa*, *carreira*, *chapeiro* (ou *chapista*), *dobrar*, *guinar*, *machimbombo*, *tchovar*, *tchova-xitaduma* (*txova-xitaduma*), *vunar*.

*Tchovar* e *tchova-xitaduma* constituem empréstimos da língua Changana. *Tchovar* na língua Changana significa empurrar e *tchova-xitaduma* designa o veículo alternativo, a baixo custo, usado para transporte de carga, constituído por uma carroça, com duas rodas que é puxada (empurrada) à mão pelo homem. Traduzindo literalmente o termo *tchova-xitaduma* significa “empurra que vai pegar”. Este tipo de transporte é usado nas cidades para suprir a falta de transporte para transporte de pequenas mercadorias. Nos últimos anos tem sido

adoptado preferencialmente pelos vendedores ambulantes de fruta e vegetais. Habitualmente são os homens e não mulheres que empurram os *tchovas-xitaduma*.

A palavra *burra* é uma palavra portuguesa que designa a fêmea do burro e também cofre para guardar dinheiro, engenho de tirar água dos poços, escadote, etc. Mas no PM ela designa a ‘bicicleta’ - o velocípede de duas rodas iguais.

*Carreira* no PM designa o autocarro que faz longo percurso. Em Moçambique, muitas carreiras transportam passageiros para as províncias de Inhambane, Manica, Quelimane... No PE a palavra *carreira* designa, dentre outros sentidos, o caminho do carro. Caminho do carro passou a designar um tipo de carro.

O termo *machimbombo* designa um meio de transporte colectivo rodoviário de passageiros (autocarro). A origem do termo *machimbombo*, na óptica de Lopes *et al.* (2002), remonta ao Zulu, *ibhomba*, que significa a direcção, o destino que uma pessoa toma numa viagem. A partir da década de 30, na África do Sul, ocorrem várias referências a *bombella* (termo Zulu do Soweto formado a partir de *ibhomba*) para designar o autocarro ou a carruagem ferroviária que transportava os mineiros emigrantes de casa para o trabalho e vice-versa. Outra interpretação (mas menos plausível, na óptica destes autores) considera que a etimologia da palavra *machimbombo* assenta nos termos ingleses *machine* + *pump*. Face a estes dois posicionamentos fica apenas claro que o termo em referência entra no PM como um empréstimo.

As palavras *chapa*<sup>37</sup>, *chapeiro* (ou *chapista*), *dobrar*, *vunar* apresentam uma interligação entre elas. Na década de oitenta, período em que Moçambique começa a introduzir o sistema de Economia de Mercado, aparecem algumas iniciativas privadas na área dos transportes de indivíduos que tentavam ganhar a vida e ao mesmo tempo minimizar a falta de transportes que se fazia sentir no país. A designação destes meios de transporte aparece inicialmente como *chapa cem*, alusão que se fazia ao valor que era cobrado nessa altura por qualquer transportador e sem excepção de rota. Depois o preço foi subindo, de cem para quinhentos, mil, cinco mil... e hoje o valor varia entre cinco a sete e meio meticais. Sendo assim, estas alterações fizeram com que desaparecesse o cem ficando apenas *chapa*. Mas por que razão o termo *chapa*? Este valor era marcado pelos proprietários dos veículos e tratava-se de um valor único para para todas as vias/rotas. Portanto, *chapa* única, *chapa cem*. Do *chapa*, surge o *chapista* ou *chapeiro* que é o condutor deste tipo de veículos.

---

<sup>37</sup> *Chapa* também designa no PM o remendo que se coloca na roupa.

O *chapeiro/chapista* é um condutor que apresenta uma condução bastante contestada: anda à alta velocidade, isto é, *vuna* a valer, faz manobras perigosas, enfim, ninguém o quer por perto na estrada.

A palavra *dobrar* é usada frequentemente pelos cobradores de *chapas* como voz de comando para arrancar, avançar ou estacionar. Trata-se de uma palavra do Português usada como gíria dos trabalhadores de *chapas*.

(60) *Dobra*, vem um chapa atrás de nós.

Qualquer condutor diante de um obstáculo, perigo à vista ou outra razão ele pode *guinar* para o lado. *Guinar* significa curvar, virar à esquina, desviar. Outro significado de *guinar* no PM é enganar, roubar.

(61) (a) O motorista *guinou* para a direita, só assim conseguiu evitar o acidente.

(b) Já passaram dois anos e ainda não me pagaste os 100 meticais que te emprestei. Gostas muito de *guinar* os outros.

No que diz respeito à origem desta palavra, ela está registada nos dicionários portugueses, com sentido próximo ao que registámos acima para (61a), pois *guinar* é usado com o sentido de “desviar-se rapidamente”, “voltar rapidamente”. Com o sentido de “escapular-se”, “safar-se”, como em (61b), não parece haver propriamente uma inovação ao nível do sentido mas sim de uma expansão semântica.

#### 3.4.2.4.2. Classificação dos neologismos

*Tchovar* e *tchova-xitaduma* constituem empréstimos da língua Changana. São empréstimos necessários uma vez que especificam um tipo de transporte típico de Moçambique. Normalmente, as carroças são empurradas por animais (bois, burros, cavalos); mas, em Moçambique, são os homens que empurram.

As palavras *burra*, *carreira* e *guinar* são neologismos semânticos; trata-se de extensão semântica do seu significado.

O termo *machimbombo* classificámo-lo como um empréstimo necessário já que os utentes do Português hoje em Moçambique não se referem a ele de outra forma. Tal como



aconteceu com outros empréstimos, ao entrar na LP, ele procura adaptar-se à ortografia portuguesa.

A palavra *chapa* é um neologismo semântico e *chapista* constitui neologismo formal.

*Dobrar* é um neologismo semântico uma vez que a palavra alarga o seu sentido, não fugindo muito do dicionarizado no PE: duplicar; aumentar; virar um objecto para que uma ou mais partes dele se sobreponham a outra, curvar.

*Vunar* é um empréstimo que vem da língua Chuabo. É um empréstimo de luxo uma vez que a LP tem termos para se referir a este acto: acelerar, anadar à alta velocidade.

#### 3.4.2.4.3. Processo de formação dos neologismos

*Chapista* (ou *chapeiro*) forma-se pela derivação denominal, ou seja, a partir de *chapa* formou-se *chapeiro/chapista*: radical (*chapa*) + sufixo (-eiro/-ista).

Em relação às restantes palavras desta área, não sofrem qualquer transformação digna de realce: algumas são palavras do Português que adquiriram novos significados; outras são empréstimos das línguas moçambicanas de origem bantu.

#### 3.4.2.5. Campo lexical do Trabalho Estrangeiro

##### 3.4.2.5.1. Origem dos neologismos

Neste campo lexical importa falar de três palavras: *madjermane*, *madjonidjoni* ou *magaíça* e *cooperante*. As três primeiras palavras designam indivíduos que exerceram e/ou exercem actividades em países estrangeiros, nomeadamente, República Democrática Alemã (RDA) e África do Sul. Trata-se de trabalhadores na sua maioria assalariados. A palavra *cooperante* designa os estrangeiros que trabalhavam em Moçambique. Vejamos de seguida como surgem estes termos.

*Madjermane*:

O Governo de Moçambique, na década de oitenta, ratificou um Acordo de Cooperação com a República Democrática Alemã (RDA) na área do trabalho. Muitos jovens moçambicanos, sem qualquer formação, e com um nível de escolaridade baixo (4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> classes), ao abrigo deste Acordo foram trabalhar nas fábricas e empresas alemãs. A queda do muro de Berlim, e, conseqüentemente, a unificação das duas Alemanhas, implicou o desenho

de novas políticas de cooperação deste país unificado com o Governo de Moçambique, acto que culminou com regresso ao país dos trabalhadores moçambicanos, em grandes grupos e de forma faseada. No seu regresso, traziam consigo vários objectos valiosos: fogões eléctricos, geleiras, máquinas de lavar, aparelhagens sonoras, motorizadas, etc. Chegados a Moçambique, a integração destes no mercado do trabalho foi muito difícil ou quase impossível, uma vez que muitas empresas no país, que eram em número reduzido, enfrentavam grandes crises financeiras e por isso sem possibilidade de integrá-los. Por outro lado, alguns tinham experiência de trabalho em fábricas ou empresas que nunca existiram no país, ou empresas que já tinham encerrado as suas portas.

Os regressados da RDA, vulgarmente conhecidos como *madjermanes*, como forma de resolver os seus problemas de auto-sustento, começaram a revender os bens trazidos da Alemanha, criando-se assim um “mercado de luxo” denominado Estrela Vermelha por se localizar junto de uma escola secundária com este nome), onde se encontrava tudo e a preços competitivos. Foi nesta altura que a palavra *madjerman* começa a vulgarizar-se.

Hoje, os *madjermans*, são sobejamente conhecidos pelas manifestações que tem realizado, semanalmente, desfilando pela avenida 24 de Julho, em Maputo, exigindo ao Governo o pagamento das suas pensões.

62) Hoje os *madjermanes* desfilaram até ao Ministério do Trabalho, exigindo pagamento das suas pensões.

*Madjonedjone (majonejone) ou magaiça (magaiça/magaiça):*

Trata-se do indivíduo moçambicano que vai ou foi trabalhar nas minas da África do Sul. De acordo com Lopes *et al.* (2002: 90), este indivíduo distingue-se pela forma de vestir, pelas atitudes e linguagem própria. É um indivíduo simples, considerado como cidadão culturalmente deslocado e esquecido de regras cívicas. O *magaiça* ou *madjonedjone* é um indivíduo que, quando regressa ao país, traz muitos haveres (dinheiro, mantas, catanas, roupa, etc.), razão pela qual tem estado sempre na mira dos desonestos que o enganam e despojam-no muitas vezes de tudo o que ele traz. O termo *madjonedjone* entra no PM por via da língua Changana que também usa um empréstimo da língua inglesa, pelo processo de hibridização: prefixo (*ma*) do Changana + sufixo *djone*, do inglês *John* (terra do John). Trata-se de um empréstimo necessário, apesar da existência da palavra portuguesa ‘mineiro’ para designar este tipo de trabalhador. No PM ela torna-se mais específica, uma vez que designa o mineiro que vai às minas do ‘rand’ e não outro sítio (minas de Moatize, em Tete, ou do Zimbabwe).

Quanto à palavra *magaíça*, de acordo com Cabral (1972), ela deriva de *ma + inglisi*, no linguajar dos mineiros que regressavam do Transval (África do Sul) e que quer dizer ‘ingleses’ ou ‘terra dos ingleses’. No PM, ela constitui um empréstimo necessário, pelas razões apontadas acima e designa o trabalhador das minas.

*Cooperante* é o estrangeiro trabalhando em Moçambique através de contrato e, em geral, ao abrigo de um Acordo de Cooperação assinado entre os dois países, no período pós-Independência. Com o passar do tempo e com as alterações ocorridas no país e ao nível internacional, o termo *cooperante* passa a ser pouco usado, empregando-se termos como estrangeiro ou o país de origem – português, cubano, francês, italiano, americano, etc. O *cooperante* é aquele que coopera. Os estrangeiros portugueses, russos, búlgaros, cubanos, italianos... eram *cooperantes*. Este termo aparece na lista dos moçambicanismos pela conotação que este transportava. Na altura em que este termo foi largamente usado, não era aplicado a qualquer estrangeiro em serviço em Moçambique, mas apenas aquele trazido ao abrigo de Acordos de Cooperação entre os dois países.

(63) A loja Fnac está sempre cheia de *cooperantes*.

#### 3.4.2.5.2. Classificação dos neologismos

O termo *madjermano/e* constitui um empréstimo necessário, já que através dele é possível distinguirmos estes de outros moçambicanos que estiveram na RDA a dar aulas nas escolas moçambicanas que tinham sido criadas na altura; moçambicanos que foram alunos nessas escolas e em Universidades Alemãs e outros moçambicanos que para lá foram ao abrigo de outros Acordos de Cooperação diferentes destes primeiros.

O termo *madjonedjone* é um empréstimo necessário, apesar da existência da palavra portuguesa ‘mineiro’ para designar este tipo de trabalhador. No PM ela torna-se mais específica, uma vez que designa o mineiro que vai às minas do ‘rand’ e não outro sítio (minas de Moatize, em Tete, ou do Zimbabwe).

Quanto à palavra *magaíça*, no PM, ela também constitui um empréstimo necessário, pelas razões apontadas acima e designa o trabalhador das minas.

A palavra *cooperante* classificámo-la como um neologismo semântico que designa aquele que coopera.

### 3.4.2.5.3. Processo de formação dos neologismos

No que diz respeito ao processo de formação desta palavra, pode-se dizer que ela vem do inglês ‘german’ (que significa alemão) para o Changana e só depois passa para o PM. Na língua Changana, o prefixo *-ma* é marca do plural. Sendo assim, *madjermano/e* seria sinónimo de *germanos*, ou melhor, alemães. Portanto, o processo de formação aqui presente é a hibridização: prefixo (*ma-*) do Changana + nome (*german*) do alemão.

O termo *madjonedjone* entra no PM por via da língua Changana que também usa um empréstimo da língua inglesa, pelo processo de hibridização: prefixo (*ma*) do Changana + sufixo *djone*, do inglês *John* (terra do John).

Quanto à palavra *magaíça*, de acordo com Cabral (1972), ela deriva de *ma* + *inglisi*, no linguajar dos mineiros que regressavam do Transval (África do Sul) e que quer dizer ‘ingleses’ ou ‘terra dos ingleses’.

### 3.4.2.6. Campo lexical do Trabalho Formal

#### 3.4.2.6.1. Origem dos neologismos

As palavras *afecção*, *agudizar*, *apanhar*, *estrutura*, *quadro*, *xiconhoca* embora não especifiquem uma profissão determinada, estabelecem uma relação com o trabalho.

Em Moçambique, nos últimos anos, assiste-se a uma grande procura de emprego, por jovens recém-formados, principalmente nas cidades. Contudo, esta tarefa não tem sido fácil para muitos. Razão pela qual é frequente ouvirmos frases deste tipo:

(64) Meti currículos em várias empresas, mas ainda não *apanhei* emprego.

Nos anos que se seguiram à Independência de Moçambique, a situação era diferente, pois o Estado encarregava-se pela *afecção* das pessoas nos serviços, orientava os estudantes para determinados cursos independentemente das suas preferências ou inclinações.

(65) Quando terminei a 11<sup>a</sup> classe, a minha *afecção* foi para a Faculdade de Educação.

Já integrado na empresa ou Ministério, o *afectado* poderá passar a *quadro* dessa instituição. Designa-se quadro ao indivíduo com formação (média ou superior) ou ainda, um indivíduo com certo vínculo com uma instituição (efectivo).

(66) (a) O Luís é *quadro* do Ministério da Defesa e a Luísa do Ministério da Educação.

(b) Ontem realizou-se a reunião dos *quadros* do Partido Frelimo. (não se trata de militantes de base, mas sim aqueles com certa formação académica).

Nos serviços existem órgãos directivos (chefes, dirigentes) que zelam pela planificação, organização, controle da instituição – são as *estruturas*. São elas que apelam constantemente aos funcionários para *agudizar* a vigilância contra os sabotadores.

No período pós-Independência este apelo, ou melhor, esta acção (*agudizar*: aumentar, reforçar) justificava-se, pois havia aqueles que não conformados com os novos órgãos directivos das empresas (muitas vezes apenas políticos e com pouco ou nenhum conhecimento do sector que dirigiam) procuravam sabotar o trabalho destes de diferentes formas: não trabalhando (ausências constantes); criando conflitos, boatos no seio dos trabalhadores. Indivíduos com estas atitudes eram chamados *xiconhocas*. O *xiconhoca* é um preguiçoso, um mentiroso, um reacionário, um contra-revolucionário.

Estes dois últimos termos (*agudizar e xiconhoca*) usados intensamente no período pós-Independência, nos dias de hoje, já ninguém os usa; eles vão caíndo em desuso.

(67) (a) As *estruturas* da Águas de Moçambique estão reunidas desde ontem.

(b) Vamos *agudizar* a vigilância nos nossos serviços contra os sabotadores e contra todos os *xiconhocas*.

#### 3.4.2.6.2. Classificação dos neologismos

As palavras *afecção, agudizar, apanhar, estrutura e quadro* são neologismos semânticos. Já a palavra *xiconhoca* é um neologismo formal.

### 3.4.2.6.3. Processo de formação dos neologismos

A palavra *xiconhoca* é um neologismo formal: *Xico* + *nhoca/nyoca*. Assim, pode-se dizer que o processo de formação é a hibridização (LP+língua Changana).

### 3.4.2.7. Campo lexical das Inovações Tecnológicas

#### 3.4.2.7.1. Origem dos neologismos

Os avanços que se verificam na área da tecnologia trazem consigo também novas palavras para registar esses avanços tecnológicos. Assim, palavras como *printar*, *acessar*, *boldar*, *celular*, *bipar*, *alarmar* surgem nesse âmbito.

O verbo *alarmar* no PM significa instalar um alarme numa viatura ou residência. Trata-se de um novo sentido que a palavra adquire uma vez que a LP apenas regista o sentido de ‘dar voz de alarme’; ‘sobressaltar’; ‘alvorotar’.

*Acessar*, *boldar*, *printar* e *deletar* são neologismos da área da informática. Estes constituem empréstimos do Inglês. Os utentes do Português integram-nos na LP, transformando-os em palavras do Português. Ou seja, procuram adaptar a sua ortografia e pronúncia à língua portuguesa. Estamos diante de empréstimos adaptados, uma vez que o elemento lexical é traduzido literalmente, produzindo um novo sintagma que, de início, causa estranheza porque a língua portuguesa possui termos para designar tais acções, mas os falantes optam por estas formas: *acessar* (do Inglês, *to acess*), que significa aceder; *boldar* (do Inglês, *to bold*), que quer dizer destacar palavras, textos a ‘negrito’; *printar* (do Inglês *to print*), que significa imprimir; *deletar* (do Inglês *to delete*), que significa apagar. Quanto ao processo de formação encontramos a hibridização, uma vez que as palavras formam-se pela junção de duas línguas – Inglês e Português.

A palavra *celular* designa o telefone móvel ou telemóvel no PE. Esta palavra provém do inglês (*cell*). Ao entrar na língua portuguesa, talvez por via do Brasil, ele é integrado.

*Bipar* consiste na verbalização do nome BIP, como forma de nomear o acto de comunicação com alguém através do Telebip. Através da derivação sufixal formou-se o verbo *bipar*. Trata-se de um neologismo formal.

(67) Logo que souberes dos resultados do exame de Linguística, *bipa-me* por favor.

### 3.4.2.7.2. Classificação dos neologismos

*Alarmar* é um neologismo semântico.

*Acessar, boldar, printar e deletar* são neologismos semânticos e formais adaptados à LP, mas também podemos classificá-los como empréstimos de luxo, uma vez que a LP possui termos para referir tais realidades. Mas os falantes optam pelas palavras da área da informática e integram-nos na LP, transformando palavras do Inglês. Ou seja, procuram adaptar a sua ortografia e pronúncia à língua portuguesa. Estamos diante de empréstimos adaptados, uma vez que o elemento lexical é traduzido literalmente, produzindo um novo sintagma que, de início, causa estranheza porque a língua portuguesa possui termos para designar tais acções, mas os falantes optam por estas formas: *acessar* (do Inglês, *to acess*), que significa aceder; *boldar* (do Inglês, *to bold*), que quer dizer destacar palavras, textos a ‘negrito’; *printar* (do Inglês *to print*), que significa imprimir; *deletar* (do Inglês *to delete*), que significa apagar.

A palavra *celular* constitui um neologismo *semântico*. Em Português já existe a palavra celular mas que não designa telefone móvel. *Bipar* é um neologismo formal.

### 3.4.2.7.3. Processo de formação dos neologismos

Nas palavras *acessar, boldar, printar e deletar* quanto ao processo de formação encontramos a hibridização, uma vez que as palavras formam-se pela junção de duas línguas – Inglês e Português. A palavra *celular* já existia antes do surgimento dos telemóveis, ou melhor, dos celulares. Em *bipar*, através da derivação sufixal, formou-se o verbo *bipar*. A palavra *alarmar* já faz parte do léxico do Português.

### 3.4.2.8. Campo lexical do Trabalho Agrícola

#### 3.4.2.8.1. Origem dos neologismos

Neste campo integramos as palavras *ajuste*, *culimar*, *farmeiro*, *machamba*, *machambeiro*.

A palavra *ajuste* diz respeito à delimitação ou definição de tarefas a serem executadas pelos trabalhadores das machambas ou das obras.

(68) Aquela senhora não aceita pagar no fim do mês, ela só faz *ajuste*.

*Machamba* designa o campo agrícola; terra de cultivo de cereais e/ou hortícolas; plantação; extensão de terra para fins agrícolas. Este termo vem da língua Kiswahili, língua falada na Tanzânia. Em Moçambique este é o termo mais usado para se referir aos campos agrícolas. *Machambeiro* é o agricultor, camponês, aquele que trabalha na machamba. Curiosamente, emprega-se com pouca frequência este termo para se referir aos agricultores. Em seu lugar é frequente o uso do termo camponês. *Machambeiro* é mais usado para designar um indivíduo ignorante do sexo masculino; ou indivíduo que vem ou que tem hábitos do campo e não da cidade. Para as mulheres usa-se habitualmente o termo *camponesa*.

(69) O marido da Luisa é um *machambeiro* autêntico... Mas ela também não passa de uma camponesa.

*Culimar* significa preparar a terra para a agricultura; o mesmo que capinar, cultivar. A palavra vem da língua Echuwabo (*kulima*).

A palavra *farma*, no PM, significa quinta. Trata-se de um empréstimo que vem do Inglês (*farm*) que, incorporado no Português, segue a morfologia da língua que o adoptou. *Farmeiro* significa agricultor. Este termo é usado para designar especialmente os agricultores da África do Sul e do Zimbabwe.

#### 3.4.2.8.2. Classificação dos neologismos

A palavra *ajuste* no PM é um neologismo semântico. *Machamba* constitui um empréstimo necessário. *Culimar* é um empréstimo adaptado.

A palavra *farma*, no PM, constitui um empréstimo adaptado do Inglês (*farm*) que, incorporado no Português, segue a morfologia da língua que o adoptou. *Farmeiro* é um neologismo formal.



### 3.4.2.8.3. Processo de formação dos neologismos

A palavra *ajuste* sofreu apenas uma inovação semântica. Já está dicionarizada em Português. *Machambeiro* termo formou-se pelo processo de derivação sufixal: radical (*machamba*) + sufixo (*eiro*).

*Culimar e farma* são empréstimos que ao entrar na LP adaptaram-se, seguindo a morfologia da língua que os adoptou. *Farmeiro* formou-se a partir da palavra *farma*, pela derivação sufixal: radical (*farma*) + sufixo (*-eiro*) = *farmeiro*.

### 3.4.2.9. Campo lexical do Trabalho não Subordinado

#### 3.4.2.9.1. Origem dos neologismos

As palavras *boss/boice*, *patrão*, *mulungo* (ou *mizungo*), *malemo*, *régulo*, *batiá*, *mambo*, *madunana*, *cipaio*, *cabo terra* designam actividades realizadas por alguém que detém poder sobre outra pessoa.

O termo *boss/boice* é usado para designar o superior hierárquico, o chefe, o patrão. O termo vem da língua inglesa e é usado, preferencialmente, por jovens.

A palavra *patrão* constitui uma forma de tratamento do empregado para com o proprietário de um estabelecimento comercial ou industrial; do serviçal com o dono da casa; e, também do vendedor de rua para com alguém a quem quer vender ou pedir alguma coisa. Este termo é apenas usado para o sexo masculino.

*Mulungo/mulungu* designa, nas línguas Ronga, Changana e Xitswa, o indivíduo de raça branca ou pessoa de bom coração. Mas hoje o termo expandiu a sua significação; é também usado com o sentido de patrão. Portanto, todo o indivíduo seja de que raça for pode ser *mulungo* desde que tenha uma boa posição social.

*Maulane* ou *mualimo* designa o líder religioso muçulmano; líder de uma mesquita é oriundo de países asiáticos.

*Malemo* é o patrão de uma embarcação. Trata-se de um empréstimo fortemente usado na província de Cabo Delgado.

*O batiá* é o comerciante de origem indiana.

*Mambo* designa o rei, o chefe tradicional. Trata-se de um empréstimo da língua Chuwabo.

*Régulo* é o chefe tradicional africano. Esta autoridade só pode ser exercida, segundo a tradição, por um indivíduo que tenha ligações ancestrais na regedoria local. Além disso, apenas pode ser régulo o filho varão nascido da mulher de honra, isto é, a que tivesse sido lobolada pelo *régulo* em primeiro lugar. Na ausência de filho varão, as filhas do *régulo* assumem a função, como aconteceu, por exemplo, com a famosa rainha Tnazie do regulado de Javanhane, no Chibuto. No tempo colonial, esta autoridade estava integrada na hierarquia política colonial, e controlava uma área (um regulado) dentro de uma circunscrição. Depois da Independência, este poder não foi mais reconhecido. No entanto, hoje o governo recuperou-o e pô-lo ao seu serviço, cabendo ao Ministério da Administração Estatal o seu controle.

*Madunana/madunani* era o mandatário do Governo colonial Português. Quando o *madunani* aparecesse numa povoação, geralmente tinha como missão capturar um criminoso, perseguir um devedor de imposto ou levar um recado importante do administrador colonial à chefatura ou regulado, em geral, recrutar gente para o *xibalo* ou para o exército português.

(70) Anda por aqui um *madunani*, alguém há-de sair preso para a administração.

*Cipaio/sipaio* designava em Moçambique a autoridade no período colonial (tipo polícia, soldado) que executava a política indígena da administração colonial. Na Índia, significava soldado indígena, disciplinado e fardado quase à europeia, ao serviço dos ingleses.

A palavra *xibalo/chibalo* designa o trabalho forçado. Trata-se de uma palavra que vem das línguas Changana e Xitswa.

#### 3.4.2.9.2. Classificação dos neologismos

O termo *boss/boice* constitui um empréstimo de luxo do Inglês (*boss*), pois em Português existem muitas palavras para designar o *boss* (chefe, director, patrão...) *Patrão* é um neologismo semântico, pois apenas se verifica a extensão de uso, isto é, patrão passa a ser todo aquele que pode comprar ou pagar serviços.

*Mulungo/mulungu* é um empréstimo necessário que provém das línguas Changana, Ronga e Xitswa.

*Maulane* ou *mualimo*, *malemo*, *battiá*, são também empréstimos necessários, mas oriundo de línguas asiáticas.

*Mambo* é um empréstimo necessário da língua Chuwabo.

*Régulo* é um neologismo semântico. Designa uma autoridade típica de Moçambique. *Madunana/madunani* e *xibalo/chibalo* são empréstimos necessários das línguas Changana e Xitswa.

A palavra *cipaio/sipaio* é um empréstimo que vem do Persa – *sipahi*. É um empréstimo necessário.

Hoje termos como *cipaio/sipai*, *xibalo/chibalo* e *madunana/madunani* já quase não se usam. Encontrámo-los nos livros de história de Moçambique assim como em obras literárias.

### **3.4.2.9.3. Processo de formação dos neologismos**

As palavras deste campo são empréstimos que não sofrem qualquer processo morfológico na sua integração. Os falantes apenas procuram, por vezes, adaptá-los à pronúncia da LP.

## **3.5. Síntese dos processos de enriquecimento do léxico no Português de Moçambique**

Depois de feita a apresentação e uma primeira análise dos dados, iremos proceder a uma síntese, com base nas três categorias referenciadas atrás. Procuraremos perceber as causas das inovações, como também o seu processo de formação.

Como temos vindo a afirmar, a língua constitui um sistema aberto e dinâmico e, portanto, passível de sofrer influências de diferentes naturezas: histórica, geográfica, cultural, política, económica e social.

### **3.5.1. Origem dos neologismos**

O léxico recolhido reúne termos que revelam determinados períodos da história de Moçambique. São os casos de *cipaio*, *xiconhoca*, *cooperante*, etc. que evidenciam o período colonial e período pós-independência respectivamente; outro, resulta do contexto multilingue em que a LP está inserida (convive com mais de vinte línguas Bantu, assim como a língua Inglesa e línguas Asiáticas); outros termos, ainda, revelam também o esforço dos

moçambicanos na procura de uma melhor adaptação da língua portuguesa às suas necessidades comunicativas. Relativamente a este último aspecto, é preciso termos em conta que o Português é língua oficial do país e constitui também língua de prestígio que todo o moçambicano gostaria de saber falar. No entanto, apenas uma minoria a domina.

Examinando o léxico em estudo, verifica-se que as línguas Bantu apresentam no PM um número elevado de moçambicanismos, cerca de 90%. Esta percentagem parece encontrar explicação na língua da primeira socialização; ou seja, o facto de apenas 6,45% da população moçambicana ter o Português como língua materna, significa que mais de metade da população não é aculturada em Português. Outro dado que também poderá estar a concorrer para este facto tem a ver com o conhecimento da língua Portuguesa, pois apesar de esta ser a língua oficial do país, 54% de moçambicanos fala uma ou mais línguas Bantu somente. Quer isto dizer que este número de moçambicanos não sabe falar Português.

Considerando que é na área das cerimónias ou feitos tradicionais onde abundam tais moçambicanismos oriundos do Bantu e aceitando que só 38,8% de moçambicanos sabe falar Português e outra língua Bantu, então esses empréstimos acontecem por razões de várias ordens: desconhecimento de certos termos em Português para designar determinados feitos, rituais bantus (*kufemba, matoa, mhonzo...*); diferenças culturais (Português/Bantu) que fazem com que o falante não encontre palavras para se referir a tradições que ocorrem na sua língua, mas que não se verificam na cultura portuguesa (*xiguiana, matanga, lobolo...*); procura de maior expressividade por recurso aos termos do Bantu (*mhamba, mukutu, kuya...*).

Os moçambicanismos que vêm da LP são predominantes na área do Trabalho/Profissões, provavelmente pelo facto de neste domínio ser necessário, em várias situações, usar a LP. Por outro lado, porque as profissões novas ou trabalho novo que surge aparece nos centros urbanos, onde a língua de comunicação dominante é o Português. O Português é mais falado nas cidades e menos falado no campo.

Quanto aos moçambicanismos que entram por via da língua inglesa, consideramos que eles são resultado do contacto linguístico, (que é reforçado pela localização geográfica) aliado ao prestígio que esta língua goza no mundo e, em particular, em Moçambique.

Firmino (2002: 119), referindo-se ao prestígio desta língua em Moçambique, afirma que “*o inglês é um capital social distintivo que as pessoas podem usar para exhibir, entre outras coisas, o seu nível académico, as suas ligações com organizações internacionais...o inglês tornou-se uma mercadoria social, cujo valor é aumentado pela sua escassez e as suas correspondentes compensações sociais e económicas*”.

No que diz respeito ao léxico oriundo das línguas Asiáticas, que aparece em menor número, tem a ver com o que dissemos atrás sobre este grupo linguístico. Trata-se de uma comunidade linguística muito fechada que, apesar de estar há bastantes anos em Moçambique, não se integra, efectivamente, na vida social e cultural do país e preserva os seus hábitos culturais e, regra geral, os casamentos são endogâmicos. Raramente os seus filhos estudam até níveis elevados, não passando do nível básico. Dedicam-se fundamentalmente ao negócio, ou seja, são maioritariamente comerciantes. As palavras asiáticas que constituem moçambicanismos referem-se geralmente à culinária, à religião e ao comércio.

Importa referir também que grande parte dos neologismos e empréstimos que entram no PM e são aceites pelos falantes “nasceram” nos centros urbanos, principalmente nas cidades de Maputo, Beira, Quelimane, e depois foram-se expandindo pelas restantes províncias e distritos do país.

O facto de Moçambique ser um país multilingue faz com que em alguns casos apareçam no PM vários empréstimos das línguas Bantu para se referirem ao mesmo fenómeno ou ritual. Isto acontece porque cada comunidade linguística tende a apresentar o empréstimo na sua língua. Por exemplo, os falantes para se referirem ao acto de enfeitiçar, no sentido amoroso, na zona Norte usam o termo *wasuwasu* da língua Macua e na zona sul, a palavra do Changana, Xitswa e Ronga - *kotsolar*. O mesmo se nota em relação aos termos que designam o mercado informal. No Sul fala-se de *dumba-nengue* (confia no pé) e no Centro em *tchungamoyo* (aperta o coração, seja corajoso).

Contudo, parece que são os empréstimos de Changana que ganham maior popularidade e uso, talvez motivado pelo facto de esta ser, dentro do conjunto das línguas Bantu, a mais falada na capital do país.

### **3.5.2. Classificação dos neologismos**

No que se refere à classificação dos neologismos, as inovações lexicais representam uma percentagem reduzida, de cerca de 10% apenas, sendo os empréstimos cerca de 30% de unidades. No conjunto das inovações lexicais do Português, de acordo com os dados, sobressaem os neologismos semânticos, isto é, a atribuição de novos sentidos semânticos a palavras já existentes no Português.

Grande número das unidades lexicais consideradas neologismos no PM não constituem, de ponto de vista formal, criações inovadoras, sendo unidades que adquirem

novos significados, mas dando origem a significações semânticas diferentes ou que, pertencendo a outros domínios, começam a fazer parte da língua corrente.

Como afirma Firmino (2002), muitas inovações linguísticas no PM exploram possibilidades existentes no sistema da língua, ou são exemplos de preferencialização de certos usos em vez de outros, que podem ser preferidos em outros lugares.

O facto de os dicionários de moçambicanismos registarem como neologismos palavras como *capulana*, *régulo*, *machambeiro*, *machimbombo*, etc. parece contrariar o princípio proposto por Rey (1976), segundo o qual é neologismo toda a unidade do léxico (palavra, lexia ou sintagma) cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efectivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior ao código da língua. Deste modo, parece inadequado classificar tais palavras como neologismos uma vez que apresentam o mesmo sentido já dicionarizado no PE.

Mas, numa outra perspectiva, tal classificação é aceitável se considerarmos que não se trata de novidade semântica ou formal, mas sim tem a ver com o facto de serem termos usados especificamente em Moçambique.

### 3.5.2.1. Neologismos Formais

Os neologismos formais, que correspondem a casos de aplicação de regras morfológicas do PE a novas bases, são em número bastante reduzido, como nos exemplos que se seguem: *descapular*, *tacudo*, *sograria*.

Os falantes, na sua ânsia de comunicar, de retratar realidades/situações que na sua óptica não seriam expressivos usando as formas que a língua portuguesa oferece, criam novas palavras, recorrendo às normas do PE.

*Descapular* é um neologismo de forma, que procura seguir as regras de formação de palavras que indicam o acto de tirar alguma coisa, como por exemplo em *descascar*.

A palavra *tacu* /*taco* no PM designa dinheiro. Então, a partir deste substantivo formou-se o adjectivo correspondente – *tacudo* (indivíduo rico, cheio de *tacu* ou dinheiro).

Quanto à palavra *sograria*, que se formou a partir de *sogra(o)*, provavelmente a sua formação tenha sido motivada pelo facto de nas línguas Bantu faladas no Sul de Moçambique haver um termo designativo de “casa de sogros”. Deste modo, os falantes criaram um correspondente em Português.

### 3.5.2.2. Neologismos semânticos

As palavras da LP no PM adquirem novos significados, diferenciando-se assim do campo semântico do PE. Portanto, os moçambicanos usam várias palavras e expressões que retêm os significados do PE, mas que adquirem outros sentidos adicionais na variante do PM. São os casos, por exemplo, de *cozinhar*, *afinar*, *batedor*, *engarrafar*.

Mas, em contrapartida, as palavras provenientes das línguas Bantu mantêm, ou melhor, parecem manter sempre o seu campo semântico inalterado, podendo, no entanto, por vezes, restringir o seu significado.

Os neologismos semânticos surgem como resposta à nova realidade social; por razões sociolinguísticas, isto é, valorização que se atribui às línguas moçambicanas neste período, e à aquisição do Português por falantes que já tinham uma língua materna Bantu.

### 3.4.2.3. Empréstimos

Quanto à sua origem (internos / externos), os empréstimos que foram objecto de estudo deste trabalho são maioritariamente externos. No entanto, esta situação levanta uma questão que é frequente no PM e que importa referir. Como dissemos atrás, Moçambique é um país multilingue e multicultural. Parece que os falantes incorporam empréstimos na LP em função da sua L1, da sua cultura. É por esta razão que encontramos diferentes formas de se referir ao mesmo objecto ou facto. Assim, os empréstimos surgem nos casos em que o léxico do Português não proporciona meios para referência a realidades específicas de Moçambique, ou seja, a sua introdução sistemática limita-se a lacunas lexicais do PE.

Com poucas excepções, os elementos que são transferidos de outras línguas, em particular das línguas Bantu, estão também em conformidade com a estrutura do Português. Estas transferências das línguas Bantu, de acordo com Firmino (2002), jogam um papel significativo na emergência de alguns aspectos do Português usados pelos moçambicanos, conforme indica o facto de que alguns dos desvios reproduzem aspectos daquelas línguas ou do sistema cultural ao qual elas estão ligadas.

Como se disse, os empréstimos surgem, geralmente, nos casos em que o léxico do PE não proporciona meios para referência a realidades específicas de Moçambique, ou seja, a sua introdução sistemática limita-se a lacunas lexicais do PE, como mostram os exemplos abaixo:

- (71) (a) *lobolo*: tributo pago pelo noivo aos pais da noiva  
 (b) *tchova-xitaduma*: transporte de tracção animal ou humana

Ao analisar o uso dos empréstimos, Dias (1991) considera que estes poderão ser vistos, por um lado, como estratégias de comunicação e, por outro lado, como estratégias de identificação.

Relativamente ao primeiro aspecto, Dias refere que as estratégias de comunicação constituem *tentativas de preencher a lacuna entre o conhecimento linguístico do aprendente de uma L2 e o conhecimento linguístico do interlocutor da L2 em situações reais de comunicação*. São exemplos do que acabámos de afirmar palavras que designam frutos (*matucunha, matthielé, purro, massal*) ou pássaros (*djogorro, marrié, namulili*).

Quanto ao segundo aspecto referido, preenchimento de lacunas no conhecimento da língua portuguesa, ainda de acordo com Dias (1991:42), tais lacunas devem-se a *um comando inadequado da Língua Alvo (LA), pois o aprendente encontra-se numa determinada etapa da sua interlíngua a caminho das estruturas da língua portuguesa*. A autora explica que, no momento da interação, o aprendente com fraco domínio do léxico do Português por não encontrar o item sintáctico-semântico desejado e tendo acesso ao léxico da L1, recorre ao empréstimo.

Parafraseando Schachter (1974), Dias (1991), considera que nestes casos a alternativa adoptada pelo aprendente nestes momentos de dificuldade consiste em abortar a estrutura, usando uma estratégia de evitação. Constituem exemplos deste tipo de empréstimo palavras como *suca, cafurro, macubarre, pinde*.

Ainda no que diz respeito aos empréstimos lexicais como estratégias de identificação, salienta-se que estes funcionam como estratégia de identificação com a cultura e a língua materna. Parece que tal necessidade é originada pelos estatutos diferentes conferidos às línguas Bantu e à língua portuguesa, esta última mais prestigiada. Dias (1991:45), considera que esta situação parece provocar no falante uma vontade subconsciente de unir os dois códigos.

*Ele não se sente bem na situação de prestigiar uma língua em detrimento da outra. Possivelmente é esta a causa da ocorrência deste tipo de empréstimos lexicais, em que, apesar de o falante dominar a língua portuguesa, de vez em quando pede emprestadas palavras da sua L1.*



A autora que temos vindo a citar apresenta como exemplo desta situação acima descrita um pequeno diálogo entre jovens alunos de uma Escola Secundária:<sup>38</sup>

- (72) “ - Eh pá, estou *tchonado*, meu!  
 - E eu? Nem imaginas, o João *guengou-me* bem.  
 - Ei...eh pá, gastei todo o *maley* no *dumba-nengue*.  
 - Viste o Zé? Estava com uma *babalaze* ... o gajo *kenhou* bem aquela *squaya*, meu.  
 - Eh, fala lá bem, o s'tor está a vir. Se te ouve a dizer *maley*, *kenhar*, *squaya*, estás lixado, meu!”

No entender da autora que temos vindo a citar, é provável que o Português falado em Moçambique, pelo menos ao nível lexical, se distancie cada vez mais do falado em Portugal caso o processo de empréstimos lexicais continue. Aventa também a hipótese de no futuro haver várias variedades do Português de acordo com as regiões, no lugar de uma variedade padrão, facto que dificultará a padronização da língua portuguesa falada em Moçambique

No que respeita ao futuro desta variedade da língua portuguesa em Moçambique, estes consideram prematuro fazer generalizações, pois é provável que algumas dessas tendências não sejam adoptadas no futuro.

### 3.5.3.Processos de formação dos neologismos

Vimos acima que, do ponto de vista dos processos de formação dos neologismos, os falantes misturam dois sistemas linguísticos diferentes nos casos em que não possuem uma forma equivalente à da língua Bantu para melhor expressar uma determinada ideia. Deste modo, encontramos processos distintos do ponto de vista da formação de novas palavras:

- derivação por sufixação: *sograria*;
- derivação parassintética: *descapularnar*;
- composição por justaposição: *meia de vidro*, *arroz fogado*;
- hibridização: *kotsolar*, *lobolar*, *patchar*.

---

<sup>38</sup> *Tchonado* - sem dinheiro; *guengou-me* - ludibriou-me; *maley* - dinheiro; *dumba-nengue* - comércio ilegal efectuado em barracas e nos passeios das ruas; *babalaze*- embriaguez; *kenhou* - deu pontapés; *squaya* - mulher de má vida.

Quanto à produtividade dos processos de formação, à primeira vista a derivação parece muito frequente; no entanto, uma análise mais atenta dos dados fornecidos conduzem-nos a considerar o hibridismo como sendo o mais produtivo.

Em termos sócio-culturais os falantes procuram criar novas formas para marcar a sua identidade. A formação de neologismos parece assim uma forma de afirmação da identidade moçambicana e da hibridez da cultura criada em Moçambique, aglutinando elementos africanos e portugueses.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objectivo principal estudar os processos de expansão do léxico do Português de Moçambique. Para tal começámos por apresentar no capítulo 1 as noções linguísticas mais relevantes relacionadas com o Léxico. No capítulo 2, apresentámos em linhas gerais três dicionários de moçambicanismos em que nos apoiámos na nossa pesquisa. No capítulo 3, analisámos os processos de enriquecimento do Léxico.

A nossa motivação para a realização deste estudo foi a necessidade de enriquecer a área de estudos lexicológicos em Moçambique.

Adoptámos uma abordagem descritiva para a análise dos fenómenos estudados, apresentando em primeiro lugar o contexto sociolinguístico em que as palavras surgem e são usadas, para depois proceder à classificação dos neologismos e do respectivo processo de formação.

Partimos da hipótese de que a derivação e o empréstimo das línguas moçambicanas de origem Bantu constituem os processos mais produtivos na formação de palavras no Português de Moçambique.

Com base nos dados que analisámos podemos afirmar que se confirma a nossa hipótese de partida. Assim, no léxico do Português de Moçambique os *neologismos predominantes* constituem empréstimos das línguas moçambicanas de origem Bantu. Tal facto parece dever-se, por um lado, à necessidade que os falantes têm de preencher lacunas, isto é, de se referirem a realidades para as quais a língua portuguesa ainda não criou palavras para o efeito; por outro lado, tais lacunas por vezes acontecem pelo fraco conhecimento que os utentes têm da língua portuguesa. Outro motivo ainda tem a ver com a necessidade de reforçar a identidade cultural através da língua. Parece, pois, que os falantes usam palavras das línguas moçambicanas para designar determinados objectos, factos, etc., mesmo nos casos em que a língua portuguesa tem palavras nesse sentido.

O processo de formação que norteia a formação de neologismos no PM é em grande parte a derivação. O mesmo se pode dizer em relação aos empréstimos, pois estes, quando incorporados, procuram de alguma forma ajustar-se a este processo morfológico. Outro fenómeno interessante que foi possível observar tem a ver com o processo de formação de palavras denominado hibridismo, fenómeno que ocorre com alguma frequência, juntando palavras e afixos do Português e das línguas Bantu.

No que concerne à *grafia* dos neologismos (empréstimos incorporados), o registo destas palavras apresenta algumas oscilações, pois em muitos casos parece não estar claro

para os utentes da língua quais as regras que devem ser seguidas nesses casos: uns tendem para uma ortografia que se aproxima mais à da língua receptora e outros à ortografia da língua de origem.

Quanto à *vitalidade* destes neologismos do PM, podemos afirmar que, tal como acontece em qualquer língua, uns poderão desaparecer e outros poderão ser incorporados em definitivo na língua portuguesa. Se nos recordarmos do que dissemos atrás, isto é, que o léxico estabelece uma grande ligação com o mundo, registando as novidades ao nível das práticas sociais, os avanços tecnológicos e outras situações, pode acontecer que, ao desaparecerem determinadas condições que propiciaram o surgimento de tais palavras, esses neologismos também desapareçam. É o caso de palavras como *cipaio*, *chibalo*, *xiconhoca*, que vão caindo em desuso. No entanto, outras remontam do período anterior à Independência e continuam vivas até hoje, uma vez que elas preenchem lacunas que os falantes experimentam no uso da língua portuguesa, é o caso de palavras como *lobolo*, *caril*, *kupacha* e outras.

Se considerarmos que certos neologismos resultam, por vezes, do fraco domínio da língua portuguesa, então é preciso considerar outro factor que poderá exercer uma influência no não uso de certos neologismos. Este factor tem a ver com a expansão da rede escolar em Moçambique. De há uns anos para cá, o Governo de Moçambique tem-se empenhado em garantir a escolaridade para um número cada vez maior da população. Basta constatar que a partir de 2006 todas as províncias do país passaram a ter pelo menos uma instituição de Ensino Superior. Deste modo, provavelmente, as lacunas não preenchidas por desconhecimento da língua poderão ser minimizadas.

Quanto às tendências futuras do Português de Moçambique (bantuização, anglicização ou inovação do léxico da LP) é prematuro dar uma resposta precisa, apesar de termos afirmado que grande parte dos neologismos constituem empréstimos das línguas bantu. A nossa dúvida reside no facto de os falantes ao nível da escrita evitarem o uso desses neologismos Bantu, recorrendo a outras formas da língua portuguesa.

Finalizando, consideramos importante que se façam mais estudos nesta área por forma a obter-se um conhecimento mais profundo e sistematizado sobre os fenómenos que estão a ocorrer no Português de Moçambique. Esta seria também uma forma de registar a história do nosso país.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria A. F. (1997). *Uma Abordagem Semântica dos Moçambicanismos*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Dissertação de Licenciatura.
- BASTUJI, J. (1974). “Aspects de la néologie sémantique.” In: GUILBERT, Louis, *Langue et Langage*. Paris: Larousse.
- BECHARA, Evanildo (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- BOULANGER, J. C. *et al.* (1988). “Neologie et Lexicologie.” In: GUILBERT, Louis, *Langue et Langage*. Paris: Larousse.
- APPEL, R. & MUYSKEN, P. (1996). *Bilinguismo y Contacto de Lenguas*. Barcelona: Ariel Lingüística.
- CABRAL, António C. P. (1972). *Pequeno Dicionário de Moçambique: Moçambicanismos e Termos Nativos mais Correntes*. Lourenço Marques: edição do Autor.
- CAMARA, J. M. Jr. (1989). *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Ltda.
- CARVALHO, Nelly (1989). *Empréstimos Linguísticos*. São Paulo: Ática.
- CARVALHO, Maria J. Albarran (1991). *Aspectos Sintáticos-Semânticos dos Verbos Locativos no Português Oral de Maputo*. Lisboa: co-edição Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Angolê-Artes e Letras.
- CORREIA, Margarita (s/d). *Manual de Morfologia do Português*.
- CORREIA, Margarita (2003). “Criatividade e Inovação Terminológica”. Colóquio Internacional de Roma. <http://www.realiter.net/roma/correia.htm>.
- COSERIU, Eugénio (1970). “Campos Semânticos e Relações Interlexicais.” In: REY, A. *Lexicologia*. Paris: Klincksleck.
- CRYSTAL, David (1998). *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 13ª edição, Lisboa: Edições João de Sá da Costa.
- DUBOIS, Jean et alii. (1973). *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Librairie Larousse.
- DUBOIS, Jean et alii. (1993). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix.

- DIAS, Hildizina I. P. N. (1991). “Os Empréstimos Lexicais das Línguas Bantu no Português.” In: *Actas do Simpósio Nacional sobre Língua Portuguesa em África*. Escola Superior de Santarém.
- DIAS, Hildizina I. P. N. (2002a). *As Desigualdades Sociolinguísticas e o Fracasso Escolar*. Maputo: Promédia.
- DIAS, Hildizina I. P. N. (2002b). *Minidicionário de Moçambicanismos*. Maputo: Edição da Autora.
- DIAS, Hildizina I. P. N., (2003). “As Origens Históricas da Moçambicanização da Língua Portuguesa (1502-1975)”. In: *Aprender Juntos II*. Maputo: Escola Portuguesa de Moçambique.
- FERREIRA, João de Freitas (1985). *A Pedagogia do Léxico*. Porto: Edições Claret.
- FERREIRA, Manuel (1988). *Que Futuro para a Língua portuguesa em África?* Linda – A-Velha, ALAC: Edições A Preto e Branco.
- FIRMINO, Gregório (1987). “Alguns Problemas sobre a Normatização do Português em Moçambique”. *Limani 3*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Letras Modernas, pp. 11-25.
- FIRMINO, Gregório (2002). *A “Questão Linguística” na África Pós-Colonial. O caso do Português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: Promédia.
- GANHÃO, Fernão (1979). *O Papel da Língua Portuguesa em Moçambique*. Comunicação apresentada no I Seminário Nacional sobre o Ensino da Língua Portuguesa, realizado em Maputo, Moçambique.
- GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean (1973). *Linguística e Ensino do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- GIL, António Carlos (1996). *Como Elaborar Projectos de Pesquisa*. 3ªed. São Paulo: Editora Atlas.
- GONÇALVES, Angela J. (1977). *Lexicologia e Ensino do Léxico*. Brasília: Thesaurus Editora.
- GONÇALVES, Perpétua (1992). “O Papel da Interferência Semântica na Mudança Linguística”. In: *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.
- GONÇALVES, Perpétua & SITOIE, Bento (1999). “Mudança Linguística em Situação de Contacto de Línguas: O Caso do Changana e do Português” in: *Travessias*.
- GUILBERT, Louis (1975). *La créativité lexicale*. Paris: Larousse.

- GUTHRIE, M. (1967-1971) *Comparative Bantu*. Vols. I-IV. Claredon. Oxford University Press.
- Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Verbo.
- KATUPHA, J.M.M. (1988). “O Panorama Linguístico de Moçambique e a Contribuição da Linguística na Definição de uma Política Linguística Apropriada”. In: *Lua Nova: Artes e Letras*. Maputo
- LYONS, John (1997). *Semântica -I*. Lisboa: Editorial Presença.
- LOPES, Armando J. (1997). *Política Linguística: Princípios e Problemas*. Maputo: Moçambique, Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane (UEM).
- LOPES, Armando J.; NHAMUENDE, P.J. & SITOIE, J. S.(2002). *Moçambicanismos: Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano*. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane (UEM).
- MACHUNGO, Inês (1996). “Informática no Português de Moçambique”. In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº 15. Lisboa: Editorial Notícias.
- MACIEL, Carla (1992). *O Lexema Verbal no Português de Moçambique* Maputo: Instituto Superior Pedagógico (actual Universidade Pedagógica - UP), Dissertação de Licenciatura.
- MENDES, Irene (2000). *O Léxico no Português de Moçambique: Aspectos Neológicos e Terminológicos*. Maputo: Promédia.
- MABUNDA, Moisés (1994). *Produtividade de Regras de Formação de Palavras no Português de Moçambique*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Dissertação de Licenciatura.
- MANUEL, Ildefonso (1998). *O Fenómeno de Empréstimos Bantu para a Formação de Palavras (verbos) híbridos no Português de Moçambique: Uma Atitude Linguística*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Dissertação de Licenciatura.
- MARCELLESI, Ch. (1974). “Néologie et fonctions du langage.” In: *Langages: La Neologia Lexicale*. GUILBERT, L. et alli. Paris: Larousse.
- MATEUS, M. BRITO, A. DUARTE, I. FARIA, I. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. 2 edição. Lisboa, Editorial Caminho.
- NELIMO - Núcleo de Estudo de Línguas Moçambicanas (1989). *I Seminário sobre a Padronização de Línguas Moçambicanas*. Maputo: Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação/Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras.

- NGUNGA, Armindo (1992). “Breves Notas sobre a Situação Linguística de Moçambique” .  
In Notícias de 28 de Fevereiro de 1992.
- PENICELA, Almeida (1967). *Subsídios para o Estudo do Português Falado por alguns Nativos do Sul de Moçambique*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica.
- POTTIER, Bernard (1970). *Gramática del Español*. 2ª edição, Madrid: El. Alcalá.
- PRETI, Dino (1997). *Sociolinguística: os Níveis de Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira*. 8ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- TEYSSIER, Paul (1993). *História da Língua Portuguesa*. 5ª edição, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- REY, Alain (1976). *Neologismo: Um pseudo-conceito?* Paris: Larousse.
- RIO-TORTO, Graça M. (1988). *Morfologia Derivacional: Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora.
- SOUZA, Álvaro (1990). *Geografia Linguística – Dominação e Liberdade: A Imposição de Línguas Oficiais; A Fala como Acto Político; A Dominação pela Linguagem*. São Paulo: Editora Contexto.
- STROUD, Christopher & TUZINE, António (Org.), (1998). *Uso de Línguas Africanas no Ensino: Problemas e Perspectivas*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), Cadernos de Pesquisa nº 26.
- VILELA, Mário (1979). *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina.
- VILELA, Mário (1994). *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra, Almedina.
- XAVIER, Maria F. e MATEUS, M.H. (s/d.). *Dicionário de Termos Linguísticos*, 1ª edição, Lisboa: Edições Cosmos.



## APÊNDICE - I

CERIMÓNIAS OU FEITOS TRADICIONAIS

## A : Empréstimos como Neologismos

Empréstimo	Origem do Empréstimo			classificação do Empréstimo				
	Bantu	Inglês	Ásiáticas	Neces- sários	luxo	Decalques	Adaptados	Incorpo- rados
badjia			✓	✓			✓	
brian			✓	✓				✓
canga			✓	✓			✓	
caracata/karacata	✓			✓			✓	
cassesse	✓			✓			✓	✓
chacuti			✓	✓				✓
chamussa			✓	✓			✓	
chatini			✓	✓				✓
chaumin			✓	✓				✓
chigovia/xigovia	✓			✓			✓	
chima/xima	✓			✓			✓	
chiquitse/xiquitse	✓			✓			✓	
chitende/xitende	✓			✓				✓
cipoko/xipoko	✓			✓			✓	
culungwane/ culunguane	✓			✓				
cuscus	✓			✓				✓
deke/deque		✓		✓			✓	
fátia			✓	✓			✓	
gocha/goxa	✓			✓			✓	
hirisi			✓	✓				
ingu	✓			✓				
kikuiiri	✓			✓				✓
kotsolar	✓			✓			✓	
kufemba	✓			✓				✓
kuloya	✓			✓				✓
kuphatcha/kuphalha	✓			✓				✓
kussussira	✓			✓			✓	
kuya	✓			✓				✓
lobolo/ lobolar	✓			✓			✓	
patchar	✓			✓				
pette	✓			✓				
pfhukar	✓			✓				
quenguelequezé	✓			✓				
madjica	✓			✓				
madjine	✓			✓				✓
mhamba	✓			✓				✓
mhonzo	✓			✓				✓
matapa	✓			✓			✓	
matoa	✓			✓				✓
makwai	✓			✓				✓
mapico	✓			✓			✓	
matanga	✓			✓			✓	
mbelele	✓			✓				✓

micate/mikate	✓			✓			✓	
mitombo	✓			✓			✓	
mpereka	✓			✓				✓
mpfúkua	✓			✓				✓
mucume	✓			✓				✓
mutxeso	✓			✓				✓
msaho	✓			✓				✓
mucutu/ mukuthu	✓			✓				✓
mucuambo/ mukwambo	✓			✓				✓
nefana	✓			✓			✓	
ngalanga	✓			✓				✓
ngondo	✓			✓				✓
nhai	✓			✓				✓
nhambaro	✓			✓				✓
ntinholo	✓			✓				✓
nzobe	✓			✓				✓
patanicua	✓			✓			✓	
rajá			✓	✓				✓
siribo	✓			✓			✓	
tihove	✓			✓				✓
timbila	✓			✓			✓	
tufo	✓			✓			✓	
uzarambo	✓			✓			✓	
xanguana	✓			✓				✓
xikwembo	✓			✓			✓	
xigubo	✓			✓			✓	
xiguila	✓			✓			✓	
xiguiana	✓			✓			✓	
xiguinha/ chiguinha	✓			✓			✓	
xingombela	✓			✓			✓	
xingomana	✓			✓			✓	
xipalapala	✓			✓			✓	
xiparatuana	✓			✓				✓
xissaizana	✓			✓			✓	
xitlakua-guinha	✓			✓				✓
xirico	✓			✓			✓	
wasuwasu	✓			✓				✓
ziarat			✓	✓				✓
ziota	✓			✓			✓	
zungua	✓			✓			✓	
zuketa	✓			✓				✓

**B: Neologismos do Português**

NEOLOGISMO	Classificação do Neologismo		Processo de Formação do Neologismo			
	Formal	Semântico	Composição	Derivação	Hibridização	Outros
afinar		✓				
almofadinha		✓				
amarrar		✓				
anelação/anelamento	✓	✓		✓		
anelar		✓				
argola		✓				
arroz chau chau	✓	✓	✓		✓	
arroz chaumin	✓	✓	✓		✓	
arroz fogado	✓	✓	✓			
arroz pulau	✓	✓	✓		✓	
bafar	✓	✓				✓
blindar		✓				
caldo		✓				
capulana		✓				
caril		✓				
colchão de noiva		✓	✓			
cozinhar	✓	✓				
curandeiro		✓				
descapular		✓		✓		
engarrafar		✓	✓			
infelicidade		✓				
meias de vidro	✓	✓	✓			
marrabenta	✓	✓			✓	
missa	✓	✓				
modascavalo/ moda xikavalu		✓	✓			
kuduro	✓	✓		✓		
sograria		✓		✓		
taco		✓	✓			
tacudo	✓	✓		✓		
tratar		✓				

## APÊNDICE - II

PROFISSÕES/ TRABALHO

## A: Empréstimos como Neologismos

Empréstimo	Origem do Empréstimo			classificação do Empréstimo				
	Bantu	Inglês	Ásiáticas	Neces- sários	luxo	decalques	adaptados	Incorpo- rados
batia/battiá								✓
bizniceiro		✓					✓	
bipar		✓					✓	
boss		✓			✓			✓
boice		✓			✓		✓	
boldar		✓					✓	
candongueiro	✓						✓	
cipaio	✓						✓	
culima/culimar	✓						✓	
deletar		✓					✓	✓
dumbanengue/ dumba-nengue	✓						✓	✓
farma		✓					✓	✓
farmeiro		✓					✓	✓
guadjicar/guadjissar	✓							✓
gueva	✓						✓	
guevar	✓						✓	
macaiaia	✓						✓	
machamba	✓						✓	✓
machambeiro	✓						✓	✓
machila/machileiro	✓						✓	✓
machimbombo	✓	✓						✓
madjermane	✓							✓
madjolidjo	✓							✓
madjonidjoni	✓							✓
madunana/madunani	✓							✓
magaíza/magaís-sa	✓						✓	✓
magaíça	✓						✓	
mainato	✓			✓			✓	✓
malemo			✓				✓	✓
maulane/mualimo			✓				✓	
mambo	✓						✓	✓
mulungo	✓						✓	
mulungu	✓							✓
mukherista	✓						✓	✓
mukhero	✓						✓	✓
ninja		✓						✓
printar		✓					✓	
tchovar	✓						✓	
tchova-xitaduma	✓							✓
vunar	✓						✓	

**B: Neologismos do Português**

NEOLOGISMO	Classificação do Neologismo		Processo de Formação do Neologismo			
	Formal	Semântico	Composição	Derivação	Hibridização	Outros
acessar		✓				
afectação		✓				
agudizar		✓				
ajuste		✓				
alarmar		✓				
apanhar		✓				
banca		✓				
barraca		✓				
batedor		✓				
burra		✓				
carreira		✓				
celular		✓				
chapa		✓				
chapeiro/chapista	✓	✓		✓		
cooperante		✓				
dobra/dobrar		✓				
empregado doméstico		✓	✓			
estrutura		✓				
ganho-ganho	✓	✓	✓			
guarda de carros		✓	✓			
guinar		✓				
limpador de carros			✓			
quadro						
Vendedor de rua			✓			
xiconhoca						